



ANDRESA MARTINS RODRIGUES

**ESCRITA DE UM PASSADO ARGENTINO: A REVISTA CULTURAL
PUNTO DE VISTA (1982 – 1989)**

CAMPINAS
2014



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

ANDRESA MARTINS RODRIGUES

**ESCRITA DE UM PASSADO ARGENTINO: A REVISTA CULTURAL
PUNTO DE VISTA (1982 – 1989)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do Título de Mestra em História, na Área de Concentração: Política, Memória e Cidade.

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Andresa Martins Rodrigues, e orientada pelo Prof. José Alves de Freitas Neto e aprovada no dia 25/03/2014.

CAMPINAS
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

R618e Rodrigues, Andresa Martins, 1985-
Escrita de um passado argentino : A Revista Cultural Punto de Vista
(1982-1989) / Andresa Martins Rodrigues. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Punto de Vista (Revista) . 2. Intelectuais - Argentina - História. I. Freitas
Neto, José Alves de, 1971-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Writing of an Argentinian Past (1982-1989) : the cultural magazine
Punto de Vista (1982-1989)

Palavras-chave em inglês:

Punto de Vista (Magazine)
Intellectuals - Argentina - History

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

José Alves de Freitas Neto [Orientador]
Regina Aida Crespo
Silvana Barbosa Rubino

Data de defesa: 25-03-2014

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 25 de março de 2014, considerou a candidata ANDRESA MARTINS RODRIGUES aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be "José Alves de Freitas Neto".

Profa. Dra. Regina Aida Crespo

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be "Regina Aida Crespo".

Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be "Silvana Barbosa Rubino".

RESUMO

Os anos entre o golpe de Estado de 1976 e o final da ditadura, em dezembro de 1983, se apresentam para a sociedade argentina como um período traumático com muitas questões a serem tratadas, ainda sem muitas respostas definitivas. Ao historiador há uma pluralidade de problemáticas que continuam insuficientemente inexploradas, principalmente pela dificuldade da documentação. Portanto, tendo como fonte a revista de cultura Punto de Vista, o objetivo desta dissertação foi mapear as discussões suscitadas com o advento da democracia e entender como os atores sociais, mais especificamente, os intelectuais, participaram e se posicionaram diante destes debates. Este periódico argentino cuja primeira publicação foi no ano de 1978, como uma forma de resistência ao regime, se reconfigurou no decorrer dos anos, dialogando com os problemas culturais, políticos e sociais da Argentina redemocratizada.

PALAVRAS CHAVE: Argentina – Punto de Vista – intelectuais – história

ABSTRACT

The years between the 1976 coup d'état and the end of the dictatorship, on December 1983, present themselves to the Argentine society as a traumatic period with many questions to be tackled, still with not many definite answers. To the historian, there is a plurality of issues that remain insufficiently unexplored, mainly due to the difficulty of documentation. Therefore, taking as source the cultural magazine *Punto de Vista*, the objective of this dissertation has been to map the discussions raised with the advent of democracy and understand how the social actors, more specifically the intellectuals, participated and positioned themselves facing these debates. This Argentine periodical that had its first publication in the year of 1978, as a way of resistance against the regime, has reconfigured itself over the years, dialoguing with the cultural, political and social problems of a redemocratized Argentina.

KEYWORDS: Argentina – *Punto de Vista* – intellectuals – history

Sumário

Introdução	1
<i>La gente de Punto de Vista</i>	<i>4</i>
<i>Caminhos para um estudo da revista Punto de Vista</i>	<i>12</i>
Capítulo 1 – As revistas culturais argentina em tempos de censura	19
<i>Em busca de uma posição: as revistas culturais e a crítica ao regime ditatorial</i>	<i>25</i>
<i>Punto de Vista: o lugar reivindicado na cultura argentina e a reflexão sobre a esquerda</i>	<i>31</i>
<i>O intelectual e seu tempo: um modo de resistência</i>	<i>36</i>
Capítulo 2 – A crítica da cultura como um modo de intervenção política	43
<i>Teorias da crítica: Punto de Vista na tensão entre continuidade e ruptura</i>	<i>45</i>
<i>Tradição e marginalidade na construção de um espaço alternativo</i>	<i>53</i>
Capítulo 3 - Punto de Vista na redemocratização argentina	67
<i>A memória e as reinvenções do passado recente</i>	<i>67</i>
<i>Um novo espaço e o reagrupamento intelectual</i>	<i>73</i>
<i>A caminho de um posicionamento democrático</i>	<i>80</i>
<i>O processo de ruptura ideológica</i>	<i>88</i>
<i>Em busca de uma reconciliação entre ação e pensamento</i>	<i>93</i>

Capítulo 4 – O papel da História na revista <i>Punto de Vista</i>:	
miríade de referências	103
<i>Cultura: conceito importante ou posicionamento</i>	105
<i>A força de história ou como a história marca a crítica cultural</i>	113
<i>Punto de Vista e um programa de estudos históricos no marco da democracia</i>	125
<i>Aportes para uma história militante ou da militância?</i>	137
Conclusão	147
Referências	151
Anexo	165
<i>Biografias</i>	165
<i>Punto de Vista</i>	177

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a uma pessoa que nunca deixou de fazer o que podia para que eu estivesse bem e pudesse seguir com aquilo que eu julgava ser importante.

***Mãe**, é por causa dos nossos encontros e desencontros que dedico este trabalho à você.*

AGRADECIMENTOS

Lembrar de todos aqueles que fazem ou fizeram parte de nossas vidas é algo muito difícil, aliás, lembrar daqueles que estão mais presentes mesmo nesses últimos meses quando realizei esse trabalho também não é simples. Assim, citarei aqueles que estão em minha memória e se esqueci de alguém quero que saibam que o carinho que sinto vai além de uma simples página.

Antes de tudo, devo agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço ao Professor Doutor José Alves de Freitas Neto, por toda liberdade que me deu e confiança que demonstrou em meu trabalho, afinal das contas fui até o ‘fin del mundo’ (literalmente) para encontrá-lo e descobrir a inspiração para realizar meu projeto. Projeto este que o Zé (digo Zé respeitosamente pelo afeto que ele mostrou como orientador) abraçou e orientou. Esteve sempre disposto a proporcionar, à mim e aos meus colegas, seus ensinamentos pessoais e experiências. Mostrou-me que a América é bela em sua multiplicidade.

Agradeço às Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino, ao Prof. Dr. Leandro Karnal e a Profa. Dra. Regina Crespo pelas considerações realizadas na banca de qualificação e de defesa.

Não posso deixar de agradecer ao Grupo de Estudos de América Latina da Unicamp, que através de tantas pessoas com pensamentos tão distintos pode enriquecer a minha experiência pessoal e acadêmica. Em especial a atenção de algumas pessoas como o Marcos pela ajuda durante a elaboração do meu projeto; Priscila, Ívia e Carolzinha por tantas conversas produtivas e leituras atenciosas. Agradeço ao Caio e ao Pavani por toda amizade e o apoio, pela “mesa de bar” que tornaram esse caminho mais divertido. Por fim, agradeço ao meu grande amigo José, por me mostrar como é possível superar obstáculos e limites, que na simplicidade fazemos grandes coisas. Sinto que percorremos esse caminho juntos nos completando, nos fortalecendo; obrigado pela rica troca e pela cumplicidade.

Quero agradecer também as amigas Luciana, Keiko, Raquel e Máira pessoas queridas com que sempre pude contar para dividir alegrias e tristezas da investigação. Dois

outros amigos merecem meu carinho: Thiago, obrigada por ter acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditava. Agradeço toda a dedicação e amizade, você foi o milagre que eu estava esperando. Flávia, você é a irmã que eu encontrei nesta vida, seu sorriso sempre me trouxe esperanças e me deu forças pra continuar. A vida com você é mais acolhedora.

Reparto também com meu pai, Ailton, toda a alegria e satisfação do trabalho concluído. E ao Nilson e Márcia, minha segunda família, toda minha gratidão.

Por último, e não menos importante, agradeço ao Saulo por toda paciência, atenção, companheirismo e amor, por ser meu refúgio e porto seguro onde me exilei para terminar esta pesquisa.

Introdução

O propósito desta dissertação é analisar aspectos da cultura política da Argentina recente a partir dos discursos dos intelectuais nucleados em torno da revista cultural e literária argentina *Punto de Vista. Revista de Cultura* (1978-2008), publicada em Buenos Aires. A revista teve participação importante nos debates realizados entre o final da ditadura militar e no período de redemocratização por, dentre outros aspectos, congregar um grupo de intelectuais que pensaram as características culturais argentinas como parte do debate político e social, sobretudo no que se refere à construção de uma cultura política democrática.¹ O grupo que usava a revista como plataforma de suas ideias, alcançou uma relevância no campo intelectual apresentando uma maneira de escrever sobre os fatos de sua contemporaneidade, na qual o discurso cultural era articulado com os discursos político e histórico. Ao longo de três décadas de publicação, paulatinamente, conseguiram se constituir como responsáveis por definirem as pautas que se relacionavam como os campos da cultura e da política argentina.

A análise privilegiou os discursos veiculados em *Punto de Vista*² publicados especificamente no período de 1982 a 1989, durante o período que engloba o momento no qual se convencionou chamar de transição e a etapa de concretização da democracia – a eleição, a ascensão e o governo do radical Raúl Alfonsín (1927-2009).³ Foi uma fase de reconstrução política e cultural, marcada pela reflexão a respeito da tradição democrática, realizada principalmente a partir das discussões acerca do terror e da violência vivida pela sociedade argentina na década de 1960 e 1970. Interessou destacar como, naquele contexto,

¹ Neste trabalho, optou-se por trabalhar com um grupo de intelectuais composto não apenas pelos membros do conselho de direção da revista, mas também como os seus colaboradores que assiduamente participavam do periódico com suas produções intelectuais.

² *Punto de Vista. Revista de Cultura* foi chamada ao longo desta dissertação apenas de *Punto de Vista*, nome pelo qual foi e continua sendo citada com frequência nas análises e referências do campo intelectual argentino.

³ Raúl Alfonsín foi um dos dirigentes da Unión Cívica Radical (UCR), partido histórico fundado em 1981. Em sua carreira política ocupou cargos como representante público a nível municipal, chegando a ser deputado nacional. Após uma exitosa campanha que arrastou multidões, ganhou em 30 de outubro de 1983 as eleições presidenciais. Assume o governo da Argentina em 10 de dezembro do mesmo ano, depois de sete anos de governo militar. Sua gestão ficou marcada pelo feito do julgamento das juntas militares e pela crise inflacionária, que o obrigou a entregar o poder seis meses antes ao peronista Carlos Saúl Menem, em 8 de julho de 1989.

houve uma intersecção entre a demanda pela democratização da sociedade e a exigência pela memória, expressadas nos diversos modos de tentar compreender o passado próximo.

O colectivo intelectual por trás de *Punto de Vista* acreditava que a revista tinha um papel importante a ser desempenhado neste processo pela qual a sociedade argentina passava. Ela era a materialização de ideias e propostas, cujo foco era o desenvolvimento de uma cultura política democrática para a Argentina. Na concretização deste projeto, percebeu-se que os intelectuais atuaram a partir de dois eixos: um relativo a atualizações teóricas que geravam diferentes perspectivas sobre “objetos culturais”; outro que incidia em retomar temáticas-chaves do campo intelectual argentino, remetendo ao diálogo com uma tradição crítica e intelectual mais antiga.

Um traço marcante dos discursos presentes no periódico era a quebra das barreiras disciplinares. Nos artigos publicados eram utilizados arcabouços teóricos e metodológicos provenientes de diversos campos das ciências humanas.⁴ Assim, estes críticos se cercaram de instrumentos analíticos que os permitiam oferecer interpretações distintas de temas da cultura argentina. A diferenciação se dava não apenas em relação às análises consolidadas, mas também porque buscaram realizar leituras de objetos ignorados pela tradição crítica argentina.⁵ Desta maneira, ao mesmo tempo em que a publicação surgia na cena intelectual com uma proposta renovadora, seus intelectuais a construíam levando em consideração temas e debates clássicos e relevantes da cultura argentina. Por estes motivos, o discurso histórico – que emergia com força na sociedade argentina, na década de

⁴Os campos disciplinares que mais se destacavam eram o da história, da sociologia, da teoria política e o da crítica literária. O discurso teórico de Raymond Williams foi reconhecido pelos intelectuais de *Punto de Vista* e pela bibliografia que já analisou o periódico como um exemplo de discurso alternativo e atualização teórica. Um dos motivos mais evidentes da difusão, iniciada a partir de 1979, do “materialismo cultural” inglês era a tentativa de seguir pensando as conexões entre cultura e política nas condições impostas pelos militares. Esta problemática foi adensada ao longo das reflexões, nos diferentes capítulos.

⁵ Apenas para clarificar a problemática, pode-se citar a análise da revista argentina *SUR*, publicada em *Punto de Vista* com o intuito de desmistificar estereótipos sobre a formação de seu grupo e sua significação. A revista *SUR* foi publicada na Argentina regularmente entre 1931 e 1970. A ação do periódico tem sido associada à figura de sua diretora Victoria Ocampo. A intelectualidade argentina não cansou de tentar achar uma definição para o periódico, que foi analisado como “elitista”, “burguês”, “esteticista” e “cosmopolita”. Para *Punto de Vista* estas definições, baseadas em ideologias e dogmas, eram responsáveis pela exclusão deste objeto cultural de uma história da cultura ou da literatura da tradição crítica de esquerda. Uma das propostas de *Punto de Vista* era releitura destes temas importantes da história argentina e apresentar interpretações distintas das consagradas.

1980, pelas questões conjunturais – ganhou um espaço considerável nas páginas da publicação e mereceu uma especial atenção nestas análises.

O grupo nucleado ao redor de *Punto de Vista* acreditou que a história da Argentina era um terreno fértil, através do qual poderiam construir suas intervenções. Durante a transição a maior parte dos ensaios e resenhas bibliográficas desenvolviam reflexões a partir da crítica de fragmentos da história argentina. Os trabalhos se inseriam nos campos da história das ideias, intelectual, cultural, literária, psicanálise e memória.⁶

A partir do pressuposto de que a história teve um papel importante, como disciplina e ciência que analisa o passado, pensada dentro de uma noção de cultura e como perspectiva analítica na crítica literária, que o presente trabalho interpretou a crítica cultural do periódico. Sustenta-se a hipótese de que *Punto de Vista* participou de uma disputa pelo passado por intentar conferir um sentido à história argentina. Nesta perspectiva, o olhar para o passado era ao mesmo tempo um olhar para o futuro na tentativa de participar de sua construção.

Para entender o porquê o discurso histórico era a forma de explicação da política, da cultura e da sociedade argentina, também foi necessário se debruçar sobre os exemplares publicados anteriormente, quando a Argentina vivia sob o governo militar implantado por um golpe em 1976. Por dois motivos: primeiro, as discussões levadas a cabo nesta primeira fase da democracia, estavam ligadas diretamente com os acontecimentos vividos na conjuntura que a antecedeu. Em segundo lugar, foi difícil compreender as características do periódico sem indagar a respeito da conformação de seu projeto político-cultural iniciado em 1978, e suas possíveis transformações após 1983, desaparecidas as condições repressivas e de censura.

⁶ KING, John. Las revistas culturales de la dictadura a la democracia: el caso de “Punto de Vista”. In: KOHUT, Karl; PAGNI, Andrea. [Actas del Coloquio] **Literatura argentina hoy: de la dictadura a la democracia**. Frankfurt am Main : Vervuert, 1993.

*La gente de Punto de Vista*⁷

No mês de março de 1978, em Buenos Aires, estava exposto nas bancas de jornal e em lugares de grande circulação o primeiro número da revista *Punto de Vista*, em preto e branco, com formato retangular e com 32 páginas. Seu nome aparecia estampado do lado esquerdo, no canto superior da capa, formando um ângulo de 90°. Sendo que a letra “O” estava no vértice, marcando o local distante e privilegiado de onde a visão perceberia o mundo. A capa apresentava ainda uma ilustração de uma janela entreaberta e um indivíduo, cuja face não se revelava inteira, espiava o que a abertura permitia revelar. As chamadas – “*Fin del mundo, superstición y milenarismo*”, “*El lugar de la cultura*”, “*Novela latinoamericana, parodia y grotesco*” – eram enunciação de uma tragédia.⁸ O conjunto demonstrava uma inquietação e um temor diante da ideia de um mundo sem perspectivas e em crise. A citada revista então, a cada exemplar que organizava afirmava sua iniciativa em tentar entender e explicar aos leitores algo que lhe parecia sem sentido: a ditadura militar.

Punto de Vista irrompeu na cena cultural e política argentina em um momento caracterizado pelo controle dos espaços relativos à cultura e pela perseguição os indivíduos identificados com a ideologia de esquerda. Pretendia ser um espaço aberto de expressão intelectual, um ambiente heterogêneo que convocava e agregava indivíduos que possuíam convicções e objetivos em comum, visavam manter vivo o debate e a circulação de ideias. O projeto do periódico foi uma resposta à constatação de que era necessário rearticular o campo intelectual argentino, então fragmentado, censurado e destruído pelo terrorismo de Estado levado a cabo pelos militares. Seus formuladores estavam convencidos de que a revista era o único instrumento possível para a existência de uma intelectualidade que tinha em vista a resistência ao autoritarismo e a sobrevivência da cultura argentina e da própria produção intelectual. Os idealizadores do empreendimento e os colaboradores compartilhavam a perspectiva de que os intelectuais poderiam se inserir no debate político a partir da cultura. Portanto, nesta primeira fase a crítica foi pensada para atuar como

⁷ O título alude ao termo que José Pablo Feinmann usa para se referir ao grupo que organizava o periódico, em um texto publicado em *Punto de Vista* como direito de réplica no número 18, em agosto de 1983.

⁸ A capa a qual se faz referência se encontra no anexo desta dissertação.

resistência e tinha a intenção de restaurar o discurso cultural e intelectual.⁹ A respeito da articulação e montagem do primeiro exemplar Beatriz Sarlo¹⁰, diretora do periódico em seus trinta anos de atividade, lembrou:

Le presentamos nuestro proyecto a Jaime Rest, el crítico que había entrado en una lista de perseguidos en la Universidad del Sur. Desde Estados Unidos, Jean Franco le envió un artículo a Piglia, publicado en primer número. Un joven antropólogo argentino, Miguel Ángel Palermo, con reservas pero admirable resolución, firmó el artículo que publicaríamos en ese difícil comienzo. Otro antropólogo y experto en educación de adultos, Fernando Mateo, estuvo dispuesto a poner su nombre desde el principio. Carlos D. Martínez, con una decisión que combatía el temor de aparecer públicamente, no entregó un relato. Alberto Perrone se comprometió a traer notas y poemas. Mandamos algunas cartas al exilio, simplemente para que se enteraran de este proyecto tan precario material e intelectualmente. Desde el exilio, Mario Szichman nos mandó un fragmento de novela; algún amigo puso 100 dólares en un sobre; otro, un rolla de revistas para que no quedáramos separados por completo de lo que pasaba en el mundo.¹¹

Uma rede intelectual começava a se tecer. Era o princípio da criação de um espaço onde os laços se constituíam por afinidades intelectuais e na manifestação de sentimentos como a cooperação e a solidariedade. Para reconstrução do campo intelectual, a primeira tarefa era restituir contatos e estabelecer novas pontes de diálogo, visando emergir no mundo das letras. A revista se constituía também como uma ponte entre a cultura local e a internacional.¹² As traduções críticas do pensamento europeu sobre a análise literária, pouco conhecidas na Argentina, os artigos e outras informações vindas do exterior, foram elementos no quais os intelectuais afirmavam o periódico como espaço

⁹ OLMOS, Ana Cecilia Arias. **Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural – una lectura comparada de “Punto de vista” y “Novos Estudos Cebrap”**. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – FFLCH-USP, São Paulo, 2000.

¹⁰ Como este trabalho ancorou-se na ideia de rede intelectual, tentou-se mapear sua composição. No entanto, para a maioria dos intelectuais não foi encontrada informação biográfica e assim foi impossível estabelecer se as relações vinham de vínculos familiares, de amizade, etc. Portanto, uma lista de nomes de membros que participaram da rede, foi elaborada, levando em consideração esta limitação e a importância com a qual os colaboradores participaram do periódico. Nesta lista presente no apêndice, ficou mapeado o espaço intelectual por onde a revista circulou.

¹¹ SARLO, Beatriz. “*Punto de Vista*. Una revista en dictadura y democracia”. In: SOSNOWSKI, Saúl (ed.). **La cultura de un siglo. América Latina en sus revistas**. Madrid-Buenos Aires: Alianza, pp. 525-533; p.526

¹² LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. **Localismo y Globalización: aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica**. Consejo superior de investigaciones científicas: Instituto de Historia, Madrid, 2000, p.224.

alternativo e porta voz da modernização. *Punto de Vista* começava a conformar relações sociais, em um tipo de geografia imaginária que ultrapassava a noção de fronteiras físicas e temporais e possibilita contatos que não eram pessoais.¹³ Ainda que a rede era composta pelos editores, colaboradores – através de contatos pessoais e profissionais – existiam outros personagens, pessoas evocadas nos textos através das citações, que participavam como referências. O caso de Raymond Williams (1921-1988) pode ser considerado emblemático, pois a revista esteve em toda sua existência em diálogo com o crítico.

As considerações apontadas por Raymond Williams sobre as análises dos círculos culturais em seu clássico artigo “*O Círculo de Bloomsbury*”¹⁴ permitiram pensar que cada grupo intelectual possui uma organização interna, se relaciona com a sociedade e com outros grupos intelectuais, seja para polemizar ou se alinhar. Para este trabalho foi pertinente analisar o coletivo intelectual citado a partir dos conceitos de Williams, pois eles foram referências e serviram de ferramentas para sua legitimação dentro do campo intelectual argentino, usadas ao longo de sua trajetória.¹⁵ Contudo, cabe destacar por ora apenas as reflexões sobre a origem do periódico. Como afirmou o autor, muitos grupos se conformam a partir dos laços de amizade. Em *Punto de Vista* as ideias e atividades partilhadas que geravam a amizade, contribuíram para a formação e distinção enquanto grupo, pelo menos em seu início.

A publicação foi fruto do reencontro, em meados de 1977, em um café de Buenos Aires, dos amigos Beatriz Ercilia Sarlo Sabajanes, Carlos Washington Altamirano e Ricardo Piglia.¹⁶ Haviam compartilhado a experiência de dirigir a revista *Los Libros*¹⁷, que

¹³ Este conceito é trabalhado por Alejandra Pita González em seu estudo sobre a aplicação do conceito de redes intelectuais no estudo da história intelectual, tendo as revistas como fontes privilegiadas. GONZÁLEZ, Alejandra Pita. “Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales”. In: MONTIEL, Celia del Palacio Montiel; MENDOZA, Sarely Martínez (coord.). **Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970**. México, Universidad Autónoma de Chiapas. 2008, pp. 77-85, p.80.

¹⁴ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp.201-230.

¹⁵ LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. Op. Cit., p.227.

¹⁶ Inicialmente Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano e Ricardo Piglia se encontravam, segundo Sarlo, “*en alguna casa que conseguían los políticos*” de um pequeno partido de esquerda revolucionária, o Vanguardia Comunista, cujo contato se fazia via Piglia. As discussões se centravam na política (marxismo, revolução e guerrilha), porém com a constatação da desarticulação da esquerda pelo aparato repressivo, as reuniões passaram a se realizar em torno de problemáticas ligadas a história literária e cultural argentina. Realizadas no Centro Editor de América Latina eram chamadas de Salón Literário. SARLO, Beatriz. “*Punto de Vista. Una revista en dictadura y democracia*”. p.526.

¹⁷A apresentação e a importância deste periódico foi destacada no primeiro capítulo desta dissertação.

havia circulado na Argentina entre 1969-1976, quando foi fechada pelos militares. Os três concluíram suas graduações na década de 60 em distintas universidades argentinas, Sarlo e Altamirano em Letras, em Buenos Aires e Quilmes respectivamente, e Piglia em História, em La Plata. Imersos na cultura política da esquerda, tinham militado no PCR – Partido Comunista Revolucionário da Argentina – e após o golpe entraram em grupos de estudos e discussão, identificados com a vertente maoísta, onde se deu a articulação com o psicólogo Hugo Vezzetti e com a também crítica literária Maria Teresa Gramuglio, que participaram do projeto da publicação. Gramuglio havia acabado de chegar a Buenos Aires, vinda de Rosário, depois de ser vítima de ameaças por sua atividade docente. Como os outros membros de *Punto de Vista*, participou das lutas políticas travadas na década de sessenta. Foi redatora junto com Nicolás Rosa do Manifesto de Tucumán.¹⁸

A publicação foi lançada com o financiamento do partido revolucionário de esquerda *Vanguardia Comunista*.¹⁹ Tal ajuda econômica foi indispensável para a realização dos primeiros três números e permaneceu em sigilo absoluto como estratégia para não despertar suspeitas. Nesta fase de criação saíram quatro exemplares, porém com a queda dos dirigentes do partido - Elías Semán, Abraham Hochman y Rubén Kriscautski desapareceram em 1978 - a circulação teve que ser repensada e a partir de 1979 passaram a ser publicados três números por ano, periodicidade mantida até seu encerramento. Durante a ditadura a publicação não sofreu apenas com as questões econômicas, pois além de perderem o financiamento vendiam poucos exemplares. Cabe ressaltar que a tiragem de *Punto de Vista* era pequena, Sarlo, lembrando do vivido, declarou que ela própria distribuía as cópias nos pontos de vendas. A situação os obrigava a produzir o projeto

¹⁸ No momento mais duro do governo do presidente Juan Carlos Onganía, em 1965, na Confederação Geral do trabalhadores argentinos de Rosário, um grupo de militantes exibiu material fílmico, fotografias e cartazes. Apresentaram um manifesto com conteúdo político, contendo denúncias sobre a grave situação que viviam na Província de Tucumán. Essa amostra denominada *Tucumán Arde* foi somente uma das ações. O resultado das outras várias ações foi apresentado enganosamente como Primeira Bienal de Arte de Vanguarda e por isso não foi censurada. Contudo, em um encontro posterior a estes eventos, os intelectuais envolvidos com as atividades sofreram ameaças policiais. Maria Teresa Gramuglio, assim como Nicolás Rosa, se mudou para Buenos Aires na tentativa de escapar da repressão.

¹⁹ O contato com os membros do partido se deu através de Ricardo Piglia que era amigo de alguns dos militantes. *Vanguardia Comunista* fue un partido marxista-leninista fundado en 1965 por un grupo de militantes proveniente del Partido Socialista Argentino de Vanguardia (desprendimiento de izquierda del Partido Socialista), entre quienes se destacaron Elías Semán, Roberto Cristina, Rubén Kriscautski y Saúl Micflic. Ver em site: <http://www.prmlargentina.org/vanguardiacomunista>

visando poucos pares, sobretudo pela tensão e o medo, por isso a adoção de pseudônimos ou o total anonimato dos textos, assim como o uso do nome de Jorge Sevilla como diretor. Sevilla era um psicólogo amigo que emprestou seu nome para que a revista não fosse perseguida e proibida, pois os militares poderiam pensar que *Punto de Vista* era uma tentativa de reanimar a *Los Libros*.²⁰

Contudo, mesmo sem nenhuma ajuda financeira, como grupo intelectual independente, resolveram continuar com a iniciativa e fazer a revista circular em um espaço, ainda que restrito. Aos poucos a rede de intelectuais foi sendo revelada, concomitantemente com a dissipação do medo perante a repressão. No sexto número Beatriz Sarlo aparecia como secretária e, em meados de 1981 surgiram os nomes dos integrantes do Conselho de direção – os mesmos que acabaram de ser citados. Até o princípio da abertura democrática o grupo editorial sofreu mudanças provocadas principalmente pelas polêmicas políticas e ideológicas: Piglia abandonou o conselho por divergências políticas, as quais não apareceram explicitadas. Hilda Sabato foi incorporada após um estreitamento com o grupo devido à oposição à guerra das Malvinas, em 1982. Sabato durante sua juventude também tinha sido militante em partidos de esquerda independentes. Na década de 70 quando ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, optou pela história como opção política e se aproximou da juventude peronista indo contra a tradição anti-peronista de sua família. Com o golpe de 1976 se exilou na Inglaterra, voltando apenas em 1978.²¹ Desde o momento de seu regresso participou dessa rede de intelectuais que se encontrava para discutir sobre cultura e política. Foram nestes encontros onde os vínculos com a gente de *Punto de Vista* se estreitaram.

Advindos do exílio, José María Aricó e o sociólogo Juan Carlos Portantiero – duas figuras máximas da esquerda argentina – completaram a formação que trilhou durante a década de 1980 um diálogo com sua sociedade. Explorar sobre o passado de militância destes intelectuais fugiria muito dos temas propostos por esta dissertação e existem muitos

²⁰ Os sentimentos de medo e de coragem podem ser interpretados como motivadores do fazer política cultural. Para Sarlo havia uma tensão entre publicar e ser lido. Escrever era entendido como resistência, paralelamente, o fato de a publicação quase não ser lida a fazia invisível, o que os encorajava a continuar escrevendo. SARLO, Beatriz. “*Punto de Vista*. Una revista en dictadura y democracia”. p.528.

²¹ Memoria Abierta, Testimonio de Hilda Sabato, Buenos Aires, 2005.

trabalhados que se ocuparam deste tema. Cabe ressaltar dois pontos em relação a estes militantes. Primeiro, tendo como influência novamente as ideias de Williams, pode-se discutir como *Punto de Vista*, enquanto círculo cultural, se identificava com um corpo de práticas *ethos* particular. O relacionamento estabelecido com Aricó e Portantiero parecia se dar, neste primeiro momento, através de uma “*consciência social*”²²; na formação de uma complexa posição política específica em relação as reflexões de construção de uma democracia socialista. Com a presença de Aricó e Portantiero, os temas principais giravam em torno da revisão do marxismo e do socialismo, da construção da democracia e do posicionamento dos intelectuais no novo cenário democrático. A democracia mobilizava os debates de todo o grupo em torno da necessidade da renovação da cultura política argentina, e especificamente, da cultura política da esquerda.²³

O outro ponto interessante nos laços entre estes intelectuais foi que abriram a possibilidade de problematizar o conceito de geração.²⁴ Aricó e Portantiero nasceram em 1931 e 1934, respectivamente, em torno de 10 anos antes, do núcleo intelectual aqui destacado. Na ocasião da morte de Portantiero em 2007 Beatriz Sarlo contou que: “*la primera vez que escuchó el nombre de Portantiero fue en boca de mi madre, tardía estudiante de literatura, que publicaba en la Facultad al joven escritor.*”²⁵ *Punto de Vista* foi considerada como fonte para se conhecer a intelectualidade e seus debates, em outras palavras, a dinâmica do campo intelectual argentino de um determinado momento. Foi pensada como um veículo importante na produção, difusão e circulação de ideias estéticas e políticas, como instrumento no combate cultural de sua época. Por isso, discutiu-se neste trabalho como o periódico era um espaço de confluência de um setor da esquerda argentina

²² WILLIAMS, Raymond. Op. Cit., p.210.

²³ Entende-se que estes intelectuais querem romper com a cultura política autoritária que possui nos anos 1980 duas fontes: os regimes militares e por outro lado, as configurações político-culturais vindas dos setores de esquerda e também do peronismo. O conceito de cultura política permite entender e explicar comportamentos de atores individuais ou coletivos, privilegiando suas próprias percepções, lógicas cognitivas, memórias, vivências e sensibilidades. Martha Abreu (orgs.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.14.

²⁴ SIRINELLI, Jean-François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.254.

²⁵ GERCHUNOFF, Pablo. “Portantiero: memoria afectiva y biografía intelectual.” **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XXX, nº88, ago. 2007, p.45.

e não se atribuiu o termo geração, pois no conselho de direção faziam parte intelectuais de diferentes faixas etárias.

Nos anos 1990 Adrián Gorelik arquiteto e historiador se juntou ao grupo influenciando na adoção das temáticas relativas ao estudo da cidade. Posteriormente junto com Sarlo foi o responsável pelo planejamento dos temas e conteúdos. Ainda na década de 1990 Portantiero se retirou e foi criado um Conselho Assessor composto pelos cineastas Raúl Beceyro e Rafael Filippelli, pelos filósofos Jorge Dotti e Oscar Terán, pelo músico Federico Monjeau e a escritora Ana Porrúa.²⁶ Ao longo de toda sua trajetória *Punto de Vista* optou por tratar de problemas a partir da cultura intelectual. Os enfoques das temáticas da cidade, da cultura urbana, incorporadas a partir dos anos 1990, assim como o maior espaço cedido às críticas de cinema, de música, as análises de fotografia, levavam em conta esta característica.

Todos sem exceção estavam incorporados à revista, já participavam assiduamente como colaboradores. A entrada na direção apenas ratificava a necessidade de renovação e contato com a contemporaneidade com a qual se identificava *Punto de Vista* e, a adesão destes intelectuais a seu projeto. Sua última fase, o período que compreende os anos de 2004 a 2008, foi marcada principalmente pela saída e distanciamento de Carlos Altamirano, Maria Teresa Gramuglio e Hilda Sabato. Os editoriais referentes à ruptura – publicados no número 79, em 2004 e depois no número 90, em 2008 – permitem inferir como não apenas a amizade e as afinidades promoveram a formação do grupo, mas como a briga e o rancor também desempenharam papéis decisivos.²⁷ A construção do “nosotros”, uma identidade grupal em relação às ideias políticas e estéticas, foi considerada como importante na compreensão do projeto de *Punto de Vista*. Por isso, quando a revista, ao que parece, parou de conservar uma forte coesão de perspectivas por parte de seus membros, entrou em crise que resultou nas renúncias – Sarlo e Gorelik apresentavam posições contrárias a Altamirano, Sabato e Gramuglio. Em 2008, após ser publicada por 30 anos ininterruptamente, o número 90 anunciava seu fim explicado, nas palavras de Sarlo, pelo esgotamento do “*deseo de revista*” por parte de seus próprios intelectuais.

²⁶ Esta fase e formação não foram aprofundadas, pois foge da periodização proposta nessa dissertação.

²⁷ SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit., p.250.

Os elementos citados dizem muito sobre como as trajetórias intelectuais individuais podem se encontrar na construção de um projeto coletivo, com preocupações referentes a temas culturais, intelectuais ou políticos. Este trabalho pensou a revista, sobretudo, como fruto de uma ação coletiva que visava intervir na esfera pública, a partir do discurso intelectual. Neste sentido o periódico era um meio pelo qual o intelectual se relacionava com a política, a cultura e a sociedade.

Apenas com o mapeamento das entradas e saídas na direção do periódico, pode-se já pensar que em cada momento a revista apresentou aspectos próprios, diferenciados tanto pelas preocupações políticas quanto pela ênfase às temáticas abordadas por cada intelectual. A característica principal dos primeiros anos foi a manifestação da opinião por meio de metáforas, através de temas relacionados com a crítica literária, com a história, a psicologia, com ênfase em literatura. A opção era óbvia, Sarlo, Altamirano e Gramuglio estavam mais familiarizados com as discussões da área de letras. Além disso, neste momento Sarlo e Altamirano além de serem parceiros de leitura eram um casal. As reflexões contidas no livro “*Amor & Arte*”, ajudaram a compreender como a relação afetiva dos dois influenciou ambos a produzirem uma escrita criativa.²⁸ Permitiu fugir do estereótipo de que a mulher era discípula do homem e entender o papel principal de Sarlo a frente do periódico.²⁹ Os dois em parceria produziram ensaios e livros, construíram a revista como um espaço também de atualização teórica, marca que perduraria na democracia.

A segunda etapa ficou marcada pelos reacomodamentos do periódico. Durante os primeiros anos as operações da crítica³⁰ do grupo *Punto de Vista* se centraram, concomitantemente, na reinvenção da tradição intelectual e literária e na modernização da crítica, mediante a importação de teorias e conceitos. Na democracia essas teorias e

²⁸ CHADWICH, Whitney; COURTIVRON, Isabelle. *Amor & Arte: duplas amorosas e criatividade artística*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

²⁹ Tendo em vista a importância de Beatriz Sarlo, Hilda Sabato e Maria Teresa Gramuglio no periódico, como intelectuais que influenciaram com seu pensamento o debate do campo intelectual argentino, seria um ponto muito interessante trabalhar a revista a partir de uma perspectiva de gênero. Contudo, este não foi o objetivo da dissertação pelas próprias limitações que foram traçadas, pela riqueza de questões e debates que a temática traria.

³⁰ PANESI, Jorge. “Las operaciones de la crítica: el largo aliento”. In: GIORDANO, Alberto; VÁZQUEZ (comps.). **Las operaciones de la crítica**. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 1998.

conceitos permitiram que estes intelectuais aplicassem tais referenciais diante de objetivos específicos – se reinventar – adaptar-se a nova circunstancia histórica. Os debates asfixiados durante o período ditatorial poderiam então ser desenvolvidos em condições democráticas. Como a circulação de ideias não era mais considerada uma atividade perigosa surgiu a necessidade de se aprender a fazer periodismo cultural em um espaço não obscuro e nem marginal. Houve uma reestruturação geral, a revista adotou um tamanho maior, a qualidade de seu papel melhorou e os exemplares passaram a ser impressos com cores. Os intelectuais envolvidos com *Punto de Vista* se tornavam figuras públicas e tinham outros lugares de interlocução. Aceitaram trabalhar na universidade, colaboravam nos meios de comunicação ou ainda participaram do governo de Raúl Alfonsín. Elementos que colaboraram para a revista encontrar um novo espaço, criar outros vínculos e por consequência, aumentar sua tiragem.

Em seu último momento, a revista desempenhava um importante papel na sociedade argentina como interventora crítica. Ocupava um lugar central no debate intelectual, ao mesmo tempo em que se distanciava dos lugares comuns da cultura, destacando que não visava a periferia e sim priorizava uma agenda própria de debates. O ponto de partida para a discussão na qual esta dissertação enfocou, foi a constatação de que o periódico foi bem sucedido e que as produções de seu coletivo alcançaram visibilidade no campo intelectual argentino atual. Após 1983 se nota na Argentina o início de um processo de renovação para as ciências humanas, em especial para o campo da história. A reflexão a respeito de *Punto de Vista* e seu coletivo intelectual, tal como foi desenrolada, permitiu discutir sua partição e suas contribuições neste processo.

Caminhos para um estudo da revista Punto de Vista

Outras premissas também foram responsáveis pelo direcionamento desse estudo. Para a análise do periódico foi importante considerar todos os recursos responsáveis por tornar concreto o projeto da revista. As decisões a respeito dos conteúdos podem indicar o modo como um grupo pretendeu intervir na esfera pública, propondo uma reorganização da tradição cultural. Neste sentido, foram consideradas as importações

culturais e as traduções, pois também seriam parte de um programa, de um ideal cultural pretendido, definidor do campo cultural em termos de conflitos e alianças, que apoiam ou se opõem a ideologias e ideias. A ordem dos materiais na revista indica sua política, ela se constitui baseada em escolhas que falam sobre o caráter da revista, a forma de ingressar no campo cultural, uma busca por se singularizar e conquistar leitores. Considerações que afirmam que não apenas os editoriais, mas todo o discurso - inserido em seu programa - é a política de uma revista e diz respeito de seus interesses e projetos.³¹

É importante ressaltar que *Punto de Vista* não foi realizada apenas por causa da circunstância, motivada pelo clima intelectual provocado pela ditadura militar. Reunia intelectuais que já tinham experiências anteriores em outros empreendimentos semelhantes, que estavam acostumados a se posicionarem através deste tipo de espaço. Por isso, essa investigação está igualmente sob a influência da proposta de Roxana Patiño³² que permite situar *Punto de Vista* como um tipo de construtora de genealogias e projetos culturais e pensá-la no momento de seu surgimento e depois em sua fase consolidada, identificando projetos específicos que são resultado de negociações, tensões e relocalizações.

Nesta abordagem de *Punto de Vista* procurou-se dar importância simultaneamente ao estudo da materialidade, dos conteúdos e dos intelectuais, para desta forma, focar a atenção tanto nos textos da revista como nas ausências, ou seja, no que não encontramos em sua sintaxe. Foi uma busca por inserir a publicação em seu contexto particular, nos diálogos e debates com outros periódicos, percebendo como seu discurso se desenvolveu ao longo da história. Não se pode desprender o discurso de uma revista publicada durante o século XX, na América Latina, do tempo presente: suas propostas visavam dialogar com as questões contemporâneas, suas ideias difundidas procuravam o debate. Na revista o texto adquiria um sentido imediato que sobrevive por causa de seus leitores. Publicar uma revista era interferir no debate estético e ideológico, era uma possibilidade de inserção no espaço público, de intervenção no presente.³³

³¹ SARLO, Beatriz. "Intelectuales y revistas: razones de una practica". *America, Cahiers du CRICCAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, número 9-10, 1992, pp.12-13.

³² PATIÑO, Roxaña. "América Latina. Literatura e crítica em revista (s)". In: Souza, Eneida M. de & Reinaldo Marques (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, pp 456-470; p.458.

³³ SARLO, Beatriz. "Intelectuales y revistas: razones de una practica". p.9.

Entretanto, tal abordagem procurou relativizar a cronologia e a periodização pensando que a revista também era sua própria situação, ou seja, é o contexto de seus artigos e tem uma lógica própria.³⁴ Por causa deste cruzamento de perspectivas foi possível delinear um panorama da trajetória e do lugar do periódico, assim como de suas complexas relações com sua sociedade em seus diferentes momentos. Por isso faz sentido indagar sobre o trabalho dos intelectuais e sua atividade crítica, buscar entender a intersecção da cultura e da política na construção discursiva de *Punto de Vista*.

Os editoriais, ensaios e resenhas bibliográficas presentes na publicação, foram lidos considerando que o grupo estava vinculado a uma tradição ideológica de esquerda. Dialogando com a proposta de Regina Crespo, considerou-se a revista como “porta-voz” de uma intelectualidade que através de seus posicionamentos políticos e culturais, competiram pelo espaço no momento da democracia. O periódico também foi pensado em termos de política cultural, na materialização de respostas a seu contexto imediato, na busca pela manutenção de um público: os intelectuais. Assim, de acordo com Crespo, se faz necessário atentar para a evolução interna e externa da revista, o que implica em pensar em genealogias, nas relações políticas, pessoais e afetivas.³⁵

O lugar da revista sempre foi pensado em relação à busca por alternativas, e sua crítica se fazia ensaiando e experimentando novos terrenos.³⁶ Alguns autores que se ocuparam em compreender o papel do crítico e em definir a funcionalidade ou a necessidade da crítica. Suas acepções ajudaram a lançar lampejos sobre a problemática em *Punto de Vista*, uma vez que foram influências importantes nas quais seus intelectuais ancoraram sua maneira de escrever. De acordo com Walter Benjamin a “*tarefa do crítico*” seria permitir a formação de opiniões a partir de suas análises. Em sua concepção, o “verdadeiro crítico” deixa ver em seu texto a incorporação de seus *insights* e, desta forma,

³⁴ GRILLO, María Del Carmen. “El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales”. Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010, Publicación en CD-Rom.

³⁵ CRESPO, Regina Aída. “Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural” 2010a, <http://www.fflch.usp.br/dh/leha>

³⁶ FRIEDA, Silvia. “Lo hacíamos por nosotros más que por los lectores”. **Página 12**. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/cultura/7-33440-2004-03-30.html> ; Acessada em: 29/09/2011.

em vez de oferecer sua opinião, o crítico informaria sobre os valores que ele defende.³⁷ Roland Barthes escreveu em suas *Mitologias* que “a liberdade do crítico não consiste em recusar o engajamento (impossível!), mas sim proclamá-lo ou não.”³⁸ A liberdade não estaria na separação da subjetividade do escritor e da objetividade do cientista no trabalho crítico, mas sim nas contradições que esta condição de convivência pode trazer ao texto que, por sua vez, deve cumprir o dever de “*desmistificação*”.³⁹

Os escritos que circularam em *Punto de Vista* se estreitam com estas formas de pensar a atividade crítica. Em *Los dos tiempos de la crítica* Jorge Panesi discutiu questões referentes aos âmbitos da escrita da crítica literária argentina ao longo de sua história. *Punto de Vista*, em sua opinião, foi uma revista cultural *para-universitária*, exemplo de um desejo de *participação*, de *intervenção* mais ou menos ilusória e, sobretudo, de um *desejo de liberdade*.⁴⁰ Não se pode deixar de considerar que *Punto de Vista*, durante o recorte escolhido, formulava seu discurso em meio a uma conjuntura problemática, onde o campo intelectual de esquerda argentino revisava sua participação na experiência revolucionária – debatia a respeito da derrota, de sua responsabilidade frente aos acontecimentos que culminaram na última ditadura militar – pensando no futuro de um país democrático.

A hipótese trabalhada nesta dissertação foi que esta articulação entre passado, presente e futuro teria permitido a esta intelectualidade se posicionar no marco da democracia e ajudar na construção de uma cultura política democrática. O periódico pareceu se colocar entre seu passado de dissidência e a recolocação do intelectual na esfera pública; entre uma história de continuidades e transformações, entre a tentativa de esquecimento e o processamento social da experiência do passado recente. Em muitos momentos, percebe-se uma adesão aos projetos do presidente Raul Alfonsín e ao dever de memória, mostrando que a crítica pode ser levada a novos engajamentos sociais e intelectuais e colocando em discussão questões em relação à ética e à indiferença frente ao

³⁷ BEAUMONT, Matthew. **A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

³⁸ BARTHES, Roland. **Mitologias**. 6ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012, p.92.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ PANESI, Jorge. “Los dos tiempos de la crítica”. **Orbis Tertius: Revista de Teoria y crítica literária**, ano 10, nº11, p.6.

Disponível em também: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.17/pr.17.pdf

trauma coletivo. O debate a respeito de uma nova cultura política, e esta tomada de posição no contexto da transição democrática com vistas a reconstrução crítica da memória que faz do passado um fator ativo na definição dos ideais do presente.⁴¹

Durante os anos que compreendem o recorte deste estudo, a crítica foi pensada como um texto produzido da mescla de concepções e pontos de vista; que buscava integrar objetividade e subjetividade; onde se combinaram teorias e metodologias para se alcançar o discurso estético e político. Portanto, a crítica do periódico não pode ser pensada como reflexo direto de sua sociedade, de sua conjuntura política. A conformação dos discursos devem ser entendidos também a partir do ideal de modernização teórica que *Punto de Vista* defendia em suas páginas. Os arcabouços teóricos e metodológicos incorporados – entre eles estão não apenas as leituras de Walter Benjamin, Roland Barthes e Raymond Williams, mas também de Adorno, Habermas, Hans Jaus e Pierre Bourdieu, Terry Eagleton e Richard Hoggart para a lista não ficar muito extensa –, seguiram a lógica da atualização e da modernização cultural, que visava transformar as perspectivas da crítica cultural resgatando para as análises a “*experiência, a história e o sujeito*”.⁴² Permitiram a essa intelectualidade brigar pela definição da literatura, lutar por cânones, escrever sobre as demandas sociais e, assim se destacar no “campo intelectual”. Em um movimento que foi concebido por Williams como luta de hegemonias e contrahegemonias ou como afirmou Sarlo, ao ver a noção de “campo intelectual” de Bourdieu publicada em uma nota no Clarín, “*del margen del margen pasábamos al centro del margen...*”⁴³

Cabe também esclarecer que este trabalho se insere em reflexões da história intelectual porque analisou um momento, entre outros, em que os intelectuais marcaram as sociedades a partir de suas ideias, de seus vínculos com a política e com o poder, laços que são nada menos do que fontes de tensões e ambivalências. O momento específico da transição à democracia foi também uma ocasião complicada para as frações intelectuais da esquerda argentina. O intelectual estava, até então, acostumado a opinar sobre qualquer

⁴¹ OLMOS, Ana Cecília Arias. **Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural – una lectura comparada de “Punto de vista” y “Novos Estudios Cebrap.** p.108.

⁴² MONTAÑA, María Jimena. “La recepción de Raymond Williams en la Revista Punto de Vista: un retorno al sujeto, la historia y la experiencia”. **Prácticas de Oficio. Investigación y reflexión en Ciencias Sociales**, nº 5, dez. 2009.

⁴³ SARLO, Beatriz. “Final”. **PuntodeVista**, Buenos Aires, nº90, pp.1-2, abr. 2008, p.1.

tema relevante independente de sua formação específica, sentia-se representado pela figura do intelectual crítico. Foi assim uma passagem para este intelectual que tentava se colocar diante dos novos desafios; por exemplo, superar as diversas derrotas da esquerda mundial. Pode-se destacar ainda os anos 1980 e 1990, como um período de transição para a emergência da figura do intelectual mediático e no espaço virtual. Contudo, este trabalho não pretendeu apresentar nenhuma forma de definição do que é o intelectual ou classificar o trabalho intelectual de *Punto de Vista*, visou, sobretudo, contribuir para a compreensão do universo deste grupo através da discussão de como os próprios representam a si e a sua atividade, que oscilou entre a mediação cultural e o engajamento.

Assim, levando em conta as perspectivas expostas, o trabalho está dividido em quatro blocos de análise. No primeiro e o segundo capítulo foi levado adiante o estudo do projeto político-cultural da revista entre os anos de 1978 e 1981, visando a delinear seus propósitos e suas influências. Especificamente, no primeiro momento buscou-se inserir a produção do periódico na conjuntura de sua época, levando em consideração o lugar que este ocupava na sociedade argentina e configuração de sua escrita. No segundo capítulo, a discussão esteve centrada nos discursos e estratégias, as quais permitiram ao periódico se posicionar dentro do campo intelectual argentino, tanto no sentido de uma retomada da tradição crítica argentina, quanto ao que concerne a incorporação de novos arcabouços teóricos.

No terceiro capítulo, analisou-se a reestruturação e consolidação do projeto da revista ao longo da década de 80, discutindo os modos em que o grupo, a ela vinculado, se conformou como elite intelectual. O grupo foi analisado em uma circunstância específica- a do retorno da Argentina à democracia – e o recorte sobre a documentação privilegiou a reavaliação do papel da esquerda, ou de forma indireta, uma reavaliação dos próprios participantes do projeto de *Punto de Vista* que utilizaram tais questões para sinalizar as demandas em torno do significado de ser de esquerda em tempos de mudança política na Argentina e na crise do marxismo com o colapso da Guerra Fria.

E por último, a análise da pesquisa pretendeu destacar a importância do discurso histórico na elaboração crítica dos ensaios, resenhas bibliográficas e interpretações encarregadas de refletir sobre o presente da sociedade argentina. Para isso, foram lidos os

escritos que voltam ao passado para discutir as questões colocadas no presente, principalmente os que se debruçaram sobre o período de 1880 à 1930. O núcleo em torno do periódico acreditava que em tal momento poderiam encontrar respostas para a antiga pergunta sobre a formação e desenvolvimento da nação argentina. Pensavam que nos anos 80, com a transição democrática, se vivia na Argentina um recomeço, que o presente era uma folha de papel em branco a ser preenchida com a escrita do passado. E nas páginas reunidas de *Punto de Vista*, constariam os ensinamentos necessários para o intelectual de esquerda atuar como protagonistas na construção de uma sociedade democrática.

Capítulo 1 – As revistas culturais argentinas em tempos de censura

“Havia uma cultura socialista ambiente. Apesar de existirem muitas pessoas ao nosso redor que eram socialistas ativos e convictos, havia ao mesmo tempo muitas pessoas que não o eram e que ainda assim estavam envoltas naquela atmosfera, influenciadas por aquele clima. Assim, examinar as ideias marxistas não era de maneira nenhuma bizarro ou abstruso.”

Terry Eagleton

Quando em 1978 a revista *Punto de Vista* começou a ser publicada, a sociedade argentina estava subordinada a um autoritarismo imposto pelos militares desde o golpe de Estado de 24 de março de 1976. Seus idealizadores estavam convencidos de que o periódico era o único meio possível de resistir à ditadura e sobreviver intelectualmente. *Punto de Vista* foi uma resposta à constatação de que era necessário rearticular o campo intelectual argentino, então fragmentado, censurado e destruído pelo terrorismo de Estado.⁴⁴ A ditadura militar⁴⁵ reestruturou o Estado democrático – com vistas à extensão desse processo por toda a sociedade – cujas características fundamentais passaram a ser as próprias das Forças Armadas Argentinas. Carolina Silveira Bauer ao discutir o terrorismo de Estado e a repressão política nas ditaduras cívico-militares de segurança nacional instauradas no Cone Sul afirmou que este tipo de Estado de Exceção, cujas especificidades estavam baseadas no militarismo e na subordinação da sociedade civil, apelou a “métodos

⁴⁴ Existe uma discussão a respeito da definição precisa do termo “terrorismo”, pois esbarra principalmente na dificuldade de diferenciar o terrorismo dos atos legítimos de resistência contra a tirania ou dominação e em medir o grau de responsabilidade jurídica atribuída aos Estados pelos atos de terrorismo. A utilização do conceito “terrorismo de Estado” por sua vez também foi e continua sendo objeto de discussões, apesar de sua massiva incorporação em estudos sobre as ditaduras cívico-militares do Cone Sul. Para ter uma ideia do alcance da problemática, já em 1985 o conceito foi utilizado em *Punto de Vista*. Na ocasião o conselho Editorial dedicou um número a reflexão sobre “El Juicio a las Juntas Militares”. Também por esta razão, utilizamos o conceito para nos referirmos ao último governo militar argentino.

⁴⁵ Entendemos o “*Proceso de Reorganización Nacional*” (autodenominação que os comandantes das três armas deram ao período que se iniciava quando assumiram o poder em março de 1976), não se deu apenas pela ação dos militares, mas também por grupos civis que os apoiaram. Contudo, usaremos na dissertação a denominação ditadura militar, pois foi utilizada por *Punto de Vista*. Para eles a sociedade civil tem um peso importante como aliado e não seria arrastada para o conflito.

não convencionais” (não consentidos pelo marco jurídico tradicional) para extinguir a oposição política e o protesto social armado ou não.⁴⁶

O objetivo do “*Proceso de Reorganización Nacional*” era reestabelecer a ordem, reestruturar a sociedade argentina, reorganizar as instituições e criar condições para uma “autêntica democracia”.⁴⁷ A justificativa para o golpe recaiu sobre a crença messiânica que consistia em crer nos militares como os mais aptos para governar o país, então mergulhado na violência política, em meio à crise institucional e à ruína econômica. A economia estava estagnada e inflação disparada, apesar das inúmeras tentativas de controlá-la. Ao passo que o peso desvalorizava crescia entre os trabalhadores, nos sindicatos, o medo de que os pagamentos fossem suspensos. A sensação de impotência da sociedade argentina era agravada pelos incessantes assassinatos políticos. Governo e grupos políticos tentavam sem sucesso, saídas institucionais para acabarem com a violência que marcou a época. Neste contexto, a revista *Panorama* dedicou um número ao terrorismo nomeando-o de “*personaje del ano*”. A reportagem dizia: “*suman alrededor de cien los golpes de violencia política que se asestaron en la Argentina durante 1970...*”.⁴⁸

Luis Alberto Romero, afirmou que a repressão levada a cabo pelo Estado, no período de 1976 à 1983, não pode ser pensada sem os episódios ocorridos na sociedade argentina entre 1969 e 1976. Seu intuito não foi buscar as origens da violência política, mas sim discutir o processo no qual a violência se instalou como uma alternativa política normalizada e, de certo modo, aceita por parte da população. O estudo apresenta uma discussão a partir de bibliografia sobre o tema, onde as perspectivas permitem afirmar que a violência possuía um lugar, central ou secundário, no processo político que culminou no

⁴⁶ As principais características deste Estado de Exceção seriam: a militarização do aparato do Estado e da sociedade civil (tendo em vista sua total subordinação); desenvolvimento de alto conteúdo repressivo; desenvolvimento do capitalismo com concepção tecnocrática a serviço de projetos econômicos com interesses do setor hegemônico do capital; alienação frente ao imperialismo norte-americano. Ver em: BAUER, Caroline Silveira. “Terrorismo de Estado e repressão política na ditadura cívico-militar de segurança nacional brasileira (1964-1988)”. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1151.pdf>

⁴⁷NOVARRO, Marcos & PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática**. São Paulo: EDUSP, 2007, p.26.

⁴⁸ SARLO, Beatriz. **La pasión y la excepción**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004, p.265.

golpe de 1976 e por sua vez isso implicou em uma atribuição de responsabilidades, discutidas com o fim do “*Proceso*”.⁴⁹

Como resultado das experiências vividas, da aparente falta de alternativas à crise, os golpistas aproveitaram a oportunidade e alcançaram uma legitimidade para sua intervenção.⁵⁰ A meta fundacional consistia na *reorganização* da nação, conduzindo-a ao caminho da regeneração. Tal proposta se estendia para o Estado e a política (que deveriam ser purificados da imoralidade e corrupção), e também a todas as instâncias da sociedade; onde as transformações irreversíveis ocorreriam na economia, no sistema institucional, na educação, na cultura e na estrutura social, partidária e sindical.⁵¹ A reorganização da nação esteve focada em duas frentes principais concebidas como primordiais para a consolidação do regime e seus objetivos: na “guerra anti-subversiva” e nas reformas econômicas que se complementavam segundo a ideologia dos militares.

O diagnóstico da guerra revolucionária – uma guerra não declarada, não convencional, que transforma a educação, a cultura, a família, a fábrica, etc. em outros tantos campos de batalha entre os valores nacionais, e num monstro de mil cabeças, a subversão – havia se transformado num programa “institucional”, para o qual convergiam todas as facções militares e suas tradicionalmente divergentes visões da realidade argentina.⁵²

Todos os conflitos sociais e políticos do país passaram a ser inscritos na lógica de uma guerra total, onde o inimigo comum era a subversão. Logo, na tentativa de reorganização da sociedade argentina, era essencial que fossem eliminados os cidadãos que eram identificados como subversivos. O termo sofreu uma extensão até abarcar a maioria dos argentinos que não concordavam com a interpretação dos militares em relação ao que o país deveria se tornar.⁵³ Bauer lembrou que estes regimes se constituíram através do

⁴⁹ROMERO, Luis Alberto. “La violencia en la historia argentina reciente: un estado de la cuestión”. In: PÉROTIN DUMAN, Anne. **Historizar el pasado vivo en América Latina**. Publicação eletrônica disponível on line em: <http://www.historizarelpasadovivo.cl/downloads/introargentina.pdf>

⁵⁰ Para uma discussão detalhada da crise e sobre o consenso ao golpe, ver: NOVARRO, Marcos & PALERMO, Vicente. Op. Cit.

⁵¹ Novarro e Palermo argumentam que a maior parte da população estava de acordo com o golpe e a ideologia militar atuou sobre “...*uma sociedade que, diferentemente de episódios anteriores, se apresentou enfraquecida e desarticulada, quando não dócil e cooperativa, frente ao fervor castrense.*” Ibidem, p.26.

⁵² Ibidem, p.45.

⁵³ LAVAL, Hilda López Laval. **Autoritarismo y cultura (Argentina 1976-1983)**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1997, p.7.

controle absoluto do governo e do desenvolvimento de um aparato coercitivo. A sociedade política e civil foi desarticulada, através da supressão das liberdades públicas, dissolução dos partidos e organizações políticas; da intervenção e controle nos sindicatos.⁵⁴

No que se refere ao âmbito cultural, a tentativa de uma restauração foi levada a cabo através da reeducação da sociedade e uma tentativa de controle de todos os espaços de produção cultural. O que implicou, sobretudo, vigilância e disciplinamento do sistema educativo, do universo artístico-intelectual e dos meios de comunicação massiva.⁵⁵ A censura foi o principal instrumento utilizado para controlar a população e impedir representações sociais que não fossem alinhadas com as do regime. María Matilde Ollier explica que no autoritarismo a censura é pautada na oposição de duas culturas. De um lado estaria a cultura falsa ou ilegítima, do outro a verdadeira ou legítima. E, sem a possibilidade de coexistência, uma necessariamente, deveria ser destruída (no caso, a falsa ou ilegítima), para que a cultura identificada como a do regime conseguisse se fortalecer. Assim, do mesmo modo que as ações militares foram pautadas na concepção política de que o inimigo da nação era o marxista e o comunista, no plano da cultura, os valores culturais transgressores foram identificados automaticamente com o marxismo/comunismo. Em outras palavras, a cultura de esquerda era a cultura ilegítima que deveria ser extirpada.

No entanto, a perseguição através das mortes, sequestros, desaparecimentos, prisões e torturas, não atingiu apenas suas vítimas diretas, mas também todo seu entorno social e familiar. A implantação de um regime autoritário e repressor provocou transformações na vida cotidiana da sociedade, que sofreu com o clima de suspeição dominante nestes anos. O terror era parte do poder do Estado utilizado como instrumento fundamental para coibir a participação política ou a simples contestação às ideias. Os militares, por meio dos atos repressivos conseguiram instituir a privatização da vida cotidiana e o isolamento da população, baseados em uma série de temores: *“miedo a ir preso, miedo a delatar, miedo a debilidad propia, miedo al dolor, miedo a dañar a otros (si*

⁵⁴ BAUER, Caroline Silveira. Op. Cit., p.5.

⁵⁵ OLLIER, María Matilde. **De la revolución a la democracia: cambios privados, públicos y políticos de la izquierda argentina.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009, p.77.

se delata), *miedo a morir y miedo a la tortura*. ”⁵⁶ Medo que anulava, inclusive, o mundo de debate e das ideias que levou a uma certa desarticulação e despolitização, sobretudo do campo intelectual identificado com a cultura de esquerda.

Como já mencionado, a censura se tornava um dispositivo altamente eficaz para controlar esta parcela da intelectualidade argentina. Produzia a autocensura, a falta de trabalho e de oportunidades, listas negras, subordinava universidades, fechava editoriais e colocava, no horizonte de muitos, a opção de se exilar. A ditadura tentava assim apagar qualquer meio ou circuito público que lhe parecia minimamente alternativo ou contestatório a seu poder. Todas as atividades e discursos de oposição – os que tentavam se diferenciar ou apresentavam certo grau de conflito em relação às práticas do regime – foram transformados em acontecimentos de resistência. O controle repressivo negava aos indivíduos a esfera pública⁵⁷, privando de qualquer tipo de diálogo com o poder ou crítica ao Estado. O autoritarismo operava com categorias de exclusão para impor o silenciamento, eliminar a resistência, “*invalidar la producción intelectual difamando el valor de la cultura y considerando a los pensadores como subversivos potenciales*.”⁵⁸

Apesar das tentativas de despolitizar a sociedade surgiram atividades que desafiaram o “*Proceso*”, vozes múltiplas e desiguais, que estavam comprometidas com a prática crítica e em estabelecer um espaço político alternativo. De acordo com o pesquisador Jorge Warley a oposição se deu através da circulação, de forma clandestina, de materiais de alguns partidos políticos, de publicações de organismos de direitos humanos, reagrupações sindicais e estudantis que tinham como objetivo a denúncia. Os cursos políticos, reuniões de leitura e debate destes materiais políticos, realizados paralelamente, também seriam hábitos da esquerda argentina. A emergência de uma cultura

⁵⁶A sociedade havia passado por uma privatização da vida cotidiana, e a política contava com as armas como estratégia aceita; isso provocou uma redefinição das relações entre os indivíduos e os centros de decisão públicos. Ibidem, p.29.

⁵⁷O conceito de esfera pública, seus usos e implicações, ainda precisa ser discutido e aprofundado, principalmente nas democracias latino-americanas. Este trabalho entende por esfera pública a noção tal como foi formulada e reformulada por Habermas; como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões. HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Vol II. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

⁵⁸ MASIELLO, Francine. “La Argentina durante el Proceso: las múltiples resistencias de la cultura”. In: BALDERSTON, Daniel (comp.). **Ficción y política: la narrativa argentina durante el proceso militar**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1987, p.12.

“*underground*”⁵⁹, de seminários, grupos de estudos de diferentes disciplinas organizados por centros de investigação na chamada “*universidad de las catacumbas*” – que era a prática da leitura, produção e do ensino em ambientes privados –, a literatura e suas inúmeras oficinas, o teatro, cinema, para citar apenas algumas iniciativas, seriam os novos espaços que ofereceriam aos intelectuais e ex-militantes da esquerda e do peronismo revolucionário uma chance, através da cultura, para sua reinserção em uma esfera pública.⁶⁰

A separação das esferas política e cultural realizada por Warley, não pressupõe vínculos entre a política e a cultura, porém sua afirmação é importante na medida em que abre espaço para a análise das práticas que estavam sendo pensadas pela esquerda argentina. Neste sentido, dialoga com as reflexões de Ollier e Francine Masiello ao tentar mostrar, principalmente, a existência de atividades de resistência e tentativas de reagrupamento durante os anos ditatoriais.

Entre o período de 1978-1979 algumas revistas culturais surgiram em contraposição a cultura que tentava ser imposta pelos militares. *Punto de Vista*, *Nueva Arte*, *El Ornitorrinco*, para citar apenas algumas dessas publicações, cresceram a margem do poder autoritário e questionaram seu funcionamento por se conformarem como espaços de sociabilidade intelectual.⁶¹ Um segundo momento foi a fase de consolidação, onde pode ser identificado um projeto específico que visa à diferenciação do periódico dos demais publicados na época.⁶² Em outras palavras, foi a partir dos primeiros anos da democracia que as diferenças estéticas e políticas se explicitaram publicamente. O novo contexto

⁵⁹De acordo com Evangelina Margiolakis o termo “subterrâneo” ou “underground” tem seus antecedentes em publicações que apresentavam uma opção diferenciada em relação a uma “estética oficial”. Tais publicações se multiplicaram no contexto caracterizado pela censura e repressão. Durante a última ditadura argentina a autodenominação de “subterrâneas” ou “alternativas” se generalizou espontaneamente entre as publicações que propunham uma diferenciação em relação a “cultura oficial”.

⁶⁰OLLIER, María Matilde. Op. Cit., p.94.

⁶¹Compartilhamos esta perspectiva discutida no artigo de: MARGIOLAKIS, Evangelina. “Revistas subterrâneas en la última dictadura militar argentina: la cultura en los márgenes”. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, nº 10, p. 64-82, jan./jun. 2011.

Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1289/1156>; Acessado em: 30/10/2013. Para saber mais sobre as revistas culturais produzidas na última ditadura militar argentina ver também: WARLEY, Jorge. “Revistas culturales de dos décadas (1970-1990)”. **Cuadernos Hispanoamericanos**, n. 517-519, jul.-set. 1993.

⁶²PATÍÑO, Roxana. “América Latina: literatura e crítica em revista(s)”. In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p.458.

obrigou as revistas a redefinirem suas posições na esfera pública; movimento que gerou tensões entre os grupos intelectuais.⁶³

Nas páginas que seguem, o esforço se faz em discutir como as revistas culturais eram uma espécie de refúgio para a dissidência cultural à ditadura argentina, mesmo sendo um campo onde a expressão escrita privilegiava um discurso cheio de metáforas. A crítica cultural e a literatura reelaboraram locais discursivos, consciente de sua posição minoritária e de seu estado periférico, com o propósito de ir contra uma homogeneização da cultura e do isolamento do outro. Seguindo esta perspectiva foram analisados os números dos anos iniciais da revista *Punto de Vista*, visando indagar sobre a construção do projeto do periódico, que baseado nos balanços das experiências anteriores, resultou em uma maneira particular de escrever crítica cultural.

Em busca de uma posição: as revistas culturais e a crítica ao regime ditatorial

Foi posto em destaque pela bibliografia que estuda a história recente da Argentina a observação de que o surgimento de revistas que visam intervir em sua conjuntura cultural como *Punto de Vista* (1978-2008), *Nova Arte* (1978-1980), *Brecha*, *El Ornitorrinco* (1977-1987)⁶⁴ adensaram a dissidência cultural ao regime. Entretanto, foi necessário se ater ao significado destas práticas de dissidência, nas quais o ato de publicar uma ou em uma revista cultural e literária, estava incluído. Em outras palavras, o que transformava, neste momento, um periódico cultural/literário em um foco de resistência? A questão é pertinente à medida que se observa que a discussão em torno deste tipo de periodismo parte do pressuposto de que, independente de conjuntura, uma revista cultural é

⁶³ As revistas culturais identificadas com a cultura de esquerda (polarizadas através de distintos posicionamentos) que polemizaram durante a transição a democracia foram *Pié de Página* (1983-1985), *Mascaró* (1984-1986), *Praxis* (1983-1986) y *La Bizca* (1985-1986). Para saber mais sobre estas publicações ler: PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición. Las revistas culturales argentinas (1981-1987) en: **Cuadernos del Recienvenido** N° 4, Universidad de San Pablo, 1997.

⁶⁴ Segundo a bibliografia estas revistas seriam as principais que funcionaram como instancias de recomposição do discurso das revistas dos anos 60-70, uma considerada de grande densidade do discurso intelectual e crítico da cultura argentina. *Punto de Vista* seria uma espécie de herdeira de *Los Libros* (1969 – 1976) e *El Ornitorrinco* de *El Escalabajo de Oro*. Para saber mais ver: PATIÑO, Roxana. *Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987)*.

uma revista de intervenção que deseja um lugar em sua comunidade, por isso não pode ser pensada fora de seu presente. Uma discussão mais profícua da problemática pode se dar a partir do que afirmou Regina Crespo:

Durante el siglo XX latinoamericano surgieron como un instrumento importantísimo para que los grupos de literatos, artistas e intelectuales expresaran sus ideas y así intervinieran en el acontecer cultural y político. La comprensión de cómo se establecen y se difunden los cánones literarios, ideológicos y culturales, de cómo se construyen – se modifican, se adaptan o se sustituyen – las tradiciones locales, nacionales e incluso continentales, pasa inevitablemente por el análisis de estos vehículos de difusión y debate que, desde su surgimiento, han constituido herramientas básicas para la circulación de las ideas.⁶⁵

O parágrafo apresenta pontos que merecem destaque: a identificação do uso comum, presente na América Latina, mais precisamente durante o século XX, das revistas como plataforma de debates de questões intelectuais, culturais e políticas. Esta perspectiva não foi encontrada apenas nos estudos de Regina Crespo. Para nos restringirmos apenas ao panorama argentino, o estudo de María Del Carmen Grillo⁶⁶ registrou as publicações mais importantes sobre as revistas culturais argentinas e mostrou como esta bibliografia periodiza a produção hemerográfica. Porém, o importante a ser ressaltado é que se têm notícias e estudos de revistas culturais argentinas datadas de 1890.⁶⁷ Roxaña Patiño por sua vez, em seu estudo sobre publicações da década de 1980, afirmou categoricamente que existe “*una rica tradición de la cultura argentina que expuso sus principales núcleos de debate en revistas y suplementos literarios.*”⁶⁸

A identificação dessa espécie de *tradição* encontrada por muitos autores vem, na maioria das vezes, acompanhada da ideia de que o periodismo cultural e literário era um local a partir do qual “*se definen posiciones, se entablan polémicas o se interviene*

⁶⁵ CRESPO, Regina Aída (org.). **Revistas en América Latina. Proyectos literarios, políticos y culturales.** México, UNAM/Eón, 2010, p.9.

⁶⁶GRILLO, María Del Carmen. Aporte para una bibliografía sobre revistas culturales argentinas del período 1920-1930. **Estudios**, n°56-57, primavera-verano, 1999, pp 79-104.

⁶⁷ Ver: Washington Luis Pereyra. La prensa literaria argentina. 1890 – 1974. As revistas publicadas em 1890 a 1919, seriam revistas dos chamados anos dourados “por considerar que se trata de un lapso de inusitada transformación de la Argentina, durante cuyo transcurso se lanza y promueve, de alguna forma, una cultura nacional”.

⁶⁸ PATIÑO, Roxana. Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987), p.7.

endebates.”⁶⁹ De acordo com Crespo, é inerente a eles a condição de serem veículos de expressão, difusão e circulação das ideias. Porque, em suma, pode-se dizer que uma revista cultural é pensada para ser de intervenção, é a expressão de um grupo intelectual “*que é adversário – cordial ou feroz – de outro ou outros, com os quais entra em diálogo e em seu reverso inevitável: a controvérsia, a polémica, a luta pelo poder do presente e pelo poder da memória.*”⁷⁰ Um grupo que se articula em torno de perspectivas comuns e que deseja um lugar em sua comunidade e isso independe do governo em questão. Como explica Pablo Rocca uma *revista propriamente cultural* se define como aquela em que se inscreve em um debate por conta própria, que trabalha contra um poder cultural identificado como dominante.

Portanto, se pode inferir a partir da discussão apresentada, que as revistas culturais e literárias surgem motivadas por diferentes razões, estas sempre acompanhadas da convicção de que o periódico era necessário para dar conta de um vazio discursivo. Partindo da premissa que centenas de vezes um intelectual latino-americano se juntou a outros para publicar uma revista⁷¹, é problemático rotular este tipo de espaço como de dissidência durante o regime militar. Ainda mais, quando se sabe que a censura converteu “*en oposición cualquier frase o actividad capaz de poner en duda el sistema cultural promovido por el gobierno.*”⁷² A situação vivida naqueles anos colocava aos integrantes da esquerda argentina – intelectuais e militantes – frente a um novo desafio: seguir tendo uma vida “normal”. A conformação de um “*microuniverso cultural e intelectual que intenta diferenciarse de la propuesta autoritaria*” ou de *práticas* – como sustenta Warley – que organizam a oposição cultural e intelectual ao regime, pode ser pensada tendo em vista a tentativa de tantos em encontrar meios de continuar vivendo.⁷³ Neste sentido, as revistas se mostram antagônicas as ideias autoritárias do governo não aceitam sua ideologia. Ollier explana sobre como a comunicação foi capaz de dar sentido à vida:

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ ROCCA, Pablo. “Por qué, para qué una revista: sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano”. **Hispanamérica**. Año 33, nº 99, diciembre, 2004, (pp 1-128), p.18.

⁷¹ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”, **America, Cahiers du CRICCAL**, París, Sorbonne la Nouvelle, número 9-10, 1992, p.9.

⁷² OLLIER, María Matilde. Op. Cit., p.91.

⁷³ Ibidem, pp.92-93.

En consecuencia, sostener a partir de estos minúsculos espacios una “identidad de diferenciación” en relación con la dictadura se transforma en la cuarta victoria de los ex revolucionarios. Inclusiva de la primera, mantenerse con vida; de la segunda, evitar el aislamiento, y de la tercera, promover la interacción, da el cúmulo de posibilidades que significan oposición: pensar diferente de los parámetros oficiales, comunicarse con pares, evitar el aislamiento, sostener una mínima identidad de diferenciación grupal, participar en alguna microrred de actividades colectivas. Actitudes y actividades que sirven de contención frente al brutal embate militar sobre la sociedad civil.⁷⁴

Dessa forma, mais que dar sentido a vida cotidiana, conviver significava resistir ao presente. Sustentar determinados contatos intelectuais e afetivos se convertia, então, em um ato de resistência à ditadura, que pretendia isolar e atomizar a sociedade, visando acabar com a reflexão crítica e tornar ineficaz qualquer atividade coletiva capaz de escapar ao seu controle. Segundo o relato de Beatriz Sarlo após vinte anos da publicação do primeiro exemplar da *Punto de Vista*, a decisão de fazer circular ideias através da revista cultural trazia dois elementos principais: a necessidade de sobrevivência e a tentativa de evitar a cultura de isolamento imposta pelo regime.

Cuando nos encontramos al año siguiente, la idea de reconstruir algunos vínculos entre intelectuales, sea como fuera y aunque sólo alcanzaran una extensión mínima, nos volvió a reunir en una tarea que tenía algo de resistencia antidictatorial y mucho de refugio contra los fantasmas del aislamiento y del miedo que la dictadura había instalado en todas partes.⁷⁵

Em outras palavras, viver o cotidiano com alguns pares, mesmo que poucos, já era uma forma de intervir. Não se pode desvincular o aparecimento de *Punto de Vista* deste microcontexto. Em certo sentido, a censura e a repressão proporcionava a esquerda argentina tempo, uma vez que o medo e a insegurança não permitiam a realização de muitas atividades. Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano e Ricardo Piglia, usaram o tempo para discutir sobre o marxismo e colocaram interrogações sobre a vida revolucionária, concomitantemente surgiram problemáticas também culturais. As discussões, realizadas primeiramente em reuniões, acabaram por incentivar a publicação da revista.⁷⁶

⁷⁴ Ibidem, pp.95-96.

⁷⁵ SARLO, Beatriz. “Punto de Vista: una revista en dictadura y en democracia”. In: SOSNOWSKI, Saul (ed.). **La cultura de un siglo. America Latina en sus revistas**. Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999, p.525.

⁷⁶ “Se nos ocurrió lo más obvio: convocar a algunos pocos conocidos a reuniones donde se discutirían cuestiones de historia literaria y cultural argentina. En 1977, conseguir que diez personas asistieran a una reunión, aunque sólo fuera para hablar sobre el nacionalismo cultural de rojas y Lugones o sobre el

Dos diálogos estabelecidos entre este grupo de intelectuais que – aqui cabe ressaltar a vinculação a um grupo de livre discussão era considerada como uma tarefa política – compartilhavam incertezas e a experiência do isolamento, foram sendo geradas confiança e cooperação e, essa crescente socialização foi crucial para a sobrevivência.⁷⁷ Publicar a *Punto de Vista*, mesmo a partir de um espaço restrito, implicava em vencer o medo de se relacionar com desconhecidos e a manifestação de perspectivas sobre as questões conjunturais. Daí que se compreende melhor que a revista como um periódico cultural e literário pode mostrar-se como opositor, mas muitas vezes não dissidente.

Nos primeiros anos, pode-se dizer que a revista foi escrita por um grupo e seus colaboradores, provenientes de várias experiências políticas e culturais. Eles assumiram, como problema comum, pensar em alguma alternativa frente à homogeneização discursiva produzida pelo aparato repressivo. O objetivo principal da publicação era conservar um espaço onde seria possível realizar o trabalho intelectual da esquerda, assim como o diálogo e o debate: uma interação. Segundo Ollier, essas iniciativas se explicam quando se compreende a forma com a qual a palavra ganha importância extrema como ato de resistência, relevante na criação de discursos de diferenciação ao imposto pelos militares. As revistas foram então uma alternativa que consistia em “*recorrer ao de sempre: ao ato e exercício de rebeldia e de criatividade em conflito*”.⁷⁸

Em 1981, depois de 12 números publicados, o conselho de direção explicava que, “*en marzo de 1978, pareció el primer número de Punto de Vista. Su publicación venía, de algún modo a ejercer un derecho: abrir un ámbito de debate de ideas y elaboración cultural.*” Neste Editorial, além de se colocarem em oposição ao controle da produção e da circulação das ideias, estes intelectuais destacaram, ainda, a importância de “*reivindicar la libertad de pensar, escribir, difundir ideas diferentes: el derecho al punto*

Facundo, representaba un éxito que permitía sobrevivir durante las semanas siguientes. Con una ingenuidad y un voluntarismo que no excluían la ironía, llamamos a estas reuniones el salón Literario. Se realizaron, durante más de un año, en las oficinas del Centro Editor de América Latina.” Ibidem, p.526.

⁷⁷ A luta pela sobrevivência não se dá apenas de maneira física, nos discursos que aparecem sobre *Punto de Vista* sempre a referência de uma sobrevivência cultural. Escrever, ou como destaca Ollier, a *palavra*, é a garantia de que não se rendeu.

⁷⁸ ROCCA, Pablo. Op. Cit., p.17.

de vista”⁷⁹. A necessidade de reivindicar o direito a dissentir e de defender a liberdade de expressão e de pensamento, segundo *Punto de Vista*, se tornava uma condição básica para a existência da cultura argentina. O que significava, neste momento, lutar para “*que no haya en la Argentina culturas reprimidas o negadas*”. Percebe-se que a revista foi o lugar criado para a livre discussão de problemas relacionados à história cultural e literária argentina e latino-americana, onde todas as expressões culturais eram válidas.

O periódico continuou a difundir a visão de que a revista surgiu como uma alternativa política ao autoritarismo, baseada na discussão e na controvérsia. Quando em 1987 a revista completou 10 anos, foi destacado no Editorial sua participação junto à parcela da cultura argentina que elaborou “*trabajosamente modelos discursivos y prácticos diferentes del impuesto por el autoritarismo de estado*”.⁸⁰ Ainda foi ressaltada a transformação do periódico em um espaço de solidariedade e interlocução intelectual imprescindível para se viver durante os anos ditatoriais. Com as atividades intelectuais anuladas pela violência militar, este lugar deveria ser organizado a partir de estratégias e manobras que tornassem possível dizer/escrever. Sobre a delimitação e os limites do que pode ser dizível e indizível Ollier explicou:

Ahora bien, la clave del discurso opositor se encuentra en *qué* decir (y callar) y en *cómo* decirlo. Se trata de realizar ambos gestos con alguna garantía de supervivencia... Existe un área claramente prohibida que gira alrededor de cualquier discurso sobre el comunismo, el socialismo, el marxismo y la revolución sexual. Fuera de este bloque proscrito surgen chances de emitir, aunque desarticuladamente, otro discurso.⁸¹

A autora ainda acrescentou que as incertezas referentes ao dizível levam os ex-militantes revolucionários da esquerda argentina a assumirem uma responsabilidade política e um questionamento: o que dizer? Se a ordem do dia era a diferenciação perante o discurso militar e se os novos discursos deveriam estar despojados do sentido revolucionário, a esfera cultural acabava se tornando o único espaço público e social

⁷⁹ Editorial. **Punto de Vista**. Año IV, n° 12, julio-octubre de 1981, p.2.

⁸⁰ Cabe ressaltar que em cada Editorial os intelectuais realizam uma operação de memória em relação a própria participação da revista nos tempos de ditadura. São os próprios intelectuais que usaram o termo dissidência para classificar sua oposição durante o período militar.

⁸¹ OLLIER, María Matilde. Op. Cit., p.99.

possível. Neste sentido, se pode entender como os textos que circularam nas páginas da *Punto de Vista*, durante seus primeiros anos, “*eran más de lo que decían*”⁸².

Punto de Vista: o lugar reivindicado na cultura argentina e a reflexão sobre a esquerda

Não obstante, este movimento de oposição e diferenciação se constituiu também a partir da autoavaliação do próprio passado político e revolucionário. A esquerda intelectual depois do golpe se deparou com novos processos de socialização, importantes na incorporação de novos hábitos e ideias. Primeiramente, afastaram-se dos princípios de um socialismo que possuía a revolução como método de transformação. Em segundo lugar, tornaram-se próximos ao liberalismo político.⁸³ Ao final da década de 70 início dos anos 80 se instalou entre os intelectuais, identificados com a cultura de esquerda, o discurso sobre a crise do marxismo. Crise ligada às experiências dos socialismos reais e seus colapsos que pareceram comprometer todo o marxismo, mas que acabavam por fazer circular um discurso renovado. Os conteúdos do liberalismo político, assim como a ideia de democracia política, foram recuperados e adquiriram sentido nomeada em que os intelectuais de esquerda visavam produzir um corte simbólico e teórico com o passado autoritário. Dessa forma, a revalorização da democracia se constituiu como oposição ao regime militar e permitiu uma reconsideração do socialismo e do marxismo sustentado anteriormente ao golpe.⁸⁴ Contudo, foram estas experiências pessoais e coletivas que possibilitaram a emergência de práticas e discursos alternativos aos da ditadura.⁸⁵

Cabe lembrar que o coletivo em torno de *Punto de Vista* tinha em seu horizonte que o intelectual de esquerda se encontrava perpassado pela tensão exercida pela relação

⁸² Editorial. **Punto de Vista**. Año X, nº 30, julio-octubre de 1987, pp.1-2.

⁸³ Para ler mais sobre o processo de transformação da identidade política da esquerda revolucionária na argentina ler a obra já citada de María Matilde Ollier e Cecilia Lesgart. **Usos de la transición a la democracia. Ensayo, ciencia y política en la década del '80**. Rosário, Homo Sapiens Ediciones, 2003. Ollier trabalha com a transformação da ideia de revolução até a ideia de democracia enquanto que Lesgart reflete sobre a inovação conceitual que teria permitido a produção da ideia de transição à democracia, através da recuperação da ideia de democracia política pela esquerda chilena e argentina, sobretudo, os exilados.

⁸⁴ LESGART, Cecilia. **Usos de la transición a la democracia. Ensayo, ciencia y política en la década del '80**. Rosário, Homo Sapiens Ediciones, 2003, pp.151-153.

⁸⁵ As críticas dos intelectuais aos seus próprios acervos revolucionários foi tema de outro capítulo.

dos campos da cultura e da política. Tal concepção era influenciada pelas teorias desenvolvidas por Bourdieu. Foi necessário discutí-las neste momento, pois a noção de autonomia relativa do campo nos ajuda a compreender como a conjuntura política influenciou nas pautas discutidas na revista e ao mesmo tempo apareciam associadas a problemas referentes apenas ao campo estético. Logo, foi importante para toda a análise ter em mente que o *campo* é um espaço estruturado por posições, onde se desenvolvem lutas entre os diferentes agentes, em torno da apropriação de um capital específico, ou pela redefinição daquele capital. Logo, os interesses são sempre específicos em cada *campo* e não se reduzem a outros. Apenas quem tiver caracterizado com a lógica do *campo* é capaz de lutar, contudo, esta autonomia é relativa: as lutas dentro do campo obedecem à lógica interna, mas seu resultado nas lutas de outros campos é considerável e pesa consideravelmente nas relações de forças dentro do campo.⁸⁶ Assim, pode refletir como as autocríticas do passado político estão estritamente relacionadas à busca por novas teorias; a prática intelectual de reflexão sobre a cultura também poderia ser uma prática política.

Os espaços de diferenciação ao regime só são possíveis com a crítica ao próprio passado, pois, “*la autocrítica se convierte en la clave capaz de predisponerlos a recibir nuevos discursos.*”⁸⁷ Portanto, o movimento de oposição e diferenciação era duplo – relacionado a ditadura e aos grupos políticos de origem – e procurava questionar os valores políticos de ambos autoritarismos. Este enfrentamento com o passado tão presente foi necessário para a esquerda saber o que defender e o que criticar, ou nas palavras de Ollier, *qué decir*. No caso de *Punto de Vista*, compartilhavam um passado de militância política em grupos revolucionários de esquerda e tinham uma experiência prévia na publicação de revistas.

A publicação era um projeto intelectual que envolvia críticos e escritores que haviam se destacado ou tido algum tipo de experiência nos anos 1960 e 1970. Seus três fundadores – Sarlo, Altamirano e Piglia – juntos integraram por um tempo o comitê editorial da revista cultural e bibliográfica *Los Libros*. Empreendimento que se relaciona

⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean (org.) **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

⁸⁷ OLLIER, María Matilde. Op. Cit., p.101.

diretamente, com as “*operaciones da crítica*”⁸⁸ levadas a cabo na *Punto de Vista*, cuja análise procurou levar em consideração os aspectos retomados e discutidos, tanto no campo da crítica cultural como em relação às posições políticas, enquanto herdeira da publicação anterior.

Los Libros surge na cena cultural argentina, em julho de 1969, sob a direção de Héctor Schmucler. Trazia como característica principal a crítica de livros – resenhas de livros de recente edição – até que paulatinamente seus artigos se tornaram mais extensos e identificados com ideais da esquerda revolucionária. O deslocamento dos objetivos, segundo a bibliografia, marcaria uma *segunda etapa* publicação; determinada principalmente, em 1971, pela mudança do subtítulo de: “*Un mes de publicaciones en América Latina*”, a “*Para una crítica política de la cultura*” e posteriormente, com a saída de Schmucler do conselho de direção.⁸⁹ A partir de então o periódico seria dirigido apenas por Sarlo, Altamirano e Piglia, sendo que os dois primeiros seguiriam sozinhos nos quatro últimos números, até o fechamento da revista pela ditadura militar em 1976.

Com sete anos de publicação *Los Libros* conseguiu se destacar na história cultural argentina como plataforma de um grupo de intelectuais que se posicionaram em relação aos debates próprios dos anos 1960 e 1970. Estes debates tratavam da produção literária da Argentina e, da América Latina, do compromisso intelectual, da revolução e do interesse em relação à interação entre artistas e povo ou autores e público.⁹⁰ No imaginário intelectual argentino ela é lembrada como vanguarda cultural que tinha uma relação estreita

⁸⁸ Jorge Panesi afirma que as “operaciones de la crítica” atuam em uma encruzilhada de relações, são maneiras pelas quais a crítica agiria sobre si mesma, por meio das discussões teóricas, tomadas de posições frente a outros textos críticos e tradições. Ver mais em: PANESI, Jorge. “Las operaciones de la crítica: el largo aliento”. In: GIORDANO, Alberto; VÁSQUEZ, María Célia (orgs.). **Las operaciones de la crítica**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1998.

⁸⁹Para saber com mais detalhes da história de *Los Libros* ver: PANESI, Jorge, “La crítica argentina y el discurso de la dependencia”. In: PANESI, Jorge, **Críticas**. Buenos Aires, Norma, 2000, Colección “Vital”. También De DIEGO, José Luis. **Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970 -1986)**. [En línea] Tesis de doctorado. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y ciencias de la educación.

Disponível em: <http://www.fuentesmemoria.fahce.unip.edu.ar/tesis/te.150/te.150.pdf>; También ver DALMARONI, Miguel. **La palabra justa. Literatura, crítica y memoria en la Argentina 1960-2002**. Santiago de Chile, Melusina: RIL editores, 2004.

⁹⁰GILMAN, Claudia. “Las revistas y los límites de lo decible: cartografía de una época”. In: SOSNOWSKI, Saúl (ed.), **La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas**. Madrid-Buenos Aires, Alianza Editorial S.A., 1999, p.461.

com a política. Muitos a ressaltam por trazer “*discusiones sobre literatura, crítica literaria, ideología y conocimiento [...] llenas de política*”.⁹¹ Porém, a revista também se dedicou a refletir sobre outras questões como a crítica literária como prática específica. E, neste sentido, trouxe uma maneira nova de pensar a relação entre literatura e sociedade através de uma atualização teórica. Originou as bases de uma nova crítica que foi levada a cabo por alguns intelectuais nos anos 1980 e 1990.⁹² Ambas as características foram importantes para pensar o projeto intelectual em gestação da *Punto de Vista*, na medida em que um “*nosotros*” foi se constituindo número a número, mesmo já existindo de forma embrionária em outras atividades, como *Los Libros*.⁹³ Os dois empreendimentos culturais se relacionam, já que se nota como alguns fundamentos que sustentavam *Los Libros* serão aprofundados e outros foram o substrato para a autocrítica desta intelectualidade. Para facilitar a compreensão destes elementos, cabe analisá-los separadamente.

Primeiramente é interessante refletir a respeito dos vínculos entre esfera cultural e política, pois em grande parte é o que define os conteúdos das revistas político-culturais. *Los Libros* teria radicalizado politicamente seus conteúdos na direção de Sarlo, Altamirano e Piglia. Nesta segunda fase, *Los Libros* era produzida com o propósito de intervir em sua contemporaneidade a partir de uma *crítica política da cultura*.⁹⁴ O que significaria um deslocamento “*hacia una franca politización de la temática de la revista*”.⁹⁵ Mesmo sem uma investigação aprofundada sobre tal periódico, foi bastante evidente a existência de uma complexa relação entre o que se define como cultura e política. Além disso, cabe ressaltar que a intelectualidade argentina parece conviver com os enigmas e problemáticas que essa relação produz. E as revistas culturais aparecem como principal veículo de expressão quando os intelectuais visam intervir no mundo da política através da cultura. Perspectivas

⁹¹ BURGOS, Raúl. **Os gramscianos argentinos: cultura política na experiência de Pasado y Presente**. Campinas: SP, 1999 (Tese doutorado, UNICAMP– IFCH), p.127.

⁹² De DIEGO, José Luis. **Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970 -1986)**. [En línea] Tesis de doctorado. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y ciencias de la educación. p.72.

⁹³ PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987)”, p.11.

⁹⁴ A explicitação dessa mudança talvez possa ser entendida com a troca de subtítulos. Novamente, no número 41 (após a saída de Ricardo Piglia do Conselho de Direção) pode-se ler, segundo José Luis de Diego, “*Una política en la cultura*”.

⁹⁵ DALMARONI, Miguel. **La palabra justa. Literatura, crítica y memoria en la Argentina 1960-2002**, p.31.

que pressupunham uma distinção entre a dimensão propriamente intelectual e a dimensão política.

É preciso atentar também para o fato de que, de uma maneira geral, na América Latina, a *época* – os anos sessenta e setenta⁹⁶ – se caracterizou por um novo horizonte de problemas e discursos enunciados em nome da ideia de revolução. Isso quer dizer que foram muitos os que acabaram adequando os discursos e práticas culturais aos propósitos dos ideais políticos revolucionários. Na Argentina, *Los Libros* fez parte da fração da esquerda e peronista revolucionária que acreditava que as transformações na Argentina iriam ser produzidas através de uma nova relação entre política e discursos. Tal relação estaria baseada na ideia de que as práticas intelectuais deveriam denunciar a ideologia da classe dominante, na convicção de que o discurso intelectual deveria ser significativo para a sociedade, especialmente para os setores populares. Em outras palavras, a politização dos discursos culturais significava, na *época*, a hegemonia da lógica política ao passo que os saberes deveriam estar sempre relacionados a questões significativas para o povo, o proletariado, a nação ou ao partido político.

José Luis de Diego escreveu em seu estudo sobre o campo intelectual argentino da década de 1970 que: “*un escritor no necesariamente es un intelectual, un intelectual no necesariamente es un político, un político no necesariamente es un revolucionario.*”⁹⁷Sua afirmação introduz a discussão acerca da relação de simbiose do trabalho intelectual e a participação política, com a emergência da figura do intelectual revolucionário que caracterizou esses anos. Por detrás desse debate se encontrava a teoria do “compromisso sartreano”, interpretada por grande parte desta geração como a necessidade de se comprometer com os debates de sua sociedade, indo além da escrita no campo da literatura. Tal postura que sustentava a premissa de que “tudo é política”, convocava os intelectuais a superarem as formas de compromisso político abstrato e se inserirem nas lutas

⁹⁶ Compartilho da perspectiva de Gilman de pensar os anos 60 e 70 como uma época caracterizada “por una nueva correlación de poderes mundiales, la creencia en una transformación personal y colectiva del individuo y la mutación definitiva de las instituciones, la subjetividad, el arte y la cultura”. GILMAN, Claudia. Op. Cit., p.461.

⁹⁷ DIEGO, José Luis de. Op.Cit., p.15.

revolucionárias do proletariado, foi criticada na década seguinte em *Punto de Vista*.⁹⁸ A grande parte da esquerda revolucionária argentina revisou, de alguma forma, este movimento intelectual de incorporação dos intelectuais, escritores, artistas e da política.

O intelectual e seu tempo: um modo de resistência

Em julho de 1980, alguns meses após a morte de Jean Paul Satre (1905-1980), foi publicado em *Punto de Vista* um ensaio que o descrevia como um intelectual contemporâneo imbuído de uma consciência lúcida de “*nuestra época*”.⁹⁹ A publicação reconheceu seu trabalho de escritor/intelectual e optou por construir seu perfil a partir de uma outra leitura de sua “teoria do compromisso”. Primeiramente, foi destacado a fetichização que sua obra sofreu durante os anos. Com isso, se apontava para a não compreensão de sua ideia de comprometimento, ou nas palavras do autor, para a “*ignorancia*” que levou a grande parte dos leitores ao desconhecimento e a simplificações. A questão que estava sendo debatida na publicação era sobre o tipo de intelectual que havia sido Satre ou mesmo sobre as apropriações dadas as suas ideias. Sartre não foi lembrado, como o intelectual político modelo nos anos 60 e 70, neste momento era destacado como “*maestro*” que possui em sua obra grandes contribuições para se pensar a própria concepção de literatura. A leitura da revista realizava uma resignificação do compromisso ao apresentá-lo também a partir de sua crítica ao partido comunista e sua leitura marxista específica. A figura sendo resgatada era a do intelectual que reexamina suas próprias posições políticas.

Se a figura do intelectual revolucionário estava sendo criticada, cabe indagar sobre qual o tipo de intelectual que o núcleo da revista se propunha a ser. No segundo número publicado, ainda em 1978, emergia o modelo do intelectual do século XIX representado pela atividade crítica de Sarmiento.¹⁰⁰ Neste ensaio, a eficácia da crítica de

⁹⁸GRAMUGLIO, María Teresa. “Estética y política”, **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IX, nº 26, pp. 2-3, abr. 1986; p.3.

⁹⁹ SAER, Juan José. “Sartre: contra entusiastas y detractores”, **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano III, nº9, pp.11-12, jul. 1980; p.11.

¹⁰⁰ ROSA, Nicolás. “Sarmiento: critica y empirismo”, **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano I, nº2, pp.6-11, maio 1978.

Sarmiento reside na adoção de modelos e pressupostos teóricos europeus, “teorias importadas”, que são consumidas em sua originalidade sendo manipuladas para a análise dos processos culturais de sua sociedade. A crítica tinha um caráter experimental, onde havia a possibilidade de se criar um saber, uma teoria a respeito da atividade crítica e literária. Também foi destacada a dimensão política da escritura crítica de Sarmiento: a crítica da literatura como divulgadora de conhecimento, cujo objetivo real é ensinar.¹⁰¹ Pode-se dizer que o ensaio foi escrito pensando na função pedagógica do trabalho intelectual. Contudo, nossa hipótese é de que nesta interpretação existia a reflexão a respeito da linguagem como instrumento do escritor e, como pano de fundo, os debates acerca de como ela foi e poderia ser utilizada. Parece que *Punto de Vista* achou em Sarmiento a solução para a questão do compromisso que atende, ao mesmo tempo, à liberdade da escrita e às exigências da eficácia política.¹⁰²

Em suma, a participação nos debates nos anos anteriores ao surgimento da *Punto de Vista* foi fundamental para a forma como os intelectuais nucleados em torno do periódico pensaram e organizaram sua crítica e, fizessem do tema da autonomia da cultura uma de seus interesses principais. Para *Punto de Vista* a revisão do passado se fez a partir da conclusão da “canibalização” dos discursos intelectuais pelos discursos políticos.¹⁰³ A autocrítica se fez, principalmente em torno da perda da especificidade e da especialização dos discursos intelectuais:

La crítica de los límites implicó al mismo tiempo una crítica de la especialización. Filosofías sociales totalizantes, versiones hegelianas del marxismo y del peronismo (que aún hoy continúan practicándose), versiones integristas de la política, el partido o el estado, se convirtieron en principios unificadores en nombre de los cuales se pulverizó toda idea de diversidad e, incluso, de coexistencia y conflicto. En su forma más brutal se habló de ciencia burguesa y ciencia al servicio del pueblo, de arte popular y arte de las élites coloniales, como si fuera sencillo discriminar, tanto desde el punto de vista formal como de contenidos, tales divisiones. Se liquidó toda idea de regímenes de

¹⁰¹É importante ressaltar que o projeto político do século XIX considerava a alfabetização da população como um dos seus objetivos principais. Neste sentido, Sarmiento advoga pela democratização da escritura, onde através da leitura as pessoas terão acesso à cultura, ao conhecimento. Ibidem, p.7.

¹⁰² PIGLIA, Ricardo. “Sarmiento, Escritor”. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo ou civilização e barbárie**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.31.

¹⁰³ SARLO, Beatriz. “Intelectuales: ¿escisión o mimesis?”, **Punto de Vista**. Buenos Aires, anoVII, nº25, pp.1-6, dez. 1985; p.2.

verdad, de verdades zonales y localizadas, de legitimidad parcial, para organizar prácticas y discursos intelectuales bajo el fuerte imperio de la política.¹⁰⁴

Todos os intelectuais que participaram do conselho de direção de 1978 a 1981, o primeiro momento de *Punto de Vista*, militaram em partidos ou organizações de esquerda até suas desarticulações causadas pela repressão da ditadura militar. No final dos anos 1970, eles já não acreditavam nas mesmas apostas revolucionárias do início da década. Por isso, começaram a realizar uma espécie de balanço das posições políticas e teóricas dominantes antes mesmo do início da transição à democracia. O ponto de partida da revisão foi a problematização de certa apropriação do marxismo – o marxismo oficial constituído como ideologia dos partidos políticos – que permitia a reconsideração da própria cultura de esquerda, para perceber seus componentes autoritários. Lembrando que ambos os movimentos, o de reconhecimento dos componentes autoritários da cultura de esquerda e a resistência ao autoritarismo da ditadura militar foram se desenvolvendo concomitantemente nas páginas da revista.

Em *Punto de Vista*, por exemplo, um discurso baseado no conflito, opositor às práticas discursivas autoritárias, deveria estar pautado na pluralidade de sentidos. Permitindo, o surgimento de outras possibilidades de leitura e de verdades, debates de ideias, publicação de autores que não estavam sendo publicados em outros meios, permitia metaforizar a repressão.¹⁰⁵

No número inaugural da revista, o primeiro texto de autoria de Jean Franco – uma especialista em cultura e literatura latino-americana da Universidade de Stanford – analisava a importância da *parodia*, do *grotesco* e do *carnavalesco* na concepção dos personagens existentes em obras da literatura contemporânea latino-americana. Eram reflexões a respeito da relação entre literatura latino-americana e a literatura europeia, sobretudo, no que se refere à tradição da novela realista. Jean Franco tem como ponto de partida o fato de que a “*gran tradición*” definida por críticos europeus, considerava uma “*traición al género*” todos escritos que não apresentassem os “*valores*” definidos: a

¹⁰⁴ SARLO, Beatriz. “Intelectuales: ¿escisión o mimesis?”, p. 3.

¹⁰⁵ Ollier destacou sobre a importância da palavra: “Esta palabra que encierra enigmas y búsquedas, que connota oscuridad, desarticulación, verdades parciales, ambigüedades y contradicciones, pudo plasmarse en algunos escritos y pronunciarse en diferentes ámbitos.” OLLIER, María Matilde. Op. Cit., p.103.

vinculação da sociedade burguesa com o desenvolvimento da novela ou as relações humanas profundas que refletem a realidade mesma. Logo, do ponto de vista desta tradição, a novela latino-americana só poderia ser considerada como “*aberración o caricatura*”.¹⁰⁶

Tendo como base as ideias dos formalistas russos que, a grosso modo, destacam como indispensável o processo de destruição e de reconstrução na criação de uma novela, Jean Franco critica esta tradição que pensava que na América Latina houve uma degeneração do gênero. A novela não precisaria refletir a realidade da sociedade, era um gênero em crise e a paródia de estilo e das formas anteriores era uma forma de manifestá-la. Então, a paródia seria um instrumento importante na ruptura com o passado e uma via de abertura para o novo; uma maneira de transpor a literatura tradicional a outro espaço. Na América Latina, este deslocamento daria espaço a um pensamento crítico pois, “*através de las “diferencias”, podemos apreciar todo lo que la literatura europea no dijo y no puede decir*”.

Punto de Vista optou por abrir seu primeiro número, recorrendo à crítica estrangeira, centrada em aspectos da teoria literária, na relação entre literatura e tradição. O texto fazia uma crítica a tradição da novela realista e ressalta a necessidade de se pensar o desenvolvimento da novela de outra maneira. Advogava para que a crítica levasse em consideração sua própria literatura nacional, mas também todo o sistema literário que se impunha como “*valor*”. Essa “*doble visión*” permitiria perceber de uma maneira mais abrangente os aspectos favoráveis e insuficientes da literatura ocidental. Um ponto de vista que possibilitaria a “*autocrítica*”. Entretanto, se “*el discurso cultural es la política de las revistas*”¹⁰⁷, pode-se compreender este primeiro texto como uma metáfora. De um lado a crítica francesa e inglesa como discurso dominante que visava homogeneizar toda a produção literária e, por outro lado, *Punto de Vista* – através do texto de Jean Franco – como uma alternativa às verdades, valores e dados impostos. A confrontação de perspectivas aparece como condição indispensável para a autocrítica, ou seja, existe uma relação entre formas anteriores e novas formas.

¹⁰⁶ FRANCO, Jean. “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana.” **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano I, nº1, pp.3-7, mar. 1978.

¹⁰⁷ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una practica”, p.12.

O objetivo não foi o de discutir, muito menos o de validar tais teorias e diferentes aspectos, mas de fazer o registro desse lugar da cultura latino-americana que abrigou as questões culturais e políticas. Pode-se afirmar que da revisão a respeito das posições tomadas durante a década passada, derivou a tarefa de renovação do pensamento crítico levada a cabo na *Punto de Vista*. A busca por instrumentos teóricos que permitissem o cruzamento de ideias levaram ao desenvolvimento de um novo sistema interpretativo baseado em uma relação diferente entre política, ideologia e literatura.¹⁰⁸ *Punto de Vista*, tomando ideias da crítica estrangeira, buscava por alternativas de leituras e releituras do que ela considerou áreas da cultura argentina:

Más que una intervención “temática”, la apuesta de *Punto de Vista* se dedica a poner en circulación otros discursos – desde la crítica cultural y la teoría literaria hasta la reflexión sociológica y la historia cultural – que en sí mismos implican una opción intelectual refractaria a los discursos autoritarios, no sólo políticos sino propiamente culturales.¹⁰⁹

Mas quais seriam os discursos culturais autoritários que *Punto de Vista* tentava diferenciar-se? Todas as tendências teóricas que prevaleceram na crítica literária e cultural durante a década de 1960 e 1970: o estruturalismo francês que dominou o campo linguístico, literário e antropológico, a leitura althusseriana da teoria social e histórica, a psicanálise, semiologia, etc. Os artigos e entrevistas que tem como objetivo tratar dos temas da teoria crítica se preocuparam, principalmente, com as articulações da cultura dentro do contexto de dependência, da crise que enfrentavam os críticos e da sistematicidade das obras. Ainda que o formato inicial possa estar associado à revisão das posturas adotadas na *segunda etapa* de *Los Libros*, essa operação da crítica –atualização teórica aberta a saberes diversos – seria então resgatada das operações críticas iniciadas na *primeira etapa*.¹¹⁰ Momento no qual, os “*nuevos críticos*” esboçaram uma “*nueva crítica*” entre seus problemas e incertezas, esboçam “*un característico cuadro de nombres, objetos y*

¹⁰⁸ PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987)”.

¹⁰⁹ Ibidem, p.10.

¹¹⁰ De DIEGO, José Luis. Op. Cit., p.67.

tonalidades críticas y políticas, con sus ilustrados componentes, jóvenes en la mayoría, elegidos cuidadosamente.”¹¹¹

Os primeiros artigos publicados na *Punto de Vista* deram ênfase na reflexão a respeito das condições nas quais a cultura estava sendo produzida. Este elemento foi o que possibilitou que a atualização teórica fosse distinta da operada em *Los Libros*. No entanto, essa busca por um modo de ler diferente do olhar crítico orientado por teorias psicanalíticas, estruturalistas e marxistas foi embasada em duas atividades. A primeira era a tentativa de resgatar o caráter específico e, talvez, científico da atividade crítica, esboçado em 1970. A segunda se refere ao processo de pluralização em contraste com a homogeneização vivida. De 1978 a 1981 a revista promoveu uma reciclagem teórico-política através da ajuda de Jean Franco (1924-), Angel Rama (1926-1983), Antonio Candido (1918-), Antonio Cornejo Polar (1936-1997), Raymond Williams(1921-1988),Richard Hoggart (1918-), Pierre Bourdieu (1930-2002), Hans Robert Jauss (1921-1997).¹¹²

As importações culturais juntamente com as traduções indicam o modo como a intelectualidade concebe sua intervenção política. Ambas as operações fazem parte do programa da revista que “*define el ideal cultural al que responde o se aspira*”.¹¹³ Tanto o conteúdo e a análise das obras dos autores importados, como a maneira de recepção das mesmas, são estratégias.¹¹⁴ Em *Punto de Vista*, permitiram que estes textos fossem utilizados para discussão das problemáticas de seu presente e neste sentido, resignificaram ao reconhecerem a *crítica política da cultura* realizada em *Los Libros*. Concomitantemente, possibilitaram a incorporação de novas ferramentas de análise que permitiam buscar

¹¹¹WOLFF, Jorge. “Beatriz Sarlo y la nueva crítica”. In: **Telquelismos latinoamericanos**. Buenos Aires, Grumo, 2009, p.91.

¹¹² Todos estes autores realizaram trabalhos importantes no campo da crítica cultural e literária, ou ainda são referências na reflexão sobre o campo da cultura e intelectual. Nenhum dos autores citados é argentino, embora três deles (Angel Rama, Antonio Candido e Antonio Cornejo Polar) sejam latino-americanos. Contudo, mostram como as traduções e importações de ideias são importantes na constituição da revista, onde percebe-se o diálogo tanto com referências nacionais como internacionais.

¹¹³ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una practica”, p.13.

¹¹⁴ LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. **Localismo y Globalización: aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica**. Consejo superior de investigaciones científicas: Instituto de Historia, Madrid, 2000, p.226.

alternativas de leituras ou releituras de aspectos da cultura; que modificam os protagonistas, os conteúdos e os objetos críticos.

Capítulo 2 – A crítica da cultura como um modo de intervenção política

“(…) a crítica não é absolutamente uma tabela de resultados ou de um corpo de julgamentos, ela é essencialmente uma atividade, isto é, uma existência histórica e subjetiva (é a mesma coisa) daquele que os realiza, isto é, os assume.”

Roland Barthes

As revistas culturais ocuparam e ainda ocupam um lugar importante no campo de consumo da população letrada, pois apresentam temas e questões de seu próprio presente, através de uma narrativa que visa atualizar, informar e se posicionar. Consideradas como traço cultural latino-americano, são na Argentina espaços legitimados de leitura e discussão, onde polêmicas culturais e políticas ganham relevo. Por isso, a chave para compreendermos o modo como o discurso se articula nestes projetos intelectuais se encontra no fato da revista “*ser uma intervenção na esfera pública a partir do discurso intelectual, e não fora dele*”.¹¹⁵ Beatriz Sarlo em diferentes momentos, ao longo dos 30 anos da publicação, afirmou que a revista era feita por intelectuais para intelectuais. O espaço estava endereçado a uma elite minoritária interessada nos debates intelectuais, culturais e políticos. O universo letrado foi um elemento chave, no qual *Punto de Vista* buscou as premissas para entender a relação entre cultura e política; sendo que a cultura era pensada em sua autonomia. Tal concepção permitiu ao periódico se forjar como modernizador e atualizador da cultura. Característica que o coloca como referência entre os intelectuais.

No campo da crítica literária argentina das últimas duas décadas, os debates passam pelo programa da crítica da cultura sustentado por *Punto de Vista*. Um diálogo mais ou menos constante foi mantido, seja pela fascinação e pela polêmica, seja pelo consentimento ou desacordo com as teorias e metodologias publicadas.¹¹⁶ Tendo isso em vista, foi necessário refletir e discutir a respeito destes aparatos teóricos e metodológicos com o intuito de pensar na importância que adquiriram no projeto intelectual da revista.

¹¹⁵ PATIÑO, Roxana. “América Latina: literatura e crítica em revista(s)”. In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p.461.

¹¹⁶ DALMARONI, Miguel. “La moda y “la trampa del sentido común”: sobre la operación Raymond Williams en *Punto de Vista*”. **Orbis Tertius: Revista de Teoria y crítica literária**, ano 2, nº5, 1997, p.1.

Refletir sobre o lugar dos críticos da cultura – a respeito da função da crítica, os modos de escrevê-la e nos meios materiais de sua circulação – obriga o historiador a se aprofundar na produção e no universo dos intelectuais, em outras palavras, em seus espaços de sociabilidade. No caso estudado, *Punto de Vista* construiu filiações e se inseriu em uma genealogia. Ao mesmo tempo em que sua escrita trazia traços inovadores, buscava na tradição os elementos que lhe permitiam obter uma legitimidade.

O objetivo deste capítulo também foi refletir sobre a conformação do projeto intelectual coletivo do periódico, que circulou entre 1978 e 2008, tendo como hipótese que ele foi menos derivado de uma programática e mais resultado de uma série de mediações, negociações e posicionamentos. Busca-se entender os principais traços da crítica, principalmente através da análise das importações, adoção e adaptação de teorias e metodologias que incidiram sobre sua intervenção político-cultural. Pode-se afirmar que durante os primeiros anos o projeto crítico ainda estava em fase de elaboração e sua consolidação se daria apenas após 1982 durante o governo de Raúl Alfonsín. No entanto, uma maneira particular de escrever a crítica, de pensar a cultura e a política, já estava sendo gestada – mesmo sem rumos definidos – e cabe interrogar-nos como se deu esta série de escolhas que posteriormente foram suas estratégias intelectuais.

O coletivo do periódico almejava manter viva a cultura intelectual argentina em um tempo de crise. A denúncia e a oposição foram realizadas por meio da renovação teórica da crítica cultural e da reavaliação de aspectos da história da cultura argentina. Múltiplas foram as linguagens da cultura que avançaram contra as estruturas do discurso autoritário, que em meio as contradições do que era permitido e proibido, criaram expressões de oposição cultural. *Punto de Vista*, já que não estava localizada como porta-voz do discurso dominante, buscou seu lugar – reivindicou a memória de escritores e artistas – no espaço marginal como alternativa a centralizadora imobilidade do regime.¹¹⁷

¹¹⁷ MASIELLO, Francine. Op. Cit., p.13.

Teorias da crítica: tensões entre continuidade e ruptura

O projeto intelectual de *Punto de Vista* foi se constituindo durante o período da ditadura, como já foi destacado, por meio das filiações e tradições, assim como por rupturas e intenções vanguardistas. Mariano Plotkin e Ricardo González analisaram a consolidação deste grupo como elite intelectual, na volta à democracia. Segundo este estudo, *Punto de Vista* ocupou um lugar central no campo intelectual a partir de estratégias conscientes e inconscientes. Uma delas consistiu em se criar como ponte entre a cultura local e universal. Logo no número inaugural a revista explicitava a existência da problemática:

Hay una larga historia de intelectuales europeos asimilados por la cultura argentina. Pedro de Angelis, Paul Groussac, Amadeo Jacques, Charles de Soussens, son algunos de los nombres de una compleja tradición de intelectuales extranjeros que se integran y llegan a cumplir funciones a menudo decisivas en distintos momentos de nuestra historia. Preguntarse por esa función, preguntarse cómo fueron integrados, qué lugar ocuparon, cómo influyeron en la literatura argentina es un modo de entender los mecanismos de una cultura que – definida desde el principio por la oposición entre civilización y barbarie – tuvo en el europeísmo, en el cosmopolitismo, una de sus corrientes principales.¹¹⁸

Este trecho mostra a tensão gerada pela adoção de perspectivas locais e estrangeiras na cultura argentina. A dualidade não só perpassou constantemente os números da publicação, como apareceu nesta análise de *PuntodeVista*, como um traço marcante da cultura intelectual argentina. Deste modo, era realizado um duplo movimento: a inserção na história da crítica cultural e literária argentina se dava ao mesmo tempo em que os intelectuais tentavam justificar as importações e traduções de autores estrangeiros - operações que permitiram incorporar traços intelectuais que os diferenciaram em suas análises dentro do campo intelectual.

Neste sentido, a operação de importação e difusão do materialismo cultural inglês que *Punto de Vista* levou a cabo a partir de 1979, é relevante e pode ser entendida também como estratégia de heterogeneidade discursiva em relação ao autoritarismo.¹¹⁹ Especialmente a leitura de Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano que ao privilegiarem a obra de

¹¹⁸ PIGLIA, Ricardo. “Hudson: ¿Un Guiraldes inglés?” **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano 1, nº1, mar. 1978, p.23.

¹¹⁹ DALMARONI, Miguel. **La palabra justa**. *Literatura, crítica y memoria en la Argentina 1960-2002*, p.94.

Raymond Williams, começaram a escrever sobre áreas da cultura argentina marginalizadas ou demonizadas pela análise tradicional da esquerda. Em 1993, em uma espécie de balanço retrospectivo, Sarlo lembrava que a “*salida ‘culturalista’ fue la única posible en los primeros años de la dictadura militar*”:

Williams y la fundación de esta revista, *Punto de Vista*, aparecen en mi recuerdo de esos años curiosamente unidos. /.../ La circularidad del materialismo cultural williamsiano (rasgo que le ha sido señalado con poca simpatía por sus críticos, y que nosotros percibíamos) nos autorizaba, sin embargo, a pensar que, en esa relación inextricable de cultura y política, se abría una posibilidad de acción intelectual que adquiriera, al desplegarse, significación pública.¹²⁰

Nota-se nesteparágrafo e nos primeiros anos da publicação, o compartilhamento da perspectiva de que esfera política e cultural operavam ambas em territórios que se entrecruzam, e por isso, se poderia dar respostas políticas a partir de temáticas que seriam relativas às questões culturais. Williams permitia a *Punto de Vista* pensar na esfera cultural como autônoma, ainda que a cultura estivesse relacionada intrinsecamente com uma trama social, ideológica e política, inclusive ao ponto de poder modificá-la. Permitiu, sobretudo, uma redefinição na dimensão do trabalho intelectual.

Este discurso procurava a discussão de questões e temas que julgava necessários para se questionar o autoritarismo, o interessante neste momento era buscar teorias que permitissem um cruzamento de perspectivas e novas formas de leituras, como afirmaria Sarlo alguns anos mais tarde:

Si se quiere, Williams nos obligó a trabajar en un cruce de perspectivas que bien podía ser acusado de ecléctico. Pero, justamente, para quienes estaban separándose de una ortodoxia marxista dura y de un formalismo estructuralista que los maestros como Barthes ya habían abandonado, el momento ecléctico fue indispensable: la entrada temprana de las escuelas francesas de los sesenta en la fracción de izquierda del campo intelectual argentino, impulsaba explorar fuentes de procedencia teórica bien distinta a las que habían sido las hegemónicas hasta entonces.¹²¹

Em chave williamsiana, segundo Sarlo e Altamirano, o universo teórico de um marxismo conhecido era libertado para outras versões. A teoria de Williams foi lida

¹²⁰ SARLO, Beatriz. “Raymond Williams: una relectura”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XVI, nº45, abr. 1993, p.13.

¹²¹ *Ibidem*, p.14.

pensando o marxismo como um foco de sugestões teóricas e as categorias da tradição marxista seriam então incorporadas como contribuições. Williams possibilitou novos recursos intelectuais para se analisar os problemas referentes à cultura.¹²²

Um dos aspectos mais analisados com agudeza é a “importação” da teoria de Raymond Williams pela *Punto de Vista*. Em 2004, Miguel Dalmaroni, através da perspectiva de que a nova crítica se colocaria como uma mediadora, analisou a “*operación Raymond Willians en Punto de Vista*”. Analisando os artigos nos quais a teoria foi resenhada, o autor afirma que o intuito era fugir das modas teóricas intelectuais e repensar a conexão entre cultura e política.¹²³ Este segundo motivo, como foi mostrado acima, apareceria posteriormente, no autoexame retrospectivo que Sarlo e Altamirano realizaram sobre as condições de publicação em tempos ditatoriais. Somado a estas duas razões, Dalmaroni ainda destaca que a importação foi realizada com propósitos vanguardistas, ou seja, publicar um repertório teórico novo seria uma maneira de se distinguir em uma operação de vanguarda que propunha a substituição das modas.

O autor refletiu sobre a leitura que Sarlo e Altamirano fazem de Raymond Williams para pensar em suas intervenções a partir de *Punto de Vista* no campo intelectual e cultural argentino. Então, esta teoria “desconhecida” teria sido essencial para que fossem mantidos os laços entre crítica da cultura e intervenção no debate público e político e, ao mesmo tempo possibilitou encontrar um foco teórico novo, sem abandonar todo o programa da crítica da cultura elaborado antes em *Los Libros*.¹²⁴ Será a partir desta perspectiva que Dalmaroni afirmou que a leitura de Williams era reformista em termos políticos, teóricos e metodológicos.

A tese de doutorado de Ana Cecília Arias Olmos é significativa ao apresentar a introdução do culturalismo inglês no campo intelectual argentino como uma alternativa a hegemonia do pensamento estruturalista francês que imperava a reflexão acadêmica da

¹²² ALTAMIRANO, Carlos. “Raymond Williams, 1921 - 1988”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XI, nº33, pp.1-2, set. 1988.

¹²³ A obra e a trajetória de Raymond Williams foi objeto de análise em alguns momentos. Na primeira etapa de *Punto de Vista* foram publicados dois artigos. O primeiro no número 6, “Entrevistas a Raymond Williams e Richard Hoggart”, por Beatriz Sarlo; o segundo no número 11, em março de 1981, um artigo de Carlos Altamirano, “Raymond Williams: proposiciones para una teoria social de la cultura”. Depois disso, Williams voltaria a ser pauta no número 33 e no número 45, onde Altamirano e Sarlo justificam a operação.

¹²⁴ DALMARONI, Miguel. **La palabra justa**. *Literatura, crítica y memoria en la Argentina 1960-2002*, p.94.

Argentina nestes anos. A adoção das teorias de Williams e de Richard Hoggartt significou outro modo de pensar a relação entre literatura e sociedade. A aproximação com Williams teria a ver então com o desejo de reverter o desalojamento da história do universo da crítica literária, provocado pelas leituras estruturalistas, em discutir sobre os alcances e limites dos estudos literários, assim como de seus objetos.¹²⁵ O que significava “*pensar a literatura como una práctica discursiva inserta en el marco más general de las prácticas significantes de la sociedad*”. Inclusive, dando menos importância a seus aspectos particulares e específicos, para assim colocá-la “*en relación con el sistema global de la cultura*”.¹²⁶

No entanto, a importação, adoção e adaptação dos autores estrangeiros e traduzidos em *Punto de Vista*, não produziram apenas uma reforma na crítica literária. As operações geraram, como afirmou Patiño, uma reconfiguração no modo de conceber a cultura, a política e a cultura política da esquerda argentina. Seguindo esta linha de pensamento, María Jimena Montaña analisou a importância da recepção de Raymond Williams para a formação de um pensamento político que permitiu a participação destes intelectuais nos debates acerca da perspectiva democrática.¹²⁷ Por ora, cabe apenas afirmar que nos anos 1980, durante a transição democrática, um dos usos dos conceitos e noções “culturalistas” foi muito mais programático do que durante a ditadura. Este trabalho se ancorou na hipótese de que serviram como estratégias para a reconstrução do campo intelectual, ao passo em que operaram produzindo a diferenciação de *Punto de Vista* dentro da parcela da esquerda intelectual argentina.

Durante a ditadura *Punto de Vista* repensou a forma de escrever sua crítica no que chamou de sociologia da cultura e da literatura.¹²⁸ Nestes estudos, Pierre Bourdieu

¹²⁵ OLMOS, Ana Cecilia Arias. **Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural: Una lectura comparada de Punto de Vista y Novos Estudos Cebrap.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, maio 2000, pp.127-137.

¹²⁶ *Ibidem*, p.133.

¹²⁷ MONTAÑA, María Jimena. “La recepción de Raymond Williams en la revista *Punto de Vista*: un retorno al sujeto, la historia y la experiencia”. *Prácticas de Oficio: Investigación y reflexión en Ciencias Sociales*, nº 5, diciembre de 2009.

¹²⁸ Número 2, Angel Rama, “Encuesta sobre sociología de la lectura”; número 5, Rita Eder, “El público de arte: una encuesta”; número 6, “Entrevistas a Raymond Williams y Richard Hoggart”, por Beatriz Sarlo; número 8, Pierre Bourdieu, “Los bienes simbólicos, la producción del valor”; número 9, Angel Rama, Argentina: crisis de una cultura sistemática; número 11, Angel Rama, “Los efectos del boom: mercado

também teve destaque: forneceu ao grupo conceitos como *campo intelectual*, *bens simbólicas* e *habitus*. Como discurso intersticial permitiu a abordagem da ordem simbólica dentro da análise social, ou seja, o poder era colocado em foco, a violência simbólica do estado autoritário podia ser criticada. Apesar da difusão de Bourdieu ter se dado sob a forma de traduções, pode-se afirmar que o desenvolvimento de suas ideias – de uma maneira geral, o desenvolvimento do campo da sociologia da cultura – se encontrava na revista mais como base teórica nos numerosos artigos sobre cultura e literatura do que como exposição direta de seu pensamento.¹²⁹ Assim como Williams, Bourdieu ganhou destaque como instrumento depois de 1981, onde sua sociologia dos intelectuais será um novo instrumento de intervenção no campo cultural argentino.¹³⁰

Como exercício de reflexão coube pensar como a aproximação de Williams e Bourdieu em *Punto de Vista* – como possibilidades teórico-metodológicas na construção de uma sociologia da leitura – se deve ao fato de apresentarem instrumentos capazes de oferecer outros modos de interpretação das áreas da cultura argentina. Tendo isto em vista, foi possível discutir como os intelectuais da publicação, cujos interesses passavam pela crítica literária, realizaram paralelamente a atualização das referências teórico-metodológicas, uma revisão da tradição literária argentina. Em outras palavras, as leituras realizadas de Sarmiento, da revista *Sur*, das vanguardas e de Borges, repercutiam suas atualizações. As recuperações de figuras da tradição literária argentina visaram promover o deslocamento de antigas interpretações cristalizadas no campo cultural¹³¹, mostrando que a novidade residia na heterogeneidade discursiva de um mesmo lugar do debate intelectual.

Pode-se inferir que *Punto de Vista* advogou por uma cultura de esquerda baseada na perspectiva que mais uma vez se afastava da experiência da militância política que excluía muitas ideias:

literario y narrativa latinoamericana”; Carlos Altamirano, “Raymond Williams: proposiciones para una teoría social de la cultura”.

¹²⁹ PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987)”, p.12.

¹³⁰ Cabe ressaltar que neste trabalho utilizamos o conceito de campo, pois foi a forma que desde o início a cultura, a política e os intelectuais foram tratados em *Punto de Vista*. Entende-se por campo então a apropriação da teoria de Bourdieu, como um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social global – o espaço nacional. Cada campo possui regras próprias e desafios específicos sendo que não podem ser reduzidos as regras de outros campos.

¹³¹ OLMOS, Ana Cecilia Arias. Op. Cit., p.138 .

Durante esos años practicamos una especie de doble conciencia teórica, por un lado todo remitía a la lucha de clases, la fórmula althusseriana, y por el otro, los gustos, que no podíamos concebirlos como universo privado, porque no existía la concepción de universo privado. Ese universo de nuestros gustos convivía mal con la teoría política. Recuerdo un compañero importante del partido en el que yo militaba que en una reunión me dijo que tendría que decidir, y era indispensable que lo hiciera, entre Barthes y Gramsci.¹³²

A renovação dos discursos deve ser pensada a partir das trajetórias e experiências políticas intelectuais individuais, dessa maneira no início de *Punto de Vista* a “*operación Raymond Williams*” adquire o sentido, especialmente para Sarlo e Altamirano, de uma “*definitiva descolonización intelectual*”.¹³³ Tal perspectiva se justificava na ideia de que os culturalistas ingleses se apresentavam como “alternativas” frente aos teóricos do estruturalismo francês. Isto quer dizer que: a colonização intelectual não era a adoção de perspectivas vindas da Europa, mas sim a simbiose entre as práticas cultural e política. No entanto, as importações e traduções significaram uma prática vanguardista e uma tentativa de pertencimento dentro da tradição socialista e, podem ser interpretadas também como um exercício de memória dos próprios participantes da revista sobre ela mesma. Pois, ao separar as práticas – cultura e política – para afirmarem uma posição de intelectual militante que apenas escolheu outras formas de discutir a ditadura em termos políticos. Tal esforço mostrou como as concepções em *Punto de Vista*, neste primeiro momento, apenas reforçavam a subordinação da cultura à política.

A revista também abriu espaço para o discurso sobre a colonização intelectual voltado à relação entre centro produtores de bens culturais e a dependência das periferias, no caso da América Latina. Em vários ensaios foram discutidos problemas mais amplos da cultura da região, onde o olhar da revista advogou na defesa da incorporação da tradição europeia, mas não pela simples cópia.¹³⁴ Se o cosmopolitismo de fato afetou a América Latina impondo modelos e modas culturais, para Sarlo era evidente a necessidade de refletir

¹³² Entrevista publicada no jornal Clarín em 22/05/2004. Beatriz Sarlo: “*No siento ninguna nostalgia*”. Disponível em: <http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2004/05/22/u-762859.htm>
Acessado em 23/04/2012

¹³³ WOLFF, Jorge. Op. Cit., p.105.

¹³⁴ Podemos observar a temática, para citar alguns ensaios, no número 1., no texto de Jean Franco; no número 2 na crítica literária da obra de Manuel Scorza, no número 3 em um ensaio de Maria Teresa Gramuglio. Porém a publicação mais significativa sobre o tema é a número 8 onde a maioria dos artigos e ensaios trabalham alguma perspectiva da temática, ressaltando as entrevistas com os críticos Angel Rama, Antonio Candido e Antonio Cornejo Polar.

sobre um discurso teórico capaz de dar conta destas questões; uma espécie de “‘antropofagia crítica’ de las modas europeas en el campo de la teoria”.¹³⁵ A discussão então se inclinou para a necessidade de se criar um corpus teórico latino-americano, para pensar a literatura latino-americana. *Punto de Vista* trouxe para este debate três críticos importantes do continente – o uruguaio Angel Rama, o brasileiro Antonio Candido e o peruano Antonio Cornejo Polar -, cujas concepções expostas em entrevistas também influenciaram na constituição dos métodos de sua crítica.

Roxaña Patiño analisou a preocupação de *Punto de Vista* em se aproximar dos três grandes expoentes da crítica latino-americana, mostrando sua articulação com outras revistas de crítica literária¹³⁶ que publicaram artigos e ensaios, que juntos formam um conjunto responsável por sustentar e consolidar o chamado “projeto crítico dos anos setenta”:

A necessidade de construir um discurso teórico, crítico e historiográfico de conjunto, assim como os instrumentos conceituais aptos para construir esse discurso, foram os tópicos de um debate e de uma série de propostas que constituem o esforço para gerar um novo estatuto crítico que funcionasse como impulso para um latino-americanismo que reconhecendo-se tributário do pensamento de seus fundadores (de Martí e Rodó até Mariátegui e Henriquez Ureña), requeria uma instância de reforma superadora.¹³⁷

Estes críticos reivindicavam na especificidade uma cientificidade para a crítica, e dessa forma pensavam a tarefa da crítica como política. As problemáticas teóricas e críticas mais concretas nas quais *Punto de Vista* estava envolvida, nada mais são do que o encontro de suas grandes vontades expostas em sua primeira fase de publicação: modernização e politização. Vale lembrar mais uma vez que a iniciativa de buscar por novos arcabouços teórico-metodológicos foi gerada a partir das questões colocadas em

¹³⁵ SARLO, Beatriz. “La literatura de América Latina. Unidad y Conflicto”, **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano III, nº 8, mar. – jun. 1980, p.4.

¹³⁶ Assim como *Punto de Vista* estas outras publicações surgem na década de 1970: *Hispanamérica* (Estados Unidos, 1972) dirigida por Saul Sosnowski; *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana* (Peru, 1973) dirigida por Antonio Cornejo Polar; *Escritura* (Venezuela, 1975) dirigida por Ángel Rama; *TextoCrítico* (México, 1975) dirigida por Jorge Ruffinelli; *Dispositivo* (Estados Unidos, 1976) dirigida por Walter Mignolo; *Lexis* (Lima, 1977) dirigida por Susana Reiz de Rivarola; *Ideologies and Literatures* (Estados Unidos, 1977) dirigida por Hernán Vidal. Aliás, cabe ressaltar que durante muitos anos *Punto de Vista* manteve o diálogo com *Escritura* e a *Revista de Crítica Literária*, fazendo propaganda de ambas em suas páginas.

¹³⁷ PATIÑO, Roxana. “América Latina: literatura e crítica em revista(s)”. p.462.

relação a sua contemporaneidade e os contatos muitas vezes foram frutos da causalidade. Beatriz Sarlo apenas entrevistou os críticos latino-americanos, pois foi participar em 1980, no Brasil, das Jornadas de Literaturas Latino-americanas, organizada pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas. Da mesma forma, as entrevistas de Raymond Williams e Richard Hoggart se realizaram na viagem que a intelectual e Carlos Altamirano fizeram pela Europa no ano anterior. Segundo este a viagem foi muito importante, pois o colocou em contato com a crise do marxismo como teoria de transformação revolucionária.¹³⁸

Essas operações da crítica possibilitaram uma compreensão sobre a gestação do projeto da *Punto de Vista*. Existe uma série de mediações, intervenções, decisões sobre o caráter da revista, a forma de ingressar no campo cultural, a sua busca por singularização no mundo das impressões, assim como a busca por leitores que dizem respeito ao caminho trilhado desde a ideia inicial até a publicação do primeiro número. Frequentemente estas são as decisões do grupo editorial a respeito dos conteúdos, da ideologia e da posição que terá a revista.¹³⁹ Assim, para se entender o projeto editorial da *Punto de Vista* tem-se que levar em consideração sua inserção em um pequeno campo opositor, que visava contribuir para a abertura do espaço público ao manter uma rede intelectual em contato: evitar a fragmentação e a não comunicação (seja dentro ou fora do país). Lugar pautado na valorização e defesa da palavra, construída por meio do diálogo e da polêmica, que se diferenciava do regime ao construir outras representações sociais e culturais da história cultural argentina, mesmo utilizando de manobras de encobrimento ou o disfarce de posturas e ideias proibidas.

Por meio da intervenção dentro do discurso intelectual e para debater sobre relações problemáticas – literatura e história, intelectual e público de massas, sociologia cultural e formalismo, tradição e ruptura – a reciclagem teórico-política foi para *Punto de Vista* uma possibilidade, a única possível, de intervenção político-cultural. Conceitos, metodologias novas emprestavam aos intelectuais otimismo diante do presente,

¹³⁸ TRÍMBOLI, Javier. **La izquierda en la Argentina**. Buenos Aires: Manantial, 1988, p.18.

¹³⁹ GRILLO, Maria Del Carmen. “El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales”. Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010, Publicación en CD-Rom.

sustentavam em meio a um contexto de fortes questionamentos que tradições poderiam ser transformadas e não somente reproduzidas. E, se tradições podem ser modificadas, ao ponto de ainda permitirem uma continuidade, a tradição também permite que se produza a seleção. Esta perspectiva, desenvolvida a partir das noções de dominante, emergente, residual, presentes no pensamento de Raymond Williams, pode ser observada nas escolhas de *Punto de Vista* que combinou neste primeiro momento a vontade em constituir-se como vanguarda e tentar romper com todas as modas intelectuais com a busca por uma tradição cultural nacional.

Tradição e marginalidade na construção de um espaço alternativo

No primeiro editorial publicado em julho de 1981 *Punto de Vista* explicitava sua preocupação referente a tradição cultural argentina:

Existe una tradición argentina que los que hacemos Punto de Vista reconocemos: una línea crítica, de reflexión social, cultural y política que pasa por la generación de 37, por José Hernández, por Martínez Estrada, por FORJA, por el grupo Contorno. Descubrimos allí no una problemática identidad de contenidos, sino más bien una cualidad intelectual y moral.¹⁴⁰

Para entender o porquê *Punto de Vista* traçou uma genealogia da qual afirmava se inserir, é preciso lembrar que os grupos intelectuais utilizaram as mais diversas estratégias para enfrentar os desafios postos em seu presente e conseguirem se consolidar dentro do campo intelectual onde atuam. No caso do periódico analisado, duas problemáticas podem estar relacionadas a esta questão. O tema da genealogia era central porque estava, primeiro, vinculado a outro problema que rondava seus editores: que era a necessidade de construir para a revista um lugar na tradição cultural nacional conservando, acima de tudo, sua identidade como grupo de esquerda.¹⁴¹ Em segundo lugar, diz respeito à reivindicação de um “*punto de vista*” próprio e a criação de uma nova crítica, ou seja, uma

¹⁴⁰ Editorial. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IV, nº12, jul. 1981, p.2.

¹⁴¹ LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. Op. Cit., p 229.

“*manera de escribir*”.¹⁴² Tendo isso em vista, cabe indagar, qual era a tradição que *Punto de Vista* tentava se inserir? E, qual sua importância para o projeto intelectual da revista?

Antes de esboçar hipóteses sobre a interpretação da revista em relação à tradição escolhida, cabe repassar os acontecimentos históricos que colaboraram para forjar sua trajetória. Como já explicado, *Punto de Vista* foi criada durante a ditadura. Tal particularidade fez com que seus editores e colaboradores tomassem certas medidas de precaução. Para não sofrerem com as medidas repressivas adotadas pelo Estado optaram pela adoção de pseudônimos e por não publicarem editoriais. Atos que visavam manter a preservação individual e a circularidade do periódico recém-começado, pois com as assinaturas poderiam ser identificados com *Los Libros*, que havia sido fechada em 1976 pelos militares. Paulatinamente, quando o medo e as ameaças foram se dissipando os nomes dos editores surgiram e, em 1981, foi escrito o primeiro editorial da revista, ainda tímido, mas que explicava seus objetivos e posições frente a ditadura.¹⁴³

Marcos Navaro e Vicente Palermo explicam que em 1978 os *chefes processistas* anunciavam o fim da “*luta anti-subversiva*”, confiantes de que os elementos subversivos da sociedade haviam sido expurgados. E, uma vez encerrada esta primeira etapa, deveriam dar início a etapa de fundação da nova república, baseada na renovação das bases institucionais e econômicas. Os autores argumentaram que as discussões sobre o futuro político do “*Proceso*” geraram tensões internas e impediram o aprofundamento dos êxitos iniciais (vitória sobre a subversão e o ordenamento do Estado). Em 1979 foram divulgadas “Normas da Junta Militar ao Poder Executivo para o período 1979-1981”¹⁴⁴, nas quais o governo não esclarecia objetivos tampouco prazos concretos para a “saída política”, mas declarava o fim da situação de exceção. Outro fato considerável foi a ascensão do

¹⁴² Editorial. **Punto de Vista**. Buenos Aires, nº 90, mar. 2008.

¹⁴³ “*Frente a la crisis económica que afecta a las instituciones culturales y editoriales, y frente a la clausura política, los intelectuales hemos imaginado, en estos años, formas y espacios nuevos para la discusión y circulación de ideas, posiciones, perspectivas. Punto de Vista entiende que su actividad hasta ahora, y en el período que sigue, pertenece a este horizonte.*” Editorial. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IV, nº12, jul. – out. 1981.

¹⁴⁴NOVARRO, Marcos ; PALERMO, Vicente. Op. Cit., pp.268-269.

general Viola a presidência em 24 de março de 1981, com a proposta de modificação da orientação do governo em todos os campos.¹⁴⁵

Os acontecimentos provavelmente contribuíram para que o grupo por trás de *Punto de Vista* indicasse suas propostas, culturais, artísticas, literárias e políticas no editorial. Entretanto, o editorial não pode ser concebido como único espaço no qual o pesquisador pode explorar as propostas. Uma revista em seu todo difunde seu projeto; suas premissas podem ser estudadas também a partir da organização interna da publicação e da hierarquização dos espaços (ou seja, a definição dos temas que mais ocupam espaço e a ordem de apresentação dos textos).¹⁴⁶ Para Sarlo “*las editoriales son zonas poco confiables si lo que se quiere es reconstruir, en perspectiva historica, la problemática de una revista.*” Quando Sarlo escreveu esta conclusão em um artigo sobre intelectuais e revistas, *Punto de Vista* já tinha completado 14 anos de publicação ininterruptos. Suas afirmações se sustentam na autoridade de diretora e, neste sentido, podem ser interpretadas como uma tentativa de impor uma maneira de se “fazer” revista cultural; a sua maneira de desenvolver *Punto de Vista*. Traço que não invalida o fato do editorial se caracterizar por ser um discurso programático e por essa razão, o estudioso deve confrontá-los com outros materiais da revista.

Sendo assim, procurou-se cruzar a reivindicação explícita de uma genealogia com os nomes e temas que mais apareceram nos primeiros anos da revista. Como resultado tem-se uma lista que remete aos representantes de variadas tradições políticas e de pensamento da Argentina. O intuito não foi apenas estabelecer filiações, continuidades e rupturas, mas tentar compreender o porquê estas recuperações foram importantes para suas propostas e constituição como intelectuais, a partir da localização específica da revista no campo político e intelectual de sua época.

¹⁴⁵ Uma explicação mais extensa da sucessão de Videla por Viola, e de sua tentativa em recuperar certa legitimidade perdida para o Processo, convocando diferentes setores da sociedade civil para o diálogo pode ser vista em: NOVARRO, Marcos; PALERMO, Vicente. Op. Cit., pp.467-508; Um trabalho que discutiu a disputa no interior do governo foi: CANELO, Paula. **El proceso en su laberinto. La interna militar de Videla a Bignone**. Buenos Aires: Prometeu, 2008.

¹⁴⁶ CRESPO, Regina. “Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural”, 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha>; Acessado em: 16/03/2012

Desde a perspectiva de recuperar o passado em função de uma leitura do presente, a revista fez de Jorge Luís Borges, especificamente seus escritos nos anos 1920, uma dos temas recorrentes. Este escritor não se encontrava na genealogia descrita, mas foi reconhecido na revista como um modelo a ser seguido:

No solo contra la censura impuesta sino, y sobre todo, contra el reduccionismo de la estética realista y su sujeción, la irreverencia del modelo borgeano se imponía porque no enunciaba la política sino que la colocaba, silenciosamente, en el gesto subversivo de su escritura.¹⁴⁷

As análises de *Punto de Vista*¹⁴⁸ destacaram principalmente a especificidade da escrita deste literato, que emergiu como possibilidade para repensar a literatura argentina e talvez resolver a problemática contida no cruzamento do nacional e do estrangeiro. Olmos afirmou que Borges encarnava a figura do escritor que permite a prática intertextual, cuja escritura se constitui através da paródia, da citação e da tradução. Segundo ela, foram estes procedimentos que permitiram o caráter subversivo da escritura e foram incorporados como modelo discursivo nos anos 1970 e 1980, no qual *Punto de Vista* estabeleceu suas bases.

Em um artigo publicado em 1979, “Ideología y ficción”, Ricardo Piglia refletiu sobre as propriedades que tornam possíveis a escritura. Destacou que a na obra borgeana existe um relato que “*construye la historia de su escritura*”. Este relato, que Piglia chama de *narración genealógica* era o que permitia a construção de sua escrita. Essa herança articulava uma dupla linhagem: de um lado os antepassados de sangue e do outro os antepassados literários. Na genealogia residia a possibilidade da crítica interpretar a ideologia que perpassava sua obra e assim definia seu lugar na sociedade e sua relação com a literatura. As relações de parentesco estabelecidas podem ser pensadas como metáforas para se falar de outras relações como cultura e classe. Para Piglia, Borges escancarava nessa construção o embate, ou as contradições que a cultura argentina carrega desde a origem entre as armas e as letras; o *criollo* e o europeu, a linhagem e o mérito, a coragem e a

¹⁴⁷ OLMOS, Ana Cecilia Arias. Op. Cit., p.142.

¹⁴⁸ Me refiro aos trabalhos escritos por Sarlo “Borges y la literatura” e “Sobre a vanguardia, Borges y el criollismo” publicados no número 11, em março-junho de 1981. Estes trabalhos formaram parte do livro da intelectual **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. Podemos citar ainda as análise de Ricardo Piglia em “Ideología y ficción en Borges”, publicada no número 5, em 1979.

cultura. Oposições que reproduzem a fórmula básica com que essa tradição ideológica pensou a história e a cultura argentina.

Se compartilharmos da análise que afirmou que os intelectuais de *Punto de Vista*, sobretudo Beatriz Sarlo, são fortemente influenciados pela escrita borgeana, se pode dizer que Borges fazia parte da genealogia que permitia a localização da publicação na história do país. Neste sentido, a cultura pode ser lida como a herança deixada pelos antepassados.

A Geração de 37, um grupo de intelectuais que coloca a questão nacional no cerne de suas reflexões e que tiveram uma relação tumultuada com o poder¹⁴⁹, era a filiação já reivindicada antes mesmo da revista se materializar. Sarlo lembra que as reuniões clandestinas onde o projeto editorial de *Punto de Vista* estava sendo pensado eram chamadas de *Salón Literário*, mesmo nome do local onde a Geração de 37 se reunia para “*pensar, estudiar, analizar la particular realidad social argentina*”.¹⁵⁰ Não foi por acaso que as reflexões a respeito deste tema continuaram. Em 1980 foi publicado o texto sobre “*Identidad, linaje y mérito de Sarmiento*”, onde “*el origen como el reconocimiento*” era o problema a ser resolvido: a posse da cultura e o lugar alcançado, resultado da acumulação da formação intelectual, impunham o reconhecimento e sua utilidade pública. Entretanto, em outro momento do texto, a busca por “*una genealogia decente*” significava a reivindicação por uma “*constelación familiar*”, elemento que mostra que as reflexões de *Punto de Vista* seguiam na direção do reconhecimento. “*Ya no es el esfuerzo sino la sangre*”, *ya no es el mérito sino el parentesco lo que permite tener un nombre y ser reconocido*.”¹⁵¹ A reivindicação da Geração de 37 por *Punto de Vista* é primeiramente um

¹⁴⁹ A Geração de 37 é considerada como o primeiro movimento intelectual que possuiu como propósito a interpretação da realidade argentina. Seus integrantes mais conhecidos são: Esteban Echeverría, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez, Vicente Fidel López, José Mármol y Félix Frías. Seus membros tinham o objetivo de realizar a revolução no plano intelectual, ou seja, completar o que a geração anterior tinha feito no plano material. No regime de Juan Manuel Rosas, os membros dessa geração ingressam em uma ativa atividade de oposição que os levaram ao exílio. Ver em: TERÁN, Oscar. **Historia de las ideas en la argentina: diez lecciones iniciales, 1810-1980**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores, 2010, pp.61-109.

¹⁵⁰ TERÁN, Oscar. *Ibidem*. p.61.

¹⁵¹ ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. “*Identidad, linaje y mérito de Sarmiento*.” **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano III, nº 10, pp.14-19, nov. 1980; p.17.

legado; a virtude – “*cualidad intelectual*” – é que faz com que possam honrar essa herança cultural.

Domingo Faustino Sarmiento, escreveu no século XIX *Facundo: Civilização e Barbárie*, obra publicada em seu exílio ao longo de várias semanas em artigos no diário chileno *El Progreso*. O texto se tornou uma das pedras angulares da literatura argentina, fato que obriga a crítica literária argentina a passar por este debate. *Punto de Vista*, em mais três números,¹⁵² se preocupou em analisar a atividade crítica de Sarmiento, em discutir a situação da literatura argentina. As interpretações ressaltavam um problema da história intelectual, cujo centro estava no campo literário, a respeito da fundação da literatura argentina, ou em outras palavras, em questionar os movimentos que consagraram a tradição literária nacional. Pelo mesmo motivo, a imagem que a revista promoveu de José Hernández estava vinculada a análise de *Martín Fierro*, outro pilar da cultura letrada do século XIX argentino.

Punto de Vista, publicou em 1979, um número dedicado a relembrar “*uno de los centenários más gloriosos y problemáticos de la literatura argentina: el de “La vuelta de Martín Fierro” aparecido en Buenos Aires, en 1879.*”¹⁵³ Em primeiro lugar, se pode inferir que a revista questionava, de maneira indireta, as comemorações do centenário da Campanha do Deserto que o governo militar levava a cabo em esse mesmo ano.¹⁵⁴ Ela colocava em destaque um discurso crítico que se contrapunha ao discurso hegemônico ditatorial. Refletindo ainda sobre a perspectiva do campo intelectual, os textos publicados possuíam como objetivo contribuir para a história das leituras de *Martín Fierro*, na tentativa de desvendar os motivos do movimento de recuperação deste texto por parte da crítica argentina. Ao refletir sobre esta problemática, a revista afirmou que *Martín Fierro* foi escolhido como “*obra épica o poema nacional*”, para firmar uma identidade nacional, ou seja, a questão principal era pensar a noção de “*nacionalidad, espíritu nacional*,

¹⁵² Nicolás Rosa. “Sarmiento: crítica y empirismo”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano I, nº2, maio 1978; Carlos Altamirano. “La fundación de la literatura argentina”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano II, nº7, Nov. 1979; Ricardo Piglia. “Notas sobre Facundo”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano III, nº8, mar. 1980.

¹⁵³ **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano II, nº7, nov. 1979.

¹⁵⁴ Análise realizada por Olmos. In: OLMOS, Ana Cecilia Arias. Op. Cit., p.96.

tradición”.¹⁵⁵ Tendo isso em vista, a apropriação de José Hernandez seria bem diferente da que os grupos nacionalistas e populistas difundiam e desta maneira fazer uma crítica à tradição populista.¹⁵⁶

No ensaio intitulado “*Continuidad entre la Ida y la Vuelta de “Martín Fierro”*”, Maria Teresa Gramuglio defendeu a existência de uma continuidade entre tais obras, apesar das escrituras terem se dado em contextos distintos e, sobretudo, apesar dos distintos momentos vividos por seu autor Hernández. A autora com esta hipótese se diferenciava das análises críticas centradas nestes elementos. Com sua hipótese de que ambas apresentam um “*mismo núcleo ideológico-afectivo*”, a autora desconstruía as leituras que afirmavam uma contradição entre a *Vuelta* e a *Ida*. Sua argumentação se fundamentava na ideia de que a mesma “*intención social*” pode ser encontrada não apenas nestas obras citadas, mas na maioria dos escritos de Hernández. O que parece chamar atenção neste autor (é necessário frisar que está leitura é própria de *Punto de Vista*) era o fato de ser interprete de um liberalismo atípico, com componentes democráticos, que se materializou na defesa dos pobres do campo e em suas propostas sobre a divisão da terra.

Nos primeiros anos de publicação o populismo parece passar despercebido das considerações do periódico, por isso talvez o grupo FORJA (Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina) apareça na reivindicação da genealogia. Contudo, esta foi a única menção ao movimento representada pela tradição do chamado “*nacionalismo popular revolucionario*”, surgido em 1935 em resposta a crise da União Cívica Radical, posterior ao falecimento do fundador do partido, Hipólito Yrigoyen (1852 -1933). Duas podem ser as razões, da inclusão e do desaparecimento respectivamente. Além de sua ação política o grupo FORJA desenvolveu um movimento de revisionismo histórico, indo contra a história oficial.¹⁵⁷ Fato que pode ter sido lido por *Punto de Vista* como uma “*cualidad moral*”, e assim a identificação se fazia com o comprometimento da obra intelectual contra o poder

¹⁵⁵ ALTAMIRANO, Carlos. “La fundación de la literatura argentina”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano II, nº7, pp.10-12, nov. 1979; p.11.

¹⁵⁶ A apropriação da revista teria mais a ver com a realizada por Tulio Halperin Donghi em “*José Hernandez y sus mundos*”, obra que tira Hernández do centro da tradição nacionalista, que foi resenhada em *Punto de Vista* no nº26. Para ler mais sobre a crítica da tradição populista ler: LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. Op. Cit., pp.231-232.

¹⁵⁷ GILLIER, Baptiste. “Punto de Vista (1978-1983): nacimiento de una nueva crítica”. **Ensemble: revista electrónica de la Casa Argentina em París**, p.4.

governamental. A revalorização do grupo e de um nacionalismo de esquerda poderia ter relação com o processo de politização que o campo intelectual passou. Nos anos 1960 e 1970 a esquerda também refletia sobre formas de um “socialismo nacional”.

Durante a ditadura, a ordem do dia era ir contra o inimigo maior – os militares – por isso, neste primeiro momento, foram chamados, inclusive, para colaborar com artigos, críticos que tinham uma perspectiva populista, como era o caso de Nicolás Rosa. A hipótese é que, depois de 1981 quando a ditadura dá sinais de enfraquecimento – o projeto de pensar os vínculos entre discurso crítico e discurso político e eliminar a subordinação da política passa a ser a maior preocupação da revista – a tradição populista se transforma em empecilho, pois era lida como um elemento que despolitizava o campo intelectual.¹⁵⁸

Outro presente na genealogia intelectual era Ezequiel Martínez Estrada, representante do que seria um “*liberalismo lúcido izquierdizante*”¹⁵⁹, cuja trajetória ficou marcada por sua relação conturbada com o peronismo e com a Revolução Libertadora. A revista reconheceu no intelectual um crítico da cultura argentina por seu ensaio *Muerte y transfiguración de Martín Fierro* e não pelo ensaio de interpretação histórico-social intitulado *Radiografía de la pampa*. O mérito de Martínez Estrada, segundo a leitura de *Punto de Vista*, teria sido ver no poema de Hernandez um “anti-facundo”, ou seja, o intelectual teria conseguido fugir das tradicionais análises que sustentaram uma analogia entre *Facundo* e *Martín Fierro*. Este podia ser lido como uma insubordinação ideológica e social a poesia gauchesca e, Martínez Estrada passava a ser o expoente crítico da tradição que considerava *Martín Fierro* como o arquétipo do gaucho.¹⁶⁰ Uma espécie de vanguarda crítica por realizar o que a crítica argentina até então não havia feito: “*considerar significativamente las omisiones, detenerse largamente en los eufemismos, captar las fracturas de un texto aparentemente liso y homogéneo, analizar sus enunciados contradictorios y relacionar todo ello con la articulación ideológica del poema*”.¹⁶¹

¹⁵⁸ LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. Op. Cit., pp. 231.

¹⁵⁹ Ibidem, p.229.

¹⁶⁰ ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. “Martínez Estrada: de la crítica a “Martín Fierro” al ensayo sobre el ser nacional”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano 1, n°4, pp.4-5, nov. 1978.

¹⁶¹ Ibidem, p.6.

A história da literatura argentina está repleta de escritores, artistas e intelectuais que buscaram fazer de discurso “*un vuelco contra el orden, un rechazo de los sistemas cerrados de significación y la busca de una voz colectiva que desafiara al lenguaje autoritário*”.¹⁶² Masiello afirmou a existência da preferência ao marginal; logo, marginalidade seria o refúgio para desafiar os interesses dominantes. Uma escolha frequente, desde os anos 1920, entre os críticos culturais também. Desta perspectiva, FORJA – principalmente seus expoentes Raúl Scalabrini Ortiz e Arturo Jauretche – e Martinez Estrada podem ser considerados como figuras marginais, que resistiram a sociedade e ao discurso cultural hegemônico. O grupo *Contorno* também teria explorado a marginalidade para organizar sua crítica ao poder ao defender que a posição do escritor era sempre a margem da sociedade burguesa.¹⁶³ Masiello analisou os primeiros textos publicados na *Punto de Vista* da seguinte forma:

Sus primeros números, dedicados a los temas más diversos y en apariencia lejos de la realidad argentina del momento, tienen un eje común: su fuerza denunciadora. De ese modo, esos temas servían como textos para describir la marginalidad que los argentinos experimentaban pero que tenían prohibido describir de manera directa.¹⁶⁴

Nesta perspectiva, o campo da expressão escrita é metafórico e, é o lugar onde a crítica, através de sua linguagem, subverte o discurso hegemônico sobre a cultura. Este espaço discursivo impresso seria também periférico, pois, além de trazer temas que questionam a linguagem da autoridade, é um espaço livre e marginal. Ou seja, a crítica e a literatura são vozes não autorizadas e minoritárias, são produzidas das “*márgenes donde su heterogeneidad o doble discurso integra diferentes críticas de la cultura*”.¹⁶⁵

As revistas culturais buscam ser, em geral, veículos de estratégias culturais e estéticas de um grupo mais ou menos restrito. Neste período a maioria delas eram manifestações de núcleos independentes que buscaram criar, mesmo sendo publicações de pouca tiragem e de circulação quase marginal, focos de expressão da cultura de esquerda

¹⁶² MASIELLO, Francine. Op. Cit., p.18.

¹⁶³ Ibidem, p.19.

¹⁶⁴ Ibidem, p.22.

¹⁶⁵ Ibidem, p 19.

intelectual que havia sido fragmentada.¹⁶⁶ *Punto de Vista* em diferentes momentos assumiu que a revista era uma estratégia discursiva para estimular a reflexão crítica e manter vivo o espírito de oposição a um regime, e que fizeram isso da margem. Sarlo afirmou no último número que a revista nasceu como “*marginal, underground, opositora, alternativa*”.¹⁶⁷

Nas décadas de 60 e 70¹⁶⁸ o conceito de marginalidade adotou enfoques diferentes. Primeiro esteve atrelado à perspectiva de dependência cultural e dessa forma eram exploradas as derivações populares – filmes, caricaturas, televisão, tango, canções de protesto – que, como formas artísticas desafiavam a noção de arte como expressão de uma camada privilegiada da sociedade. Posteriormente, com a crescente violência nos anos 1970, os críticos da cultura que haviam perdido sua autonomia com a vigilância nas universidades, começam a pensar menos em termos de binarismos e mais em construir discursos que explorassem a heterogeneidade. O periódico *Los Libros* seria um exemplo da utilização da marginalidade para a pluralização do discurso crítico. Sua estratégia consistia em estudar artistas que julgavam ser marginalizados pelos regimes repressivos, assim como analisar variadas perspectivas culturais.

Depois de 1976, durante o “*Proceso*”, a crítica cultural continuou optando pela marginalidade para responder a autoridade do Estado, adotando um discurso misto.¹⁶⁹ Cada periódico cultural e literário funcionava como uma estratégia de heterogeneidade: alguns combinavam a experiência do exílio com a local, outros continuaram a mesclar um discurso que diferenciava a cultura popular da cultura de elite, outros ainda traziam discursos feministas; posições que abarcavam desde a perspectiva revolucionária – discussões sobre a liberação nacional – até a questão democrática.¹⁷⁰ Neste momento, ao preservar um lugar onde uma oposição podia-se ser compartilhada e definida como própria, a crítica

¹⁶⁶ ALTAMIRANO, Carlos. “El intelectual em la represión y en la democracia.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, anoIX, nº28, pp.1-4, nov. 1986.

¹⁶⁷ SARLO, Beatriz. “Final”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, nº90, abr. 2008, p.1.

¹⁶⁸ A formação intelectual destes intelectuais, tanto acadêmica quanto política, se deu nestas décadas. Por isso, entender um pouco deste momento e pensar nos debates conjunturais é importante na formação deles.

¹⁶⁹ MASIELLO, Francine. Op. Cit., p.21.

¹⁷⁰ José Luís Diego afirma que “liberación o dependencia” era uma das consignas centrais dos primeiros setenta. Se aceitava a ‘teoria da dependência’ como verdade absoluta e se discutia sobre quais os caminhos possíveis para se alcançar a liberação nacional, para a esquerda “liberación social”. A questão democrática surge um pouco antes dos anos 80 e tira da perspectiva dos intelectuais de esquerda a liberação nacional. Em De DIEGO, José Luís. Op. Cit.

acabavase o espaço para a reflexão sobre as funções do intelectual de esquerda. *Punto de Vista* assumiu como estratégia, discursos de uma resistência possível, e habitou intencionalmente “los márgenes” com a finalidade de organizar sua crítica. Reconheceu que a produção da cultura argentina necessitava de diversidade discursiva:

Esta revista es parte de un espacio cultural que se construye a pesar de la censura y el castigo a las ideas, pero que se construye también positivamente. Porque lo mejor de la cultura nacional se ha originado en la polémica, incluso en el exilio, a veces en la marginalidad o el descentramiento respecto de los aparatos homogenizadores.¹⁷¹

O trecho citado compõe o parágrafo no qual os editores da *Punto de Vista* reconhecem a tradição argentina que integram. O editorial, como um todo, pode ser uma maneira de perceber como a própria revista lia seus doze primeiros números. Indicou também os planos para os números posteriores: levar a cabo o desenvolvimento de métodos e teorias para a crítica paralelamente a reflexão sobre a história cultural argentina. De acordo com Olmos, *Punto de Vista* também identificou a poética borgeana como “*de los márgenes*”, lida como novidade vanguardista e matriz para se pensar o lugar da literatura argentina. Esta última operação, na qual a bibliografia nomeia de “redefinição das linhas da tradição literária argentina”, estava vinculada em seu propósito a revista *Contorno*. Grupo citado na genealogia que ganhou um destaque especial na *Punto de Vista*.

Contorno foi uma revista literário-política, dirigida pelos irmãos David e Ismael Viñas, que atraiu jovens comprometidos com a crítica da realidade nacional, entre os quais estavam Carlos Correas, Juan José Sebreli, Oscar Masotta, León Rozitchner, Noé Jitrik, Ramón Alcalde e Adolfo Pietro. A proposta do periódico consistia em revisar os cânones existentes, tal como estavam formulados pelas instituições tradicionais, como a prestigiada revista *Sur*.¹⁷² *Contorno* também é lembrada no imaginário intelectual argentino por ser influenciada pelo pensamento sartreano, responsável pela sua noção de “intelectual comprometido”. Além disso, a revista participou dos processos políticos e culturais da década de 1960, em relação ao peronismo e ao vínculo entre intelectuais e classe trabalhadora. Este debate foi decisivo para a autocrítica e a formulações de concepções

¹⁷¹ Editorial. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IV, nº 12, jul.-out. 1981; p.1.

¹⁷² LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. Op. Cit., p.229.

sobre o discurso político e o discurso cultural que, eram vinculados em seu projeto, sem perder a especificidade.¹⁷³ Logo, fazer parte da mesma tradição de *Contorno* significava para *Punto de Vista* a avaliação de seu passado de militância sem abandonar definitivamente a cultura da esquerda. Por isso, *Punto de Vista* declarou seguir com o “programa de *Contorno* respecto de la revisión crítica del pensamiento, la literatura y la política nacionales.”¹⁷⁴

Podría decirse que, en un gesto de continuidad de la línea crítica que había reclamado, Punto de Vista completa aquello que Contorno no había podido leer: revisa y reordena lo que un nuevo paradigma de lectura posibilita una vez reprocesadas claves político-ideológicas que operaron como barreras para la ampliación de la mirada crítica en las décadas anteriores.¹⁷⁵

As leituras da Geração de 37, de Martín Fierro e de Martínez Estrada estavam então relacionadas às reabilitações que *Contorno* realizou. Pode-se afirmar que a operação de revisão foi premeditada, o que certamente levou a existência de semelhanças entre o projeto crítico das duas revistas, começando pelo fato de ambas terem como pretensão a reinvenção uma tradição para a crítica cultural argentina. *Punto de Vista* ainda retoma de *Contorno* a tensa relação existente entre política e literatura:

En realidad, toda la literatura argentina leída desde la historia. Lo importante para Contorno son los cruces, los encuentros, las tramas, donde la política revela a la literatura y la literatura puede ser metáfora de la política. Colocada en los cruces, se articula una escritura crítica relativamente nueva: la mezcla estilística, de sistemas de referencias, el forzamiento un poco brutal de las relaciones. Tanto la posición del novelista como el lugar de la literatura quedan definidos por la historia.¹⁷⁶

Ao descrever *Contorno*, na realidade, *Punto de Vista* faz nada mais do que descrever suas próprias concepções. Deixa claro que a maneira como interpretará a cultura e, particularmente a literatura argentina, será refletindo sobre as imbricações entre as esferas do cultural e do político. A escritura era a forma utilizada para se diferenciar e a maneira encontrada para se fazer política. No entanto, no sistema de leitura proposto por

¹⁷³ Ibidem, p.230.

¹⁷⁴ “Contorno en la cultura argentina.” **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano I, nº 4, Nov. 1978; p.7.

¹⁷⁵ PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987)”, p.14.

¹⁷⁶ SARLO, Beatriz. “Los dos ojos de “Contorno”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IV, nº 13, Nov. 1981, p.7.

Contorno – “una maquina para descubrir, y una maquina para ocultar” – o que importava era destacar as tensões existentes entre os campos, lidos com autonomia e nunca reduzidos um ao outro. Em David Viñas, especialmente, *Punto de Vista* reconheceu uma moral da crítica, em outras palavras, um modo de pensar a crítica como intervenção pública.

Retomando a análise sobre a escritura borgeana, Piglia acredita que com sua dupla linhagem todas as diferenças são integradas “... *haciendo resaltar a la vez el carácter antagónico de las contradicciones pero también su armonía*”.¹⁷⁷ Refletindo sobre a genealogia de *Punto de Vista* pode-se dizer que a integração dos autores se fez pela construção deles enquanto intelectuais. Ainda que cada autor tenha pertencido a uma tradição política e, são representados na figura do “intelectual comprometido” que fala a seus pares, ou na do “intelectual orgânico” que tenta dirigir-se ao povo, eles convergiam para um ponto comum: se encontravam na escrita difundida por *Punto de Vista*. Escrita que ancorou-se na cultura de mescla, que desde a margem, articulava o nacional com o estrangeiro.¹⁷⁸

Essa concepção de literatura e da crítica foi fundamental na compreensão da “*manera de escribir*” publicada em *Punto de Vista*. Ao lado, de Raymond Williams e das “*novas teorias*” traduzidas e importadas, a tradição cultural argentina escolhida pelos editores permitiu que a revista pluralizasse os sentidos dos discursos, tanto cultural como politicamente. Permitiu também a adoção de uma perspectiva histórica para analisar a literatura nacional e latino-americana.

O movimento intelectual de se pensar enquanto grupo em relação a tradição nacional era uma forma de apropriação da história do país. Uma maneira de determinar uma continuidade entre passado e presente, baseada na invenção que tem com finalidade legitimar a ação de um grupo.¹⁷⁹ A genealogia foi uma das estratégias utilizadas pelo grupo

¹⁷⁷ PIGLIA, Ricardo. “Ideología y ficción en Borges”. p.4.

¹⁷⁸ Entende-se cultura da mescla como um conceito que será durante os anos desenvolvido na publicação. Compartilhamos da definição de Olmos “*como operación que niega toda fusión cultural y que, por tanto, mantiene en conflicto permanente los componentes en juego...*” Tal conceito aparece nas páginas da revista nas análises de *Contorno* e da poética de Borges em artigos já citados.

¹⁷⁹ HOBBSAWM, Eric. “Introdução”. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp.9-23.

intelectual de *Punto de Vista* para se constituírem com “*ejemplos positivos*”¹⁸⁰ para a sociedade de seu presente. Inseria-se no conjunto de escritos que mostraram como o discurso histórico foi valorizado para se criticar o presente.

¹⁸⁰ TARCUS, Horacio. **El marxismo olvidado en la argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña**. Buenos aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1996, p.29.

Capítulo 3 – *Punto de Vista* na redemocratização argentina

“A democracia é possível porque os homens são capazes do bem, mas é necessária porque os homens são capazes do mal.”

Pietro Scoppola (1991)

A ditadura militar que se impôs na Argentina em 24 de março de 1976 é reconhecida pela sociedade como um ponto de ruptura em sua história. Por causa da perversidade de suas práticas (sequestros e desaparecimento de pessoas, mortes, exílios, censura, centros clandestinos destinados a torturas e extermínio), que disseminaram o medo e o terror. Tal percepção se deve ao fato de que a história deste período esteve ligada à memória e aos testemunhos, vinculados ao caráter violento e traumático deste passado.¹⁸¹ Desde as eleições de outubro de 1983 que reestabeleceram a democracia no país, a memória do “*Proceso*” foi construída paralelamente à imagem da democracia. Nesta construção predominou a dissolução da continuidade entre passado e presente, relação que tornava o futuro incerto e problemático. A democracia surgia como alternativa à ditadura, mas qual seria a democracia capaz de dar continuidade a história dessa sociedade?

A memória e as reinvenções do passado recente

A perspectiva acerca das temporalidades desenvolvidas por Reinhart Koselleck considera que a “experiência”, ao elaborar acontecimentos passados, tem o poder de torná-los presentes.¹⁸² Nesta teoria o passado, o presente e o futuro são refletidos a partir dos conceitos de “campo da experiência” e o “horizonte de expectativas”, onde a “experiência” é relativa ao passado que se concretiza no presente através, por exemplo, da memória, enquanto a “expectativa” remete ao futuro que não conhecemos e não podemos dizer como será. Tal perspectiva argumenta para além da ideia da reconstrução do passado realizada no

¹⁸¹ LEVIN, Florencia; FRANCO, Marina. “El pasado cercano en clave historiográfica”. In: LEVÍN, Florencia; FRANCO, Marina (compiladoras). **Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007, p.55.

¹⁸² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro, RJ: Editora da PUC-Rio: Contraponto, 2011, p.312.

presente, a partir das problemáticas de sua atualidade: o presente possui o poder de ressignificar tanto o passado como o futuro.

A recuperação destas reflexões foi necessária, pois ajudaram na compreensão do período, vivido pelos argentinos de 1983 até meados de 1986 cuja preocupação insidia na recuperação, reconstrução e defesa da democracia.¹⁸³ Neste primeiro momento do governo de Raul Alfonsín os indivíduos depositaram uma grande carga de esperanças que, a partir de 1987 até o fim de seu mandato, foram se perdendo por causa das repetidas rebeliões militares e o fracasso das medidas econômicas. Desta forma, a conceitualização de Koselleck permite pensar que a ideia de democracia era uma das “expectativas” projetadas para o futuro. Um futuro desconhecido e não concretizado, porém sofrendo das já diversas expectativas manifestadas no presente.¹⁸⁴ É importante lembrar que, segundo o autor, passado, presente e futuro podem produzir distintas relações no decorrer da história. A tensão entre expectativas e experiências que daria a forma do tempo histórico.¹⁸⁵ Logo, a recuperação da democracia argentina pode ser analisada como um dos momentos em que as expectativas futuras pareciam permanecer atreladas também às experiências já vividas, à redenção do tempo passado¹⁸⁶, no dilema democracia ou autoritarismo.

Em grande parte das análises realizadas posteriormente sobre este passado recente, a chegada da democracia foi representada como um ponto de inflexão na vida de intelectuais que, cabe lembrar, analisaram muitas vezes um momento que vivenciaram. Esta construção do momento democrático estaria então ligada ao discurso alfonsinista que apresentou seu governo como fundador de uma nova etapa na política argentina e ajudou na elaboração de uma memória sobre a última ditadura militar.

Mónica Graciela Zoppi Fontana afirma que o discurso político argentino pode ser analisado, em diferentes épocas, como os diferentes processos de construção de uma resposta satisfatória ao enigma que é a Argentina: “*a Argentina é incompreensível, portanto*

¹⁸³ Trabalhamos com a perspectiva de que a ideia de democracia já estava sendo recuperada pelos intelectuais latino-americanos antes mesmo da caída dos regimes militares. No caso da *Punto de Vista*, já em 1982 observamos a temática tomar forma na revista, mas foi a partir de 1983 que ela passa a ser uma preocupação explícita.

¹⁸⁴ José D’ Assunção Barros. Rupturas entre o presente e o passado. Leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Revista Páginas de Filosofia**, v.2, n.2, pp.65-88, jul/dez. 2010, p.72.

¹⁸⁵ KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit., p.313.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p.315.

ela é imprevisível, portanto ela é inexplicável.”¹⁸⁷ Ou seja, compreender, explicar e prever a cultura, a história, a política, a economia, etc, seriam então as obsessões da prática discursiva argentina. Segundo esta autora está explicitada uma dimensão temporal neste “enigma”, onde tais incógnitas são os problemas postos no passado, no presente e no futuro. E apesar de serem encontradas nas três temporalidades, não garantiriam uma continuidade na história argentina. Então, a solução encontrada, no decorrer dos anos pelos governos argentinos seria a de “*perpetuar discursivamente o momento de fundação da nação*”.¹⁸⁸

Raul Alfonsín teria recorrido também ao discurso de refundação da nação. Usou frases que continham “*nueva etapa*”, “*nueva reorganización nacional*”, “*empezar del cero*”, “*empezar de nuevo*” e “*creación de una Argentina distinta*”, que transmitiram a ideia de que se vivia uma nova etapa da história. Em comparação aos anos anteriores, a sociedade argentina interpretava o governo alfonsinista como possibilidade de transformação da vida social e política. Alfonsín e seu governo se tornaram sinônimos de democracia, constituídos em um polo positivo em relação ao passado autoritário, característica que lhe garantia ao mesmo tempo a capacidade de permitir um futuro promissor aos argentinos.¹⁸⁹ O agir político estava submetido às necessidades daquele momento, apontado para o futuro, permitindo, desta forma, a revisão do que já havia passado.

É plausível que um discurso que pretende *fundar* algo, precise produzir um efeito de ruptura com os processos cristalizados na memória coletiva de seu povo, por isso a relação com o passado é tão fundamental nestes processos. De acordo com Fontana, o paradoxo desses tipos de discursos é que eles se inscrevem na história negando-a. Sendo assim, foi possível discutir como o discurso alfonsinista, ancorado nas promessas de

¹⁸⁷ FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. “Sonhando a pátria: os fundamentos de repetidas fundações”. In: ORLANDE, Eni Puccinelli (org). **Discurso Fundador**. Campinas, SP: Pontes, 2^oed., 2001, p.128.

¹⁸⁸ Fontana se baseia na análise de Oscar Landi, um intelectual argentino, que apontou: “*El país arrastra una larga crisis política, marcada por el fracaso de diversos intentos de la política de refundar la nación, tanto de gobiernos surgidos del voto como de aquellos de facto, que instauraron períodos autoritarios...La recurrencia en el fracaso de proyectos fundacionales que se plantearon desde la política fue elaborando un sentido común donde emerge nítidamente una pregunta: es la Argentina un país posible?*” Ibidem. p. 128.

¹⁸⁹ São muitas as análises que trabalham o governo Alfonsín como fundador de uma nova ordem. José Luis De Diego, Mónica Fontana, Catalina Smulovitz, Cecilia Lesgart, Josefina Elizalde.

construção de uma “*verdadeira democracia*”, tentou produzir esse efeito também mediante a construção de uma memória oficial sobre a última ditadura militar e de um relato pedagógico sobre o passado político argentino do século XX. Tais elementos exemplificam como houve a intersecção entre esta emergência da democracia (como entidade que reunia todas as expectativas nacionais) com a explosão da memória como problemática da época.¹⁹⁰

Luis Alberto Romero refletiu sobre como a construção da memória do “Processo” foi contemporânea à imagem da democracia que substituiu a ditadura, sendo que uma se alimentou da outra. O historiador explica que a decomposição do regime militar permitiu que emergisse na sociedade aspectos da repressão e episódios do terrorismo estatal, que ajudaram a cristalizar a imagem da ditadura como uma organização poderosa dedicada a perversidades. Neste contexto, uma democracia republicana, liberal, ancorada nos direitos humanos – diferente até mesmo das democracias já vividas pelos argentinos – surge como uma alternativa política. O informe que ficou conhecido como *Nunca más* – resultado da investigação realizada pela *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP) – foi o elemento central da memória da ditadura e apresentou a ação dos militares como um plano sistemático de extermínio. Dele saiu a interpretação do que ficou popularizado como “*teoría de los dos demonios*”, na qual a sociedade civil foi apresentada como vítima de ambos demônios: militares e subversivos. Nele foram baseados o julgamento dos militares, a construção dos sujeitos dispostos a lutar pela democracia fundada no estado de direito e na república e na defesa dos direitos humanos.¹⁹¹

Nesta perspectiva, o *Nunca más* constituiu uma memória fundadora da democracia, uma versão oficial da história, onde o “*Proceso*” era demonizado e a democracia concebida como algo milagroso – uma ilusão indispensável para sua própria construção. Contudo, neste cenário de retorno à democracia onde conviveram problemáticas a respeito do terror, dos processos judiciais e dos direitos humanos, foram produzidos outros discursos que competiram na construção de uma tradição democrática para a Argentina e lutaram para estabelecerem uma memória sobre o passado.

¹⁹⁰ LEVÍN, Florencia; FRANCO, Marina. Op. Cit., pp.55-56.

¹⁹¹ ROMERO, Luis Alberto. A memória, o historiador e o cidadão. A memória do *Proceso* argentino e os problemas da democracia. *Topoi*, v.8, n°15, pp.9-23, jul.-dez. 2007, p.14.

A filósofa Hannah Arendt que refletiu sobre a dimensão política do homem contemporâneo chocado com os acontecimentos da história recente, argumentou que a experiência totalitária representa uma ruptura com a tradição e este rompimento seria responsável pela lacuna aberta entre passado e futuro.¹⁹² Segundo seu pensamento, o fenômeno totalitário irrompeu como um modelo inédito de dominação, sem equivalência com os regimes passados. O totalitarismo amparado no terror impunha a anulação dos espaços públicos e privados. A violência impedia o diálogo e a convivência, destruía qualquer expressão política. E ao suprimir a “ação”, a experiência totalitária negou a própria condição humana. Arendt afirma que a máxima negação se deu na produção de campos de concentração e extermínio, lugares *onde tudo é possível*, que escapam à compreensão humana.¹⁹³ Primo Levi talvez explique melhor essa espécie de “consciência do absurdo” ou da não credibilidade dos acontecimentos ocorridos nos campos de concentração:

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager (campos de concentração).¹⁹⁴

A discussão sobre regimes totalitários acaba inevitavelmente conduzindo ao tema do caráter e da dimensão das atrocidades cometidas nos campos de concentração ou contra a sociedade, mas não apenas isso, também é importante a reflexão acerca das memórias sobre estes lugares ou acontecimentos e as maneiras como os indivíduos encontram formas para a expressarem. Ao examinar criticamente as recordações dos traumas sofridos pelos sobreviventes, Levi pontua que a recordação também é traumática, porque evoca a dor no caso da vítima, ou a culpa no caso do opressor. Assim, a violência gerada no fenômeno totalitário produziu um esfacelamento da memória. Na perspectiva de Arendt se produziu uma lacuna entre o passado e o futuro – uma ruptura – porque as

¹⁹² ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011, 7ª Ed., p.10.

¹⁹³ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 488 -493.

¹⁹⁴ LEVI, Primo. **Osafogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp.9-11.

categorias políticas do pensamento ocidental se tornaram inadequadas para pensar a realidade radical de tais experiências vividas.

Não se pretende aqui classificar ou comparar o regime militar argentino com o totalitário. Como já apresentado por Hannah Arendt, não deve haver uma confusão entre “governos totalitários” e “tirantias e ditaduras”.¹⁹⁵ Contudo, a última ditadura militar apresentou aspectos em relação à violação dos direitos humanos que permitiram que os militares rompessem com a tradição autoritária dos sucessivos golpes já vividos pelos argentinos. Neste sentido, tanto a reflexão de Arendt quanto de Primo Levi foram pertinentes, pois ajudaram a compreender a complexa relação que a sociedade argentina mantém, desde a volta da democracia até hoje, com seu passado recente. Dada a dimensão da repressão estatal, os indivíduos que vivenciaram episódios de extrema violência sentiram uma dificuldade em representar esses acontecimentos. Trata-se de pensar em como as experiências, no caso argentino, levaram a uma reformulação nos modos de se entender o passado próximo ao mesmo tempo em que se inscreveram no futuro. Como a memória ao encontrar um modo de processar essa experiência vivida, visou concomitantemente a construção de uma nova ordem.

O passado recente ocupou desde o fim da ditadura uma importância crescente no espaço público explicitada na elaboração de narrativas advindas da sociedade e do Estado. Ele aparece como tema no cinema, na literatura, em pesquisas acadêmicas (objeto de estudo de várias disciplinas e campos de investigação), nos debates públicos nos jornais, no testemunho da população e nas práticas coletivas de rememoração.¹⁹⁶ Em outras palavras, ele está ligado a diversas práticas políticas, sociais e culturais. Portanto, é importante destacar que com o retorno da democracia distintos discursos, acadêmicos e de sujeitos sociais e políticos se relacionaram através da tensão contida entre subjetividade – emoções, convicções, experiências, “verdades” - e objetividade. Nesta trama, também com vontade de apresentar uma narrativa sobre o passado, se encontram as intervenções intelectuais, que atuaram em sua conjuntura tentando conciliar sua atividade crítica com o papel de cidadão.

¹⁹⁵ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. p.133.

¹⁹⁶ LEVÍN, Florencia; FRANCO, Marina. Op. Cit., p.32.

Um novo espaço e o reagrupamento intelectual

Os artigos e ensaios publicados em *Punto de Vista*, no período entre 1982 a 1989 estão permeados pelo passado: pela memória, a cultura do trauma, a reparação, o sentimento de justiça e a reconstrução. Na abertura democrática, *Punto de Vista* acompanhou o clima de renascimento e efervescência cultural e política. No último exemplar da revista publicado em 2008, Beatriz Sarlo, que sempre esteve na direção do periódico, apontava para as dificuldades de adaptação da publicação aos tempos democráticos. Implicava em uma reinvenção da revista, em se preocupar com outras questões e interlocutores que até então não entravam nas preocupações do coletivo intelectual. Aliás, mesmo após essas reacomodações, a reformulação crítica parece ser uma característica constante da revista que anunciou que era melhor equivocar-se do que permanecer igual a si mesma.¹⁹⁷

Os esforços não se concentraram na busca por tentar responder o que significou a “reinvenção” de *Punto de Vista*, porque se entende que esta afirmação faz parte da construção de uma visão sobre o periódico, elaborada pelos próprios intelectuais que nela participaram. Buscou-se compreender a atuação deste grupo de intelectuais frente às novas preocupações dos tempos democráticos. Entre estas novas questões colocadas pela conjuntura, podemos dizer que a recuperação da democracia, a reconfiguração do campo intelectual e a construção de uma cultura política democrática, se destacaram nas páginas da revista. Estas temáticas foram pontos de partidas que permitiram a *Punto de Vista* a utilização do *corpus* teórico já incorporado em sua fase anterior, a consolidação de uma forma de escrever a crítica literária e da cultura e a auto-percepção como intelectuais de esquerda.

Uma das tarefas assumidas pelos intelectuais que iniciaram o projeto político-cultural de *Punto de Vista* era a de reconstruir o espaço cultural e intelectual argentino, então fraturado pelo fechamento dos âmbitos de elaboração e debates de ideias. Neste

¹⁹⁷ Inclusive na formação do Conselho de direção. No número 54 temos a formação de um conselho assessor que permanece até o final da revista. No entanto, a última mudança significativa é explicada em “Un Nuevo colectivo intelectual” – número 79 – quando Beatriz Sarlo explica a saída de Carlos Altamirano, Maria Teresa Gramuglio e Hilda Sabáto, incorporando suas cartas de afastamento.

sentido, a revista era o espaço para se reavivar as polêmicas e para que fossem expressas opiniões diversas. A publicação era um lugar onde o trabalho intelectual de reflexão e produção da cultura era permitido, por isso as diferenças políticas ficavam em segundo plano e todos, sem exceção, que publicavam deveriam ser contra o regime militar.¹⁹⁸ Outra tarefa que parecia relevante nesta tentativa de recomposição dos laços intelectuais, era a de conseguir manter contato com intelectuais no exílio. Então, em 1980 e 1981, Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo respectivamente, viajaram ao México com o intuito de entrarem em contato com núcleos de exilados.¹⁹⁹ Os esforços direcionados para a reconstrução do campo intelectual, empreendidos pelos idealizadores de *Punto de Vista*, os colocaram em diálogo com perspectivas teóricas e políticas que foram essenciais em seus posicionamentos durante a democracia.

A preocupação com o exílio e seus múltiplos aspectos – escritores exilados dentro e fora do país - esteve presente em *Punto de Vista*, desde os primeiros números. Em novembro de 1978, no quarto número da publicação foram reeditados dois artigos da revista *Contorno* e com ele os nomes de seu comitê de redação²⁰⁰; eram críticos que tiveram que se exilar por causas políticas, porém em diferentes momentos, já que desde 1973 o clima de violência e instabilidade política no país gerava um sentimento de insegurança em se continuar ali vivendo. A revista resenhou livros publicados fora da Argentina e deu espaço para artigos escritos no exílio. Na esperança de compor um campo intelectual fraturado pelo exílio, ainda difundiu fragmentos de novelas inéditas de Juan José Saer, Ricardo Piglia, Mario Szichman, para citar apenas alguns nomes.²⁰¹

Maria Teresa Gramuglio, em um artigo publicado em novembro de 1981 analisou três novelas editadas no exterior escritas por autores argentinos que viviam fora do país. Seu objetivo principal foi refletir sobre a relação entre exílio e literatura, cuja reflexão apontava para a existência de dois extremos: a escrita sobre a Argentina dentro do próprio

¹⁹⁸ KING, John. Las revistas culturales de la dictadura a la democracia: el caso de “Punto de Vista”. In: KOHUT, Karl; PAGNI, Andrea. [Actas del Coloquio] **Literatura argentina hoy: de la dictadura a la democracia**. Frankfurt am Main : Vervuert, 1993, p. 90.

¹⁹⁹ TRÍMBOLI, Javier. **La izquierda en la Argentina**. Buenos Aires: Manantial, 1988, pp.15-17.

²⁰⁰ Os irmãos David e Ismael Viñas, Noé Jitrik, León Rozichner, Alcalde, Adolfo Pietro.

²⁰¹ No número 1, foi publicado um fragmento de uma novela inédita de Mario Szichaman “El león es cordero”; no número 3 foi publicado “La prolijidad de lo real”, texto inédito de Ricardo Piglia; no número 6, Maria Teresa Gramuglio escreveu “Juan José Saer: el arte de narrar”.

país ou a partir do exílio. A autora afirmava que um número considerável de escritores argentinos vivia, escrevia e publicava fora do país, reconhecimento que por sua vez implicava em ressaltar que o exílio não era o único espaço possível para a escrita. Era apenas um lugar, porque apesar da censura e das diversas formas de repressão também existia uma produção literária dentro do país. Com isso, argumentava que a superação desse tipo de divisão deveria ser a preocupação do campo intelectual argentino, já que essas eram as condições impostas por um processo político responsável por dispersar toda uma geração.²⁰²

Punto de Vista considerou a problemática do exílio intelectual como parte um processo maior: “*el desmantelamiento cultural sin precedentes que padece la Argentina desde hace unos años en todos los campos del trabajo artístico y intelectual*”²⁰³, e não de escolhas realizadas apenas pela vontade do sujeito. Nesta perspectiva, a reconstrução do campo intelectual era imprescindível para a reconstrução da própria cultura, por isso quando a democracia retornou se incorporaram ao Conselho de Direção primeiramente a historiadora Hilda Sabato (1982) e logo em seguida, em 1984, os argentinos que haviam regressado do exílio José Aricó e Juan Carlos Portantiero, que no México haviam publicado *Controversia. Para el examen de la realidad argentina (1979-1981)*²⁰⁴ e fizeram parte do *Grupo de Discusión Socialista*.²⁰⁵

O diálogo estabelecido entre os grupos nucleados ao redor de *Punto de Vista* e *Controversia* merece destaque, principalmente porque toca em pontos que se referem as transformações pelas quais parte da esquerda argentina passou. Ambas as publicações tentaram de alguma forma revisar o passado intelectual, os pressupostos da esquerda, e a

²⁰² GRAMUGLIO, María Teresa. Tres novelas argentinas. **PuntodeVista**, Buenos Aires, año IV, nº13, pp.13 - 16, nov., 1981, p.16.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ O periódico era publicado mensalmente, na cidade do México entre outubro de 1979 e agosto de 1981 com um total de 14 números. O editor responsável era Hugo Vargas e seu diretor Jorge Tula, em seu Conselho de Redação estavam presentes: José Aricó, Sergio Bufano, Rubén Sergio Caletti, Nicolás Casullo, Ricardo Nudelman, Juan Carlos Portantiero, Héctor Schmucler y Oscar Terán.

²⁰⁵ De acordo com Cecilia Lesgart, este grupo se conforma nove meses depois do primeiro número de *Controversia* ser publicado. Seus integrantes eram: Carlos Abalo, José Aricó, Sergio Bufano, María Caldelari, Horacio Crespo, Alberto Diaz, Agustina Fernández, Rafael Fillipelli, Néstor García Canclini, Oscar Gonzáles, Emilio de Ipola, Pedro Lewin, Elsa Nacarella, Ricardo Nudelman, Susana Palomas, Marcelo Pasternac, Osvaldo Pedroso, Rafael Pérez, Olga Pisani, Juan Caros Portantiero, Horacio Rodriguez, Nora Rosenfeld, Horacio Serafín, Oscar Terán, Jorge Tula y Gregorio Klimvsky.

partir disso construir um projeto de futuro baseado na revalorização da democracia. Pode-se inferir que a necessidade de repensar as ações passadas, inclusive para criar uma democracia como opção política que pudesse evitar um novo golpe militar, se iniciou em *Controversia* e depois as temáticas foram reinterpretadas e aprofundadas em *Punto de Vista*, sobretudo por causa das contribuições de José Aricó, Juan Carlos Portantiero e de Emilio de Ipola, outro intelectual importante no processo de revisão do socialismo durante o exílio mexicano, mas que atuou em *Punto de Vista* apenas como colaborador.

Para este grupo de intelectuais radicados no México era importante pensar e delimitar o que a esquerda intelectual argentina poderia se tornar depois do golpe, por isso as reconsiderações acerca do socialismo e do marxismo. Ao invés de sustentar ideais revolucionários, passaram a valorizar o Estado de direito e a democracia política como mecanismos capazes de impedir a volta do autoritarismo. Ao mesmo tempo, deram início a gestação de um projeto socialista conjugado com as instituições democráticas. Logo, ao recusarem um marxismo ortodoxo, se definiram como sendo parte de uma “esquerda moderna”:

Esta revaloriza epocalmente a la democracia; encuentra depreciado el pensamiento marxista clásico y reconoce la caducidad de varias ideologías; descubre otros ejes de conflictividad, aceptando la aparición de nuevos movimientos sociales que descartan un sujeto universal y motor de la historia; advierte la crisis en la relación entre estado y sociedad e intenta buscar redefiniciones.²⁰⁶

Em *Controversia* se reuniam reflexões de duas vertentes do pensamento da esquerda argentina - a esquerda marxista e a esquerda peronista, esta preocupada em repensar a nação, o nacionalismo e a possibilidade ou impossibilidade de convivência entre nação e socialismo.²⁰⁷ Nesta perspectiva, se encontram os trabalhos de História Intelectual de Oscar Terán, análises que foram publicadas em *Punto de Vista* durante a ditadura. Este intelectual continuou atuando como colaborador da revista até os anos 1990, quando foi incorporado ao seu conselho assessor. A proposta de *Controversia* visava reunir diferentes

²⁰⁶ Esta “izquierda moderna” como definiu Cecilia Lesgart era “*contra el reduccionismo economicista y de clase, contra un sujeto motor de la historia, contra la asimilación de todo conflicto político a lo social, contra la idea clásica de partido socialista*”. LESGART, Cecilia. **Usos de la transición a la democracia. Ensayo, ciencia y política en la década del '80.** Rosário, Homo Sapiens Ediciones, 2003, p.155.

²⁰⁷ Ibidem. p.157.

perspectivas em um debate sobre a experiência passada e sobre as expectativas sobre o futuro. Seu objetivo era reconstruir uma teoria política que pudesse dar conta das transformações pelas quais o país havia passado.²⁰⁸

Ainda que *Punto de Vista* não tivesse a intenção de reconstruir uma teoria política, as experiências pessoais do passado imediato da ditadura também impulsionaram reflexões teóricas, menos sistematizadas, porém que também estavam direcionadas à questão democrática e à revisão dos pressupostos da esquerda marxista e seu autoritarismo. Entretanto, foi já com a abertura democrática e sua efervescência cultural e política, somado com as contribuições de intelectuais exilados que a defesa de um socialismo-democrático, a necessidade de construção de uma nova cultura política para a esquerda, assim como a busca do papel do intelectual no marco da democracia se tornaram temáticas constantes nas páginas do periódico. Logo, é importante considerar que o pensamento exposto em *Controversia* apresenta cruzamentos com as ideias difundidas em *Punto de Vista*, veiculadas especialmente nos primeiros anos do governo alfonsinista. Fato que sustenta a própria argumentação de *Punto de Vista*, da produção cultural argentina espalhada geograficamente; onde “*adentro*” e “*afuera*” do país não passaria de uma construção artificial.²⁰⁹

Não se trata de excluir as diferenças teóricas e políticas homogeneizando os projetos político-culturais dos periódicos em questão, ou ainda não considerar a heterogeneidade de perspectivas dos indivíduos participantes de cada grupo intelectual. Cabe lembrar que frente ao episódio da Guerra das Malvinas o campo intelectual da esquerda argentina se mostrou dividido. As memórias de Emilio de Ipola sobre a divergência de opiniões entre os grupos intelectuais permite a reflexão sobre a polêmica:

Los acuerdos con ellos avanzaron, a pesar de que hubo una diferencia importante, a propósito de la guerra de las Malvinas, en la que la razón estuvo absolutamente de su lado. Nosotros, desde México, habíamos sacado una declaración, era una especie de estudio que yo quise creer que no iba a ser publicado, /.../ las primeras respuestas críticas que recibimos nos hicieron ver lo errónea que era nuestra posición. /.../ No era, por supuesto, una alabanza a la Junta Militar; se decía, por

²⁰⁸CHIOCCHETTI, Magali. Exilio, memoria e identidades políticas. La revista Controversia. Para el examen de la realidad argentina y la revalorización democrática. **Revista Especializada en Periodismo y comunicación**, v.1, n°27, jul.-set. 2010.

²⁰⁹ GRAMUGLIO, María Teresa. Op. Cit., p.16.

el contrario, que eran una banda de asesinos, pero lo que se reafirmaba era que las Malvinas eran argentinas y que se habían recuperado...Esta declaración suscitó muchas discusiones y autocríticas.²¹⁰

A guerra das Malvinas foi um acontecimento importante no imaginário dos intelectuais argentinos, pois precipitou as transformações e a crise do regime militar. Carlos Altamirano também lembrou a posição de *Punto de Vista*, os distanciamentos e aproximações do grupo:

Me acuerdo que redactamos en *Punto de Vista* un texto colectivo de repudio a la aventura militar, que era a sua vez una declaración de apoyo a las gestiones que hacía Adolfo Pérez Esquivel en favor de una solución pacífica que detuviera la guerra. A partir de estas iniciativas nos pusimos en contacto con otra gente; y esto para nosotros era muy importante porque una de la características nocivas de aquellos años era el tema de la extrema fragmentación y la incomunicación. /.../ Me acuerdo algunos nombres: Jorge Goldenberg, Luis Príamo, Hilda Sábato, Leandro Gutiérrez, todos conectados por el antimalvinismo, es decir, por la denuncia de la guerra.²¹¹

Apesar dos esforços realizados durante a ditadura militar, foi apenas com a queda do regime militar e com regresso dos exilados que se articulou novamente um campo intelectual que, mais além dos diálogos e das polémicas, aceitava e refletia sobre como a questão democrática gerava a urgência de resolver outros temas.²¹² Depois de tantos anos de silenciamentos havia uma necessidade de se discutir e de opinar. E foi nesse debate que a esquerda intelectual marxista e peronista recolocou seu pensamento na cena cultural e política argentina. Esta intelectualidade argentina destacada, ao refletir sobre seus processos de radicalidade, sofria com a emergência de uma “nova esquerda” no enfrentamento entre esquecer e construir outra pauta.

Os reacomodamentos no interior do campo intelectual da esquerda argentina permitiram a aproximação das agrupações dos periódicos citados. Das confluências teóricas e políticas, surgiu o “*Club de Cultura Socialista*”, nascido publicamente em julho de 1984. No grupo fundador estavam presentes: José Aricó, principal idealizador, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Juan Carlos Portantiero, María Teresa Gramuglio, Sergio Bufano, Marcelo Cavarozzi, Alberto Diaz, Rafael Filippelli, Ricardo Graciano, Arnaldo Jauregui,

²¹⁰ TRIMBOLI, Javier. Op. Cit., p.153.

²¹¹ Ibidem, pp.16-17.

²¹² Ibidem, pp.96-97.

Domingo Maio, Ricardo Nudelman, José Nun, Osvaldo Pedroso, Sergio Rodríguez, Hilda Sabato, Jorge Sarquís, Jorge Tula, Oscar Terán, Hugo Vezzetti, Emilio de Ipola.²¹³ Em sua declaração de princípios publicada em dezembro de 1984 em *Punto de Vista*, a democracia e a transformação social aparecem como o centro das preocupações do *Club* que se pretendia ser “*un centro de análisis y discusión de los problemas políticos, sociales y culturales de la sociedad argentina*”.²¹⁴

A fundação contava com intelectuais provenientes de diferentes experiências e tradições políticas que coincidiam em pensarem que a tradição socialista apenas seria recolocada no cenário nacional a partir de “*una nueva reflexión teórica y a una nueva cultura política en el area de la izquierda*.”²¹⁵ Nestas reflexões, deixaram claro que a “*cuestión democrática*” teria um papel fundamental, primeiramente porque a esquerda só poderia ser o elemento de transformação relevante e determinante na vida da sociedade argentina no contexto democrático. Em segundo lugar, afirmaram que a tradição socialista e o conjunto de liberdades civis e políticas associadas ao funcionamento da democracia não eram irreconciliáveis, ainda que “*ese patrimonio requiera en forma imprescindible de su innovación y enriquecimiento, como demuestra la experiencia histórica*.”²¹⁶

A questão principal a ser discutida incidiu em pensar como com a revalorização da democracia surgia a ideia de intervir no debate teórico da renovação do pensamento de esquerda, conjuntamente com a noção de intervenção ativa na vida política e cultural do país. Pensamentos presentes não apenas em *Punto de Vista* ou no *Club de Cultura Socialista*, mas também em outros periódicos surgidos no período da transição democrática, como *Unidos*.²¹⁷ Foi este pensamento que permitiu que muitos membros destes espaços de intenso debate apoiassem as propostas alfonsinistas. Cabe lembrar que houve um núcleo de intelectuais, agrupados sob o nome de “*Grupo Esmeralda*”, vinculados ao presidente

²¹³ Club de Cultura socialista, Breve Historia, disponível em: www.clubsocialista.com.ar

²¹⁴ “Club de Cultura Socialista”. *PuntodeVista*, Buenos Aires, ano VII, nº22, pp.40-41, dez., 1984, p.40.

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ *Unidos* é uma revista que inicia sua publicação em maio de 1983, sob a direção de Carlos Alvarez. A publicação compreendeu as reflexões de um grupo de renovação peronista que criticaram os principais temas e ideias peronistas, tendo a problemática da democratização também como eixo articulador. Disponível em: http://www.croquetadigital.com.ar/index.php?Itemid=58&id=12&option=com_content&task=section
Uma análise do periódico foi realizada por: BRACHETTA, María Teresa, “Refundar el peronismo. La revista *Unidos* y el debate ideológico en la transición democrática”. Tesis de Maestría, FLACSO, Mendoza, 2005.

Alfonsín, cuja função era a de ajudá-lo a pensar.²¹⁸ No grupo estavam Juan Carlos Portantiero e Emilio de Ipola, que ajudaram a elaborar um novo uso do conceito de democracia e a renovação da cultura política para a sociedade.²¹⁹

Neste processo de democratização, muitas eram as novidades, as incertezas e os desafios. Durante o regime militar, *Punto de Vista* esteve focada em manter-se em contato evitando o isolamento intelectual, tentou tecer uma rede discursiva heterogênea com o objetivo de se opor aos discursos hegemônicos e dominantes, se preocupou com as discussões teóricas e metodológicas visando a interpretação das práticas culturais argentinas, o que mostrava claramente a ênfase em realizar uma crítica política da cultura. Pode-se inferir que era uma revista especializada em criticar a ditadura a partir de uma perspectiva marxista. A adaptação aos tempos democráticos implicou repensar este projeto político-cultural.

A caminho de um posicionamento democrático

Hugo Quiroga ao escrever sobre a relação entre intelectuais e política na Argentina, ressaltou que a década de 1980 foi por excelência um período no qual a democracia foi redescoberta e o intelectual estava comprometido com sua construção. O autor afirma que nas produções intelectuais deste período podem ser destacados aspectos predominantes: a revalorização da democracia estaria diretamente ligada à alteração da vida cotidiana que a repressão estatal causou, ou seja, a aversão ao autoritarismo foi gerada a partir das experiências pessoais vividas. Uma renovação no pensamento intelectual ocorreu devido à circulação dos exilados e da formação de centros privados. Houve, em terceiro lugar, uma ampliação na leitura de obras e autores que antes eram ignorados. E por último, uma maior especialização nas temáticas que se deu com a profissionalização dos intelectuais. O processo de restauração democrática inicia também a abertura acadêmica e recuperação cultural, se abre espaço para uma democratização também das universidades

²¹⁸ Para saber sobre o *Grupo Esmeralda* ver: ELIZALDE, Josefina. “Intelectuales y política en la transición democrática. El *Grupo Esmeralda*”. Tesis de maestría en Ciencias Sociales, FLACSO, Buenos Aires, 2009

²¹⁹ ELIZALDE, Josefina. Op. Cit. p.76.

públicas, onde camadas de intelectuais se incorporaram visando ajudar na tarefa de edificar a ordem democrática.²²⁰

Não se pode refletir a respeito do grupo por trás de *Punto de Vista* e de suas ideias sem se atentar a este processo, inclusive foi a ele que seus membros fazem referência quando afirmam que a recolocação da revista na conjuntura democrática foi muito mais complicada que sua publicação nos tempos anteriores. Segundo Sarlo, trabalhar no periódico em condições de ditadura era “*ideológicamente sencillo, aunque puede ser políticamente difícil*”.²²¹ A dificuldade sentida pelos intelectuais estava ligada a abertura de muitos espaços de debate, como os meios de comunicação, a universidade e as possibilidades de diálogo e laços que o então presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, oferecia aos intelectuais em relação ao Estado. O fato de a revista apresentar um ponto de vista de esquerda tornou mais complexa sua inserção e “reinvenção” durante a transição democrática. Diante da pergunta, trazida pela “*teoría de los dos demonios*”, sobre a responsabilidade que a esquerda teve no estabelecimento do “Processo”, as avaliações dos intelectuais se realizaram através dos erros, pensando na derrota e no fracasso de projetos socialistas, levando à valorização de outros ideais políticos.²²² A adoção de novas perspectivas implicou no reconhecimento da necessidade de transformação da cultura política da esquerda, Altamirano explicou o que *Punto de Vista* pensava a respeito:

¿Todo ello no torna necesario para la izquierda una reforma intelectual y política que la arranque de su posición subalterna, una reforma que la libere del doctrinarismo en la reformulación de los problemas y las alternativas que, a la

²²⁰Pouca informação foi encontrada sobre este processo. Quiroga afirmou que em 1983 se abriu também uma nova era para a vida universitária, cujo traço principal foi a institucionalização acadêmica, com o processo de renovação e modernização da universidade pública, levado a cabo pelo governo. Tendo em vista que o período anterior tinha se caracterizado pelo retrocesso, obscurantismo, intolerância, dogmatismo e controle ideológico do espaço acadêmico. Na redemocratização, ressurgia uma universidade baseada no pluralismo acadêmico e político. Neste processo de abertura acadêmica e recuperação cultural, muitos professores perseguidos pela ditadura foram restituídos a seus cargos e outros intelectuais foram incorporados, foi o caso do grupo de *Punto de Vista*. QUIROGA, Hugo. Intelectuales y política en la argentina. In: HOFMEISTER, Wilhelm; MANSILLA, H. C. F. **Intelectuales y política en América latina: el desencantamiento del espíritu crítico**. Rosário: Homo sapiens, 2003, pp. 214-215; Para ler sobre a história das universidades argentinas ver: BUCHBINDER, Pablo. **Historia de las universidades argentinas**. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.

²²¹ FRIERA, Silvina. “La hacíamos por nosotros más que por los lectores”. Entrevista com Beatriz Sarlo em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/cultura/7-33440-2004-03-30.html>

²²² LESGART, Cecilia. Op. Cit., pp.149-150.

vez, sustraiga a la cultura y la investigación crítica de su politización (su “facciosidad”) inmediata?²²³

Sendo assim, o “reinventar-se” implicava em, principalmente, estar conectado com seu presente, no debate e na polêmica intelectual de sua contemporaneidade. Desta forma, compreende-se que o compromisso assumido por esses intelectuais, para com seus leitores, foi o de construir uma nova cultura política democratizante. Em como a questão democrática teve o caráter programático para a revista, que a partir de 1982 firmando uma oposição frente à Guerra das Malvinas, refletiu sobre tópicos considerados essenciais para a democratização cultural, social e política. Para isso, a recuperação do passado não tão imediato localizado nas décadas de 1960 e 1970 e a revisão do pensamento marxista com seus “*desvios populistas e dogmáticos*” se impuseram como tarefas centrais da revista.²²⁴

A democracia que começou a ser construída em 1983 foi consequência do colapso do “Proceso” que foi acelerado pela derrota para a Inglaterra nas Malvinas. A decomposição do poder castrense - já se evidenciava mesmo antes da aventura militar na discussão aberta e no repúdio da sociedade à repressão ilegal – dava início ao processo de transição em 1982, caracterizado pela tensão entre ruptura e continuidade.²²⁵

O discurso de revalorização da democracia se sustentou em tudo que o “Processo” não havia sido para os argentinos. A promessa alfonsinista se baseava principalmente no distanciamento em relação ao governo militar, em uma severa crítica as atrocidades cometidas pelo Estado, inclusive no julgamento dos responsáveis pela sistemática violação aos direitos humanos. Alfonsín colocou em cena a possibilidade de se

²²³ ALTAMIRANO, Carlos. “Imágenes de la izquierda”, **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 21, pp.5-8, ago. 1984.

²²⁴ PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987).” **Cuadernos de Recienvenido**, 4. São Paulo: Depto de Letras Modernas, p 14.

²²⁵ Gerardo Aboy Casarés afirma que é preciso prestar atenção nas características específicas que a transição democrática argentina assumiu. O autor destaca quatro fatores significativos que moldam este processo. Primeiramente, tem-se uma abertura política como consequência da derrota na Guerra das Malvinas e não por resultado das forças opositoras; em segundo lugar estaria o apoio concedido a guerra dos principais atores políticos que estariam envolvidos com o momento pós-ditatorial; como terceiro elemento significativo o autor apresenta a debilidade das Forças Armadas após a guerra, em relação à tentativas de articulação de uma saída negociada do regime; por último se destaca a opinião pública que acompanhou no pós- guerra vê suas lealdades ao regime destruídas e aumenta sua oposição antiditatorial. CASARÉS, Gerardo Aboy. “Parque Norte o la doble ruptura alfonsinista”. In: Novaro, Marcos; Vicente, Palermo (comps.), **La historia reciente. Argentina en democracia**, Buenos Aires, Edhasa, 2004, pp.37-38.

por fim à violência política e de esclarecer os fatos ocorridos no passado. Prometeu aos argentinos a democratização de todas as esferas organizativas da sociedade, sob um governo baseado na diferença e no consenso como garantia da continuidade e validade institucional.

A revalorização da democracia foi escancarada nas páginas de *Punto de Vista* no segundo *Editorial*, no início do ano de 1983, onde o Conselho de Direção destacou a importância da participação popular nas eleições que ocorreriam em outubro. A intenção não era apenas destacar a democracia como solução para o fim das injustiças e desigualdades sociais, o intuito era também mostrar que toda a sociedade deveria estar envolvida e disposta a colaborar com a transformação do país, das bases e dos instrumentos responsáveis pela articulação do golpe de 1976. E para isso a população deveria começar exercendo seus direitos políticos, pois as práticas democráticas seriam tão fundamentais quanto as condições econômicas, sociais e culturais democráticas. Ademais, democracia não seria apenas sinônimo de consenso, mas também se efetivaria no comprometimento, nas reivindicações e aspirações da sociedade.²²⁶

Segundo o pesquisador Gerardo Aboy Casarés o discurso afonsinista se constituiu no contraste temporal entre a demonização de um passado que deve estar presente para a construção de um horizonte futuro que emerge como oposto deste passado que se quer deixar para trás. Para este autor pretende-se romper primeiramente com o passado imediato encarnado na ditadura militar, associado com a irracionalidade, a guerra, o autoritarismo e a morte. Ao mesmo tempo, se apostava em um futuro de garantias associado à vigência dos direitos, da paz, da defesa da vida e na ordem democrática. A ruptura também seria em relação ao passado mais distante que não permitia, segundo Alfonsín, a vigência da democracia.²²⁷

Nas leituras que *Punto de Vista* produziu a respeito da questão democrática a tensão ruptura e continuidade também esteve presente. A publicação buscou, a partir de 1982, a tradição democrática argentina no período de 1880-1943, marcando assim aspirada

²²⁶ Editorial. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VI, nº 17, abr. 1983, p.3.

²²⁷ CASARÉS, Gerardo Aboy. Op. Cit., p.39.

ruptura com o passado recente, violento e irracional.²²⁸ Infere-se que a história do passado político recente da Argentina foi excluída na revista enquanto objeto do historiador. Contudo, os discursos no campo do político - editoriais, entrevistas e espaços de discussões de temas relevantes para a teoria política – se encarregaram de fornecer aos intelectuais instrumentos para ajudar as propostas governamentais de construção da ordem democrática.

Em *Lecciones de una Guerra*, Carlos Altamirano expressou a posição do conselho de direção diante da Guerra das Malvinas. Neste texto, a retórica utilizada era a oposição entre democracia e autoritarismo; o caminho para se chegar a questão nacional seria a democracia e não a guerra. A lição mais profunda que a guerra deixava ao povo argentino era a possibilidade de democratização do Estado, da vida pública, das instituições políticas e sindicais, dos órgãos de cultura.²²⁹ Em consonância com o discurso alfonsinista a revista pontuava que a democratização de todas as instâncias políticas somada à participação popular, seriam condições necessárias para o desmantelamento do aparato autoritário.

Um número após a publicação desta análise da sociedade argentina, outro texto constata a anulação da democracia na história da Argentina. Adolfo Pérez Esquivel²³⁰, afirmava o desconhecimento dos argentinos em relação a um governo verdadeiramente democrático. Da constatação derivava a necessidade de se distinguir os tipos existentes de democracia e para *Punto de Vista* estava claro que a *Democracia del Norte*²³¹ não seria o modelo a ser seguido, pois as ações políticas de seus governantes lembravam as ditaduras militares implantadas no Cone Sul. A oposição direta deste setor intelectual à democracia dos Estados Unidos foi expressa frente ao episódio com o intelectual Angel Rama que foi taxado de comunista pelo Departamento de Estado norte-americano.

²²⁸ Os artigos publicados durante este período estudado que possuem uma análise da história argentina são: Juan Carlos Portantiero. “Nación y democracia.” n° 14; PEHESA. “Donde anida la democracia?” n° 15; PEHESA. “La cultura de los sectores populares.” n° 18. Eles serão explorados no quarto capítulo. Para saber mais sobre a formação do campo historiográfico no pós-ditadura ver PITTALUGA, Roberto. “Notas sobre la historia del pasado reciente”. In: PALTI, Elías José. **Historia, para qué?: revisitas a una vieja pregunta**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

²²⁹ ALTAMIRANO, Carlos. “Lecciones de una guerra.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano V, n° 15, pp.3-5, ago. 1982.

²³⁰ Reportaje a Adolfo Pérez Esquivel, “Democracia y participación.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano V, n° 16, pp.7-9, nov. 1982.

²³¹ “Democracia del norte?” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano V, n° 16, nov. 1982, p.37.

Hoy, esta imputación parece causa suficiente para poner en peligro su carrera universitaria y su permanencia en un país que ha firmado los tratados de Helsinki, en cuya acta final puede leerse el compromiso de respetar “los derechos humanos y las libertades básicas que incluyen libertad de pensamiento, de conciencia, de religión y de creencias...el derecho a libertad de opinión y expresión, derecho que incluye la libertad de sostener opiniones sin interferencias y buscar, recibir e impartir información e ideas a través de todos los medios y fronteras.”²³²

Diante da evidência de que o conselho de direção de *Punto de Vista* caracterizava a democracia “del norte” como elástica, devido as suas contradições e, compreendendo a complexidade da conjuntura argentina frente a transição à democracia e em relação à história do passado recente, quais seriam as características de um regime político democrático? Para *Punto de Vista*, quais elementos assegurariam a continuidade do projeto democrático e seu cumprimento?

A democracia ideal defendida no periódico estaria baseada nos conceitos fundamentais da vida política: poder, justiça e equidade. Onde a justiça é o contrapeso do exercício de poder.²³³ O principal aspecto normativo deste ideal era a autonomia da ação humana que estava ligada ao conceito de responsabilidade. De acordo com Osvaldo Gariba, o homem livre na escolha de suas próprias ações e nas decisões, por consequência, sobre a adoção dos meios que conduzem aos fins escolhidos, era responsável por arcar com os efeitos de seus atos livremente escolhidos.

O princípio regulador da democracia era a convicção que se explica na ideia de que todo homem é apto a tomar decisões. No que diz respeito a assegurar o cumprimento e a continuidade da democracia, este autor afirma que era necessário uma ação política diferente da existente - com uma participação maior e mais efetiva dos cidadãos; construção de uma nova relação entre burocracia estatal e Forças Armadas Argentinas com o parlamento; a inversão nas prioridades, isto é, primeiramente atentar para os interesses da sociedade civil e depois da dimensão política.²³⁴

²³² Ibidem.

²³³ GUARIBA, Osvaldo. “Qué democracia?”. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VI, nº 17, pp.15-22, abr. 1983.

²³⁴ Da autonomia se desdobra o critério de prioridades de interesse: sendo os da sociedade civil diferentes dos da organização política. E devido a isso, o que é proclamado no plano político e constitucional apenas possui vigência no plano jurídico e social posteriormente a sua proclamação. Ibidem.

Em suma, existiu uma convergência nas ideias onde a consolidação dependeria de um regime institucional e de uma organização na vida pública. Na busca pela “democracia autêntica” o saber técnico não excluiria a população das decisões e os partidos políticos garantiriam os direitos políticos dos cidadãos. Pode-se concluir que para os intelectuais que de alguma maneira pensaram a questão democrática através de *Punto de Vista*, democracia era sinônimo, sobretudo, de participação.

Importante lembrar que não foi apenas em *Punto de Vista* que o debate em torno da democracia foi o tema central que serviu de eixo articulador de distintos temas, cuja perspectiva teórica dominante foi a implantação e a consolidação das instituições democráticas, orientada para evitar a reemergência do autoritarismo. Em muitos círculos políticos-intelectuais as discussões giravam em torno das problemáticas relacionadas aos atores da vida democrática como os partidos e os sistemas políticos, as organizações e movimentos sociais; discutia-se sobre as regras que definiriam o jogo democrático em relação à qualidade, estabilidade e eficiência e ainda a respeito da cultura e das práticas políticas.²³⁵

Em 30 de outubro de 1983 os argentinos puderam escolher através do sufrágio universal seus representantes no governo. Foi, a partir desta data, com o retorno do exercício do direito político, com a ascensão do candidato Raúl Alfonsín do Partido Radical à presidência da Argentina, que o regime democrático triunfou como base para a organização política do país.

Se o editorial antes das eleições já apoiava muitos pontos do discurso do candidato radical, dois números depois *Punto de Vista* afirmava que a vitória de Alfonsín significava mais que a primeira derrota do peronismo em uma eleição limpa, era de fato a ruptura, pois era uma proposta de um novo funcionamento político, diferente do militar e do peronista. O povo argentino teria escolhido entrar em nova etapa. O discurso alfonsinista era vencedor porque teria se mostrado em sintonia com as necessidades reais da

²³⁵CAMOU, Antonio. “Se hace camino al transitar. Notas en torno a la elaboración de un discurso académico sobre las transiciones democráticas en Argentina y América Latina”. In: CAMOU, Antonio; TORTTI, M.C.; VIGUERA, A. (comps.). **La argentina democrática: los años y los libros**. Buenos Aires: Prometeu, 2007, p22.

sociedade.²³⁶ Para *Punto de vista* Alfonsín identificou uma renovação no funcionamento institucional para que o país encarasse as tarefas de reconstrução, sem sacrificar a reparação moral e material. O desafio futuro de Alfonsín seria o de consolidar estas novas formas políticas e o dos intelectuais de esquerda era o de pensar e formular outros modos que garantissem a opção democrática.

No prefácio do livro *Discutir Alfonsín*, Catalina Smulovitz atenta para o fato de que apesar das dificuldades impostas – crise econômica e as violações aos direitos humanos – todas as propostas de Alfonsín foram lidas pela sociedade civil como algo novo e possível. Neste momento de refundação da democracia argentina os atores políticos e sociais estavam inundados de alívio e esperanças. O encantamento – a *ilusión democrática* – seria o sentimento que norteava as ações dos indivíduos em todo o governo Alfonsín.²³⁷ Essa caracterização supõe a crença nas instituições democráticas como solução para todos os males da Argentina. Mesmo diante de uma distinção construída tendo em vista os alcances das promessas do governo Alfonsín, pode-se conjecturar sobre a força da ideia de democracia entre os argentinos, nos anos de 1980. Pensamento que estimulou transformações no âmbito político, social e cultural.

Gerardo Aboy Carlés destaca que, nas propostas de Alfonsín, para se efetivar a ruptura com o passado seria necessária a conformação de uma nova cultura política, alcançada por meio da eliminação dos elementos causadores de instabilidade no regime democrático no país.²³⁸ Roxana Patiño, cujo trabalho consiste em analisar os debates e as posições em torno da redefinição da identidade e da função do intelectual através do exame de algumas revistas culturais na década de 1980, dialoga com esta perspectiva quando afirma que o processo de democratização abriu espaço para a elaboração de uma nova

²³⁶ Editorial. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VI, nº 19, pp.2-3, dez. 1983.

²³⁷ SMULOVITZ, Catalina. Prefácio: “La ilusión del momento fundante”. In: GARGARELLA, Roberto; MURILLO, María Victoria; PECHENY, Mario (comps.). **Discutir Alfonsín**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

²³⁸ CARLÉS, Gerardo Aboy. “Raúl Alfonsín y la fundación de la “segunda república”. In: GARGARELLA, Roberto; MURILLO, María Victoria; PECHENY, Mario (comps.). **Discutir Alfonsín**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

cultura política.²³⁹Nesse momento, *Punto de Vista* tomou para si esta tarefa que julgou imprescindível e convocou a intelectualidade de esquerda para colaborar nesta questão.

Segundo Oscar Terán em um ensaio publicado no número 17 da revista, como parte da empreitada da instituição democrática, a reconstrução da cultura dependeria da indagação dos códigos da cultura nacional. Para este autor os desastres que moveram a Argentina em sua história teriam duas raízes: a primeira residiria nos símbolos coletivos cristalizados no imaginário argentino - os mitos fundacionais. Em segundo lugar estariam os fatos incorporados, por exemplo, à ideia assimilada da morte como destino que transforma a violência em instrumento político privilegiado. Esses dois elementos colaboraram para a formação da cultura política argentina, por isso sua desconstrução se faria inevitável para a Argentina não se deparar novamente com períodos sangrentos como o último regime militar.

Tendo em vista isso, para os intelectuais de *Punto de Vista* a conformação de uma cultura política democratizante implicou, primeiramente, na reconceitualização da ideia de cultura e, por consequência, em suas relações com a política. Além disso, pode-se inferir como a reflexão em torno da crise dos modelos da esquerda visando a reestruturação, total ou parcial, das tradições ideológicas e políticas também foi fruto da tentativa de criação dessa nova cultura política. Como desdobramento destas operações houve redefinição do lugar e da função do intelectual em relação à política e à cultura.

O processo de ruptura ideológica

A revalorização da democracia por parte da intelectualidade identificada com a doutrina socialista foi apenas um aspecto de um processo mais amplo de revisão dos pressupostos da esquerda, que apresentava em sua outra face a crítica e a fuga das leituras consolidadas do marxismo.²⁴⁰*Punto de Vista*, diante de todas as críticas lançadas ao

²³⁹ PATIÑO, Roxana. “Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981 – 1987)”, p.6.

²⁴⁰*Punto de Vista*, inclusive, mostra uma preocupação com o desenvolvimento do marxismo latino-americano. Tal questão fica mais clara quando pensamos no ensaio de Fernando Henrique Cardoso, publicado no nº23 da revista, cujas preocupações se centram nas conjunturas de transição da América do Sul. A problemática de fundo destas reflexões é se esta onde democratizadora que atingiu o Cone Sul era “real” ou não.

peronismo e à esquerda radical, se debruçou sobre as possibilidades de uma adequação da matriz marxista frente à proposta liberal. Foi, de alguma maneira, uma autocrítica que demonstrava que a democracia trouxe incertezas não apenas aos militares e seus apoiadores, mas também à esquerda argentina.

A crise do marxismo foi um dos temas mais discutidos pelos intelectuais em *Punto de Vista* nestes primeiros anos de transição, primeiramente por causa do contexto internacional - que mostrava como os tempos estavam difíceis para o marxismo - e nacional no que se refere à discussão sobre a responsabilidade da esquerda, assim como sobre os traços de sua cultura política e nos acontecimentos que desembocaram na ditadura militar. Ou seja, da crise material se derivou a crise teórica e o ingresso no processo revisionista.

Embora a problemática apareça diluída em muitos ensaios, resenhas e análises no decorrer dos anos (1983-1989), nos centraremos nos ensaios nos quais o foco principal era a crise.²⁴¹ O pano de fundo que norteia estas reflexões era a constatação de que o marxismo, quando colocado em prática acabou se tornando o oposto do que esperava transformar. Em outras palavras, o marxismo como filosofia que pregava o fim do Estado e possuía elementos libertários, acabou se transformando em uma ideologia de regimes autocráticos, um novo sistema de opressão social que cerceou as liberdades básicas da sociedade civil.

Seria essa filosofia que teria levado a ideologização do modelo da URSS – o stalinismo – que será duramente criticada. Este modelo de socialismo identificado com a dominação burocrático-autoritária e que teria convertido o marxismo em discurso apologético (o marxismo em monopólio do Estado) será repensado. Para Oscar Terán a revisão era legítima, pois com este marxismo denominado “real”, na história do século XX, foram reforçados os crimes e tormentos, houve uma distribuição mais justa de riqueza, porém esta foi acompanhada de hierarquizações novas, ocorreu a despolitização das massas e a negação dos direitos sindicais elementares ao invés da tão almejada democracia dos trabalhadores. Em nome deste socialismo ocorreram intervenções armadas nos territórios

²⁴¹ Neste trabalho se usa “crise do marxismo” porque é o termo no qual se faz o debate intelectual localizado em *Punto de Vista*. Infere-se que estes tentam renovar o socialismo (baseado no modelo difundido pela URSS) que mostrou ter uma leitura dogmática do pensamento marxista. Carlos Altamirano. “La oposición en el socialismo real”, nº14; Oscar Terán. “Una polemica postergada: la crisis del marxismo”, nº 20.

subjugados e houve o enfretamento violento e sem princípios entre países do mesmo campo socialista.²⁴²

A partir destas críticas apareceu, nas páginas da revista, a defesa da obra clássica de Marx – não de suas leituras e interpretações – e do desenvolvimento do marxismo como teoria fundadora do movimento socialista. Foi a partir da constatação de que apesar da conexão orgânica entre os problemas de uma sociedade, a reflexão e sua resolução prática, devem ser vistas como esferas autônomas que promovem, para estes intelectuais, a necessidade urgente da revisão do marxismo. Tal revisão possuiu como finalidade principal superar os elementos ultrapassados e manter os necessários, e em segundo lugar recompor um socialismo latino-americano, localizado no pensamento de Marx.²⁴³

As críticas permitem perceber a potencialidade teórica do pensamento de Marx enquanto instrumento de análise da realidade social. Horacio Crespo aponta como real capacidade deste pensamento sua disposição em revelar e resolver os problemas essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade. Contudo, o socialismo apenas atuaria como um elemento necessário e decisivo na resolução deste desafio histórico (a construção da democracia social), se sua revisão fosse concreta.²⁴⁴

Foi a partir dessa distinção entre o marxismo clássico e suas leituras que surgiram questionamentos ao vanguardismo autoritário e ao reducionismo de classe. Em *Punto de Vista*, a crítica ao vanguardismo esteve baseada, principalmente, no caráter autoritário dos partidos e das experiências pós-revolucionárias. Para os argentinos, o antiautoritarismo seria oriundo também de dois movimentos: o de vivências próprias – os excessos e derrotas dos movimentos mais radicalizados das décadas de sessenta e setenta – e alheias, pensando nos regimes da URSS.²⁴⁵

²⁴²TERÁN, Oscar. “Una polemica postergada: la crisis del marxismo.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VI, n° 20, pp.19-21, maio 1984.

²⁴³ CRESPO, Horacio. “Marx y América Latina: raíces de un desencuentro.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VI, n° 18, pp.46-49, ago. 1983.

²⁴⁴Ibidem,p.49.

²⁴⁵ Podemos evidenciar como nos ensaios escritos por José Nun a crítica ao reducionismo de classe é mais incisiva, assim como Juan Carlos Portantiero se centra na crítica ao autoritarismo.

Juan Carlos Portantiero, por exemplo, em *Socialismo y Democracia*, possui como pergunta de fundo a problemática da legitimidade da sociedade civil com a existência do Estado, desdobramento da constatação de que existe uma contradição evidente entre estas esferas. De acordo com este sociólogo, a ditadura do proletariado como modelo de transição que não se propunha ser um Estado, se transformou em uma soberania: a do partido-dirigente-vanguarda do proletariado. Nestes processos a soberania se garantia no partido único e na centralização política. A fusão do partido ao Estado gerou a negação de iniciativas fora do partido, sejam elas políticas, econômicas ou culturais, ou seja, negou-se o pluralismo, privou-se as massas populares da participação política, o que culminou em uma apatia política generalizada.²⁴⁶ Por outro lado, Portantiero ressalta que, de uma maneira distinta, o liberalismo também não encontrou formas reais de participação política e social.

Diante destas circunstâncias, segundo Portantiero, a alternativa para a construção de uma ordem política seria então a articulação entre as problemáticas da democracia formal e da democracia substantiva. Logo, o resgate da democracia argentina deveria ser mediante a participação de todos, na elaboração de instituições nas quais a sociedade pudesse exercer um controle sobre o Estado e por meio do respeito à liberdade para se discordar.²⁴⁷ A partir do ano de 1984, *Punto de Vista* se dedicou em repensar a esquerda – através da crise de sua cultura política, de sua história e cultura, tendo em vista sua potencialidade na construção democrática. Nota-se então que o ajuste de contas com o passado se fez fundamentado não apenas na dicotomia autoritarismo/democracia, mas também na oposição revolução e democracia. Leitura que também ajudou no posicionamento diante da teoria dos dois demônios.

Segundo Cecília Lesgart pode-se perceber com maior nitidez o desalijamento dos termos do vocabulário marxista cristalizado na década de sessenta e setenta, assim como

²⁴⁶ PORTANTIERO, Juan Carlos. “Socialismo y Democracia.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 20, pp. 1-5, maio 1984, p.4.

²⁴⁷ Juan Carlos Portantiero pensava em modos nos quais a democracia poderia se fazer possível. Neste ensaio após criticar a ditadura do proletariado, afirma a ideia pluralista onde o consenso aceita a legitimidade dos dissensos, da igualdade de participação e de controle do estado por parte da sociedade. *Ibidem*, p.5.

uma aposta no cenário da democracia política nos textos de José Nun.²⁴⁸ Este intelectual fez com mais veemência a crítica ao reducionismo de classe, demonstrando o processo de desconstituição de antigas identidades e, por consequência, a emergência de novas. O processo de diferenciação e reagrupação em torno de novos problemas gerou movimentos que irromperam na cena pública com suas reivindicações. Tal processo, segundo Nun, foi responsável pela corrosão da identidade em torno da unidade *classe*, e deste modo, pelo fracasso do discurso heroico sobre a classe operária.²⁴⁹

De acordo com esta perspectiva, a esquerda latino-americana deveria refletir não sobre o fim do sujeito revolucionário, mas sobre a bagagem teórica responsável por sua formação, a qual coloca obstáculos ao processo de revisão sobre quem seria o sujeito revolucionário. Nesta revisão, o primordial para Nun era que a vida cotidiana também fosse pensada como lugar da política, sendo os atores principais todos os oprimidos. *La rebelión del coro*, propunha o fim da imagem do proletariado como classe universal e revolucionária, a recuperação da esfera cotidiana e do reconhecimento das reivindicações de cada grupo como condições necessárias para se construir a democracia socialista.

Em *Democracia y Socialismo: etapas o niveles?* Nun amplia sua análise da moderna democracia socialista. O intelectual pontuou sobre a necessidade de criação de novas formas de representividade, da irredutibilidade das diferenças e de um grau relativo de descentralização das decisões. Outro ponto determinante para a representação “autêntica” buscada por Nun, era a urgência da democratização dos sistemas de autoridade da vida (família, trabalho, sindicato, bairro, etc). Mais uma vez, se percebe as dicotomias autoritarismo/democracia e revolução/democracia na construção da ideia de uma sociedade socialista pluralista.

A crítica ao marxismo permitiu o avanço a um socialismo menos dogmático e compatível com a implantação da democracia. Portantiero e Ipola defendem o pacto social como metáfora fundadora da ordem política democrática.²⁵⁰ O pacto seria um compromisso que requer o respeito à especificidade, um modo político de convivência. O que supunha o

²⁴⁸ LESGART, Cecilia. Op. Cit., p.196.

²⁴⁹ NUN, José. “La rebelión del coro.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 20, pp.6-11, maio 1984

²⁵⁰ PORTANTIERO, Juan Carlos; IPOLA, Emilio. “Crisis social y pacto democrático.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 21, pp 13-20, ago. 1984.

reconhecimento do outro sem suas diferenças, como semelhante, com direitos e autonomia. O pacto permitiria distanciar-se tanto da identificação da política com a guerra quanto com o rito: em ambas as práticas políticas notava-se a exclusão do adversário político (de formas distintas), do dissidente, de toda forma de alteridade fora do campo de ação política reconhecida como legítima.

Em suma, a política como ação ou a política como campo institucional adquiria sentido quando não operada conforme um consenso geral ou uma guerra total. De forma que, pode-se concluir que *Punto de Vista* veiculou propostas que, sobretudo, pensaram que o futuro da democracia dependia dos políticos e da sociedade pactuarem com o equilíbrio e a mescla da cooperação e do conflito. Logo, as ideias veiculadas no periódico, em torno dos conceitos como ordem e conflito, dissenso e acordo, autoritarismo, revolução e democracia, pactuaram com as propostas defendidas por Alfonsín.²⁵¹

A mudança dos termos no vocabulário dos socialistas e o estabelecimento de outro sentido à teoria marxista foi uma das maneiras pela qual esta parcela da esquerda encontrou para se articular e posicionar no marco da democracia. Provavelmente, a formação de outra cultura política foi utilizada como meio de lembrar e, ao mesmo tempo, esquecer o passado recente desta esquerda.

Em busca de uma reconciliação entre ação e pensamento

Entende-se através dos discursos que disputaram a cena no período da transição democrática, que a cultura política que se pretendia deixar para trás está situada nas décadas anteriores ao último governo militar. Os contextos pré-golpe e até mesmo as lutas políticas dos anos de 1940 e 1950 são, segundo demonstram os artigos de *Punto de*

²⁵¹Como já foi dito Juan Carlos Portantiero e Emilio de Ipola fizeram parte do “*Grupo Esmeralda*” uma agrupação que colaborou com o projeto alfonsinista. Inclusive este ensaio “*Crisis social e pacto democrático*” foi a base do discurso que Alfonsín realizou conhecido como “Discurso de Parque Norte”, um texto que continha ideias para a construção de uma sociedade diferente, a “democracia participativa”, a “modernización” e a “ética de la solidaridad” marcaram como grandes temas do discurso. No entanto, também se tem conhecimento de que entre estes intelectuais e o Conselho de Direção de *Punto de Vista*, houveram divergências a respeito de vários pontos do governo Alfonsín. Josefina Elizalde em “La participación política de los intelectuales durante la transición democrática: el Grupo Esmeralda y el presidente Alfonsín”, analisou alguns pontos que considerou como divergencias.

Vista, indispensáveis no entendimento da bagagem teórica e das ações políticas dos intelectuais argentinos.²⁵² No que se refere ao marxismo, data deste período a crença na regenerabilidade dos regimes socialistas por parte dos latino-americanos. Em *Punto de Vista*, este conjunto de princípios e valores, de ideias, sonhos e desejos partilhados ao longo dos anos, foram indagados na tentativa de tornar inteligíveis os atos e comportamentos políticos dos protagonistas dos acontecimentos das décadas de 1960 e 1970.

O questionamento do marxismo como visão de mundo foi postergado porque muitos argentinos acreditavam na impossibilidade da discussão diante do terrorismo levado a cabo pelo poder castrense e, na premissa de que sua revisão dispersaria os esforços da esquerda então voltados para a análise crítica do momento da transição à democracia.²⁵³ Contudo, diante da crença de que o pensamento de esquerda estava derrotado e do desencanto com a revolução, a problemática democrática que redefiniu várias questões permitiu a *Punto de Vista* o balanço da vida revolucionária, do autoritarismo dos grupos políticos e da violência política concebida como eixo central do paradigma revolucionário.²⁵⁴

Do entendimento dos projetos setentistas - *partidos armados, terrorismo estatal, belicismo aventureiro, geral barbarização da vida pública*²⁵⁵ - se estruturaram duas construções na publicação. A primeira era a imagem de uma esquerda revolucionária, violenta, autoritária, soberba e dona da história, fracassada na tentativa de levar a cabo sua ideia de sociedade e, acima de tudo responsável pelas barbaridades cometidas.²⁵⁶ Em segundo lugar, como desdobramento desta visão surgia a necessidade de recuperação deste passado visando a mudança e a aprendizagem frente aos erros. Apesar do grupo vinculado a *Punto de Vista* convergir na perspectiva de que a teoria e as práticas marxistas mereciam

²⁵² SARLO, Beatriz. **La batalla de las ideas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

²⁵³ Este revisionismo não foi aceito por toda a esquerda argentina. Oscar Terán e José Sazbón, por exemplo, protagonizam esta polêmica nas páginas de *Punto de Vista*. Sazbón afirma que fora da revista a herança marxista era ainda reivindicada e não abandonada. Ver: Jose Sazbon. “Derecho de réplica. Una invitación al postmarxismo.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VI, nº 19, dez. 1984, p.38.

²⁵⁴ OLLIER, Maria Matilde. **De la revolución a la democracia: Cambios privados y políticos de la izquierda argentina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009, p 239.

²⁵⁵ ALTAMIRANO, Carlos. “Imágenes de la izquierda.” pp 5-8.

²⁵⁶ SARLO, Beatriz. “Una alucinación dispersa en agonía.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 20, pp.1-4, maio 1984.

uma crítica – perspectiva que manteve a democracia como expectativa –, divergiram em muitos pontos. A adaptação da ideia de intelectual orgânico de Antonio Gramsci que se impôs como um desafio para a renovação política e cultural pode ser considerada como principal.

Para José Aricó e Juan Carlos Portantiero era tarefa do intelectual a gestação de ideias centradas na atividade teórica e prática, no sentido de projeto político, ainda que não estivesse militando em um partido político definido. A figura do intelectual orgânico se desenhava então da seguinte forma: “...*que la razón aconseje al buen gobierno (la figura del Consejero del Príncipe), que la palabra sea modulada por la voz del Príncipe (la del escritor de discursos en sentido fuerte) o que el proyecto técnicamente fundado sea asumido por la voluntad política (el técnico)*...”.²⁵⁷ Em outras palavras, era uma oportunidade de se participar dos assuntos do governo e do Estado. Concepção que mostrava a renovação, já que as ideias políticas poderiam agora ser orientadas por um espírito estatal.²⁵⁸ A tensão entre o grupo, especificamente com Sarlo e Altamirano, se localizou nos limites estabelecidos entre a atividade política e a intelectual e no encontro da democracia política como avaliação das responsabilidades passadas, pois a construção do regime político no futuro dependeria do reconhecimento de certas responsabilidades sobre o passado. Para Sarlo ainda existiria a desconfiança sobre as relações que esta nova esquerda poderia estabelecer com as instituições do regime político democrático.²⁵⁹

Como já observado, foi a partir do discurso de Alfonsín que atores sociais e políticos buscaram as chaves para a redefinição dos seus. Logo, a iniciativa de julgar os militares, a criação da CONADEP e o informe *Nunca Más* colocaram um fim ao passado revolucionário e a política dos fins como justificadores dos meios.²⁶⁰ Oscar Terán, por exemplo, admitia em 1984 o caráter ilusório dos modelos que guiaram sua geração. Nesta perspectiva, a revolução foi apresentada como um mito presente mais no imaginário dos

²⁵⁷LESGART, Cecilia. Op. Cit., p.159.

²⁵⁸ Ibidem.

²⁵⁹ Na visão de Sarlo foi este descompasso que levou a José Aricó e Juan Carlos Portantiero a mais tarde fundarem o periódico *La Ciudad Futura*.

²⁶⁰ OLLIER, Maria Matilde. Op. Cit., p.236.

militantes do que entre a sociedade e, por isso, as atitudes para concluí-la teriam se articulado com o despotismo militar produzindo a catástrofe da ditadura.²⁶¹

Imediatamente, do abandono das perspectivas revolucionárias se desdobraram questionamentos a respeito da violência política nas décadas de 1960 e, principalmente, 1970. A discussão tinha como fundamento seu aspecto constitutivo²⁶² da sociedade argentina, apesar do regime democrático limitar seu lugar na sociedade, descartando-a como forma de fazer política e dando lugar a resolução de conflitos e a negociação na busca por soluções. Contudo, foi detectada como problema maior a ser resolvido nos ex-revolucionários e militares que pagariam por seus atos assumindo suas respectivas responsabilidades.

Sobre este aspecto, *Punto de Vista* abrigou distintas opiniões. Beatriz Sarlo escreveu também em meados de 1984 um ensaio na tentativa de encontrar um modo de reestabelecer uma continuidade entre as experiências passadas e seu presente, onde interrogações a respeito do destino dos intelectuais de esquerda emergiam. Neste ensaio, a autora apontou a recuperação da memória como maneira de intervenção na conjuntura, elemento articulador entre passado e presente e, principalmente como instrumento para se chegar aos culpados. A recuperação da memória relativa à militância nesta época, considerada pela autora como início da história recente da esquerda, teria como finalidade apresentar outro prisma pelo qual se pode narrar este passado.

A preocupação de Sarlo era trazer à tona a devida responsabilidade que a esquerda possuiu. Para isso, assumia o compromisso de evitar uma cristalização da figura do militante de esquerda como herói e, deste modo, desviar-se da tranquilizadora vitimização.²⁶³ Tudo indica que *Punto de Vista* no ano de 1984 se dedicou a veicular os debates em torno da memória ou do esquecimento deste passado. No número seguinte Raul Beceyro afirma com ironia que as inquietações da argentina democrática eram, antes de qualquer coisa, a respeito do retorno da ordem. Neste sentido, o intelectual, assim como

²⁶¹ TERÁN, Oscar. “Una polemica postergada: la crisis del marxismo.”

²⁶² OLLIER, Maria Matilde. Op. Cit., p.263.

²⁶³ “Estamos hoy enfrentados con todo nuestro pasado y, se sabe, allí no todas las condenas ni todas las acusaciones pueden tener a los militares como objeto.” SARLO, Beatriz. “Una alucinación dispersa en agonía”, p.2.

Sarlo, atentou para os discursos utilizados com o sentido de conciliação. Beceyro afirmava a existência de uma tentativa de diluição ou desaparecimento das responsabilidades realizado por meio de procedimentos discursivos como a equiparação das culpas dos revolucionários e dos militares.²⁶⁴

Em outra perspectiva afirmava-se que os sobreviventes a 1976 renunciaram suas crenças e compromissos, se silenciaram porque parecia que o esquecimento da cultura de esquerda era preponderante para se viver a felicidade da democracia. Esta era a resposta dada por Nora Domínguez, Marcos Mayer, Renata Rocco-Cuzzi, Eva Tabakian e Mónica Tamborenea em uma carta enviada a redação de *Punto de Vista*.²⁶⁵ O motivo de tal conclusão era o clima de desaprovação à cultura de esquerda em todos os âmbitos. A razão da indignação era porque as críticas vinham daqueles que, nas décadas passadas, estavam imersos nesta cultura. Para os intelectuais ancorados nesta visão, renegar a história da esquerda e debater sobre a violência não esclareceria a racionalidade de seus atos.²⁶⁶

De acordo com as ideias difundidas por Alfonsín a violência havia debilitado tudo, por isso as instituições, a economia, a política e a cultura deviam ser construídas. Além disso, a constatação de que os problemas argentinos tinham sua raiz nos elementos culturais impunha que tanto a violência quanto o autoritarismo fossem excluídos de todas as instancias da vida do argentino. Dessa forma, toda a vida política, pública e privada deveria ser democratizada. Repensar as falhas desta esquerda permitia a *Punto de Vista* compreender a incapacidade do comunismo e do socialismo em converter-se em uma grande corrente política de massas, orientadora das transformações da sociedade e da cultura argentina.²⁶⁷ Ademais, dava margem para que estes intelectuais, comprometidos com a recomposição da tradição política socialista, avaliassem os partidos que se apresentaram na conjuntura eleitoral ainda em posição subalternas, presos ao dogmatismo e a componentes nacional-populistas. Cecilia Lesgart definiu esta esquerda como:

²⁶⁴ BECEYRO, Raúl. “Mirar hacia adelante.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 22, pp.19-20, dez. 1984.

²⁶⁵ Foi uma resposta ao artigo publicado por Lucas Rubinich, “Retrato de una generación ausente”, publicado no nº23, em abril de 1985.

²⁶⁶ Réplicas. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VIII, nº 25, dez. 1985, p.45.

²⁶⁷ ARICÓ, José. “Orígenes del comunismo: para construir una historia no sacra.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 21, ago. 1984, p.10.

Una izquierda con espíritu de construcción de un orden democrático, basado en la ley, que seguirá combatiendo las inequidades sociales pero a través del consenso político, que asume como propuesta el paradigma de la democracia representativa y que, como gran proyecto, aspira a una reforma moral e intelectual.²⁶⁸

Inspirando-se nesta definição estes ensaios, sobre a urgência de uma renovação para a ideologia da esquerda, podem ser lidos como um espaço para se pensar na função e no papel do intelectual de esquerda na democracia. Os artigos publicados foram estruturados como reflexões abertas sobre as transformações política-ideológicas da esquerda argentina que possuem como ponto de partida as experiências pessoais. Concomitantemente, acabam por se tornar uma *biografía colectiva*²⁶⁹ e assim, se deslocam do plano particular para atuarem como um balanço sobre o campo intelectual e como proposta para sua atuação na sociedade democrática.

A criticidade existente nestes ensaios incide na convicção de que a derrota do pensamento de esquerda também levou a dissociação do campo intelectual e político. No passado o discurso intelectual, e a arte, teriam sido canibalizados pelo político. Para Beatriz Sarlo o intelectual era servo da política, havia na prática intelectual a noção de justiça atrelada com valores que impelia o intelectual a encontrar pontos de contato entre sua prática específica e outros espaços sociais.²⁷⁰ Deste modo, a autora reflete sobre as relações entre a cultura, a ideologia e a política com o intuito de definir limites para tais âmbitos. Este exercício implicaria no reconhecimento das heterogeneidades que apenas auxiliaria a construção de vínculos, não baseados na subordinação, entre estas esferas.

Até o final de 1986 *Punto de Vista* se ocupou em avaliar as certezas estéticas e políticas as quais a esquerda teria se apoiado por tanto tempo. Esteve interessada em procurar uma maneira de dar visibilidade às diferenças e em gerar a democratização da cultura. Nesta empreitada Sarlo propunha uma *mirada critica*²⁷¹ como estratégia de uma prática crítica que objetivasse construir um discurso de interesse coletivo, de intervenção e que suscitasse o debate. Em oposição a totalização política, seria mais um acordo entre

²⁶⁸ LESGART, Cecília. Op. Cit., p.196.

²⁶⁹ A temática foi aprofundada no quarto capítulo. SARLO, Beatriz. "Intelectuales: Escisión o mimesis?" **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VIII, nº 25, pp.1-6, dez. 1985.

²⁷⁰ SARLO, Beatriz. "Intelectuales: Escisión o mimesis?" p.4.

²⁷¹ SARLO, Beatriz. "Una mirada política: defensa del partidismo en el arte." **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano IX, nº 27, pp.1-4, ago. 1986.

teoria e prática. Das décadas anteriores, a autora tentava salvar a noção de compromisso intelectual, a ideia de mudança (baseada na reflexão crítica do trabalho de restauração da subjetividade destroçada), a confiança no futuro, a inconformidade com a injustiça social e a proximidade com outras produções culturais.²⁷² Carlos Altamirano refletindo sobre o intelectual na repressão e na democracia pontuou:

/.../si la modernidad no ha de ser únicamente una cultura de la eficiencia y la razón instrumental, si la democracia no ha de ser solo preservación del estado de derecho y ritualización de la competencia política, siempre aparecerán, más allá del poder y de los que aspiran el poder, más allá de la institucionalización académica o estatal, intelectuales que hagan preguntas impertinentes, reinterpreten al conflicto, lo hagan aparecer y legitimen cuestiones que no figuran en la agenda pública ni merecen la atención de los media.²⁷³

No final da década de 80 os intelectuais demonstraram preocupações com os processos advindos juntamente com a democratização das esferas da sociedade. No periódico se defendeu a ideia de que com a democracia um novo cenário se colocava ao intelectual por causa de uma ideia de fragmentação do saber; da tendência à institucionalização acadêmica, estatal e política e por último a presença dos intelectuais e da política nos meios de comunicação.²⁷⁴ A conclusão em *Punto de Vista* era de que o intelectual deveria permanecer à margem sem amarras políticas. A defesa fez-se em relação a seu comprometimento em apresentar um ponto de vista crítico – ou livre – a sociedade.

Estas questões levantadas na revista em relação à localização da reflexão intelectual marcavam uma tentativa de diferenciar uma “política da cultura” e uma “política dos políticos”, distinguindo um homem de cultura do político, estabelecendo uma separação entre intelectuais e política, cuja superação se daria no âmbito da esfera pública. Ou seja, a atividade intelectual seria uma atividade também política por causa manuseio da linguagem e da palavra.²⁷⁵ Foram reflexões que buscaram separar o trabalho intelectual do poder estatal, ao mesmo tempo em que pontuaram a espaço público como lugar de participação dos diversos atores sociais, onde os intelectuais também seriam cidadãos. A

²⁷² SARLO, Beatriz.. “Intelectuales: ¿Escisión o mimesis?”, p.6.

²⁷³ ALTAMIRANO, Carlos. “El intelectual en la represión y en la democracia.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano IX, nº 28, pp.1-4, nov. 1986, p.4.

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ QUIROGA, Hugo. Op. Cit., p.202.

pergunta que emergia concomitante às reflexões era referente à possibilidade do trabalho intelectual comprometido com a construção da democracia republicana. Hugo Quiroga arriscou desenhar o perfil deste intelectual:

El intelectual crítico no renuncia a su responsabilidad (que incluye el perfeccionamiento de la democracia y la información al debate público), si participa cumpliendo esa función en determinadas esferas de la decisión política. Como dijimos, las esferas del pensar y de la acción política están separadas, no obstante, se establece una relación problemática entre ellas. Sin “traición” alguna, aquellos intelectuales críticos que participaron en cierta manera en la escena política pudieron contribuir al fortalecimiento del espacio público. /.../ En este sentido, el momento histórico que se abría en 1983 era excepcional. La sociedad tenía la oportunidad de cerrar el ciclo de país imprevisible, de clausurar la era de democracia inestable. Sobre esto los hombres de la cultura tenían mucho que decir.²⁷⁶

Neste sentido, os discursos veiculados pela publicação, eram perspectivas que pensaram sobre os fatos ocorridos e discorreram relatos próprios, onde perpassou a tensão entre se buscar uma verdade e escrever criticamente. Para Quiroga, os intelectuais organizaram esquemas de inteligibilidade e criaram significados às coisas quando se envolvem com o acontecer de sua época. Em *Punto de Vista* a revisão do passado foi realizada tendo em vista a preocupação em manter uma distância crítica em relação às propostas e crenças do período pré-golpe. Entende-se que recuperação abrangeu diversos níveis de negação a este passado, desde a total negação das perspectivas revolucionárias presente na argumentação de Beatriz Sarlo, como o questionamento da “*teoría de los dos demonios*” realizado por Raul Beceyro. Assim, priorizaram-se as reflexões centradas em torno da transição de uma ordem autoritária a uma ordem democrática.

Seria apenas na década de 1990 que a esquerda começou a produzir trabalhos críticos procurando entender a história dos anos por ela considerado chave, de 1960 e 1970. As obras de Oscar Terán e de Sílvia Sigal²⁷⁷ podem ser citadas como exemplos de tentativas de reconstrução de uma história das ideias e de recomposição dos fragmentos que compunham o espaço político-intelectual. Isto não quer dizer que os autores não tenham enfrentado dificuldades pela relação com o objeto estudado. Enfim, o que se percebe nestes

²⁷⁶ Ibidem, p.218.

²⁷⁷ SIGAL, Sílvia; TERÁN, Oscar. “Los intelectuales frente a la política.” **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano XV, nº 42, abr. 1992.

livros a tentativa de recuperação das representações nas quais os intelectuais construíram sua concepção de política e basearam suas ações. Diferentemente das análises realizadas na transição democrática, que ao serem interpretadas, parecem que sofrem com as exigências e demandas da sociedade. A história em tal perspectiva se converteria em guia, serviria de instrumento para evitar erros e repetições. Sua função, como foi pontuado em *Historia do passado recente*, seria de reconciliar, culpar e inocentar, normalizar e identificar exceções. Inclusive, esta foi a perspectiva considerada nas análises realizadas do discurso histórico publicado em *Punto de Vista*.

Deste modo, os ensaios de *Punto de Vista* mostraram uma contradição, e aqui não se trata de evidenciar ou de aludir a uma perda de características verdadeiras da esquerda, ao somar um passado negado ao presente. A finalidade dessas reflexões também não foi de hierarquizar os saberes e suas práticas como métodos mais ou menos eficazes para a reflexão da história imediata. O intuito foi refletir se este passado revolucionário que não foi negado até o final e que se articulou com o presente democrático – através do *posibilismo*²⁷⁸, com a busca de alternativas para os problemas da sociedade a partir das oportunidades que oferecia a ação política – atuou como uma estratégia de conciliação e de estancamento da discussão sobre este passado.

²⁷⁸ O “*posibilismo*” é um conceito usado por alguns críticos da esquerda argentina para explicar a política que se estavam fazendo durante os anos 80 – uma política do possível – onde a se fazia o que era possível, experimentando as possibilidades. José Luís de Diego usa o conceito em seu artigo, já citado, “La transición democrática: intelectuales y escritores” para falar a respeito da crítica ao intelectual comprometido.

Capítulo 4 – O papel da história na revista *Punto de Vista*: miríade de referências

“Porque crítica só existe se vinculada à história, se seus objetos forem reconhecidos em sua historicidade, rompendo a barreira burocrática dos procedimentos metodológicos e alcançando uma atitude crítica perante a vida e os homens, perante as temporalidades e sua relação instável.”

Júlio Pimentel Pinto

Uma característica que perpassou toda a publicação de *Punto de Vista* foi o interesse pelas formas possíveis de narrar a história argentina. A constatação parte do pressuposto que a crítica da produção cultural argentina – dos diferentes objetos culturais – era realizada produzindo como resultado análises e releituras do passado coletivo. Para manter este caráter distintivo, seus responsáveis continuaram sustentando, até o fim, o título que a definia como “*Punto de Vista. Revista de Cultura*”. A caracterização significava a ampliação dos limites e alcances do discurso crítico, localizava o alvo de suas ações e tinha a pretensão de produzir uma crítica política da cultura.²⁷⁹ E como a crítica cultural na revista também era concebida como uma prática enlaçada com a história cultural do país, a análise aqui explanada concebeu a escrita da história – difundida por meio do impresso – como um modo privilegiado de fazer política. Portanto, um dos questionamentos surgidos se refere aos usos políticos na abordagem da história. O esforço interpretativo, neste momento, concentrou-se em discutir como a produção do discurso histórico de um determinado momento foi o meio pelo qual a revista participou das disputas pelo passado.

Punto de Vista nasceu com a proposta de ser um meio de reflexão político e cultural, como resposta a um dado momento: a asfixia predominante nos anos cujo programa repressivo dos militares era vigente. Em seu projeto constava a vontade de se tornar uma alternativa onde se pudesse desenvolver a prática intelectual para a esquerda argentina, já que estes intelectuais haviam sido expulsos dos circuitos acadêmicos. Eles não contavam mais com referências partidárias e se encontravam carentes de espaços abertos

²⁷⁹ Neste ponto, estamos retomando a discussão realizada ao longo da dissertação que considerou que o discurso crítico localizado em *Punto de Vista* visava uma intervenção no campo cultural e político, inclusive pensava tais esferas vinculadas, sendo o intelectual perpassado pela tensão criada a partir do intenso relacionamento.

onde pudessem atuar na sociedade através de suas opiniões. Na luta contra a ditadura militar utilizaram, como principal arma, a democratização cultural. O grupo constituiu-se como oposição ao discurso hegemônico ao trabalhar problemáticas culturais a partir de novas abordagens teóricas e metodológicas. Neste contexto, contra o silenciamento que lhes era imposto, o discurso histórico, assim como o literário e o da crítica cultural, se tornavam vozes que romperam com o monopólio da palavra estatal.²⁸⁰

Ao longo de sua prolongada vida, a revista continuou dando respostas às diferentes circunstâncias do seu país, da América e do mundo.²⁸¹ O presente estudo, centrando-se na relação entre este espaço discursivo e as transformações políticas da sociedade argentina, longe de propor uma análise dos trinta anos de publicação, ressaltou o diálogo com a etapa posterior à ditadura, período que compreende os anos de 1983 a 1989. Tampouco, tratou de estabelecer uma relação de causalidade entre a conjuntura política do país e a trajetória do periódico. Afinal, reconheceu-se um grau de autonomia presente nas escolhas de suas pautas e em suas estratégias de intervenção nos debates políticos, estéticos e teóricos do campo cultural. Em resumo, foram mapeados os debates presentes nas páginas da revista com o processo de transição e consolidação da democracia no país, com o intuito de perceber se em uma cena política e cultural diferente, o projeto intelectual também sofreu modificações.

A opção pela defesa da democracia foi clara em *Punto de Vista*. Ficou registrado, nos discursos programáticos de seus editoriais –sejam nos artigos assinados pelos membros do Conselho de direção ou por seus colaboradores – o compromisso que esta intelectualidade de esquerda assumiu com o processo de democratização. Junto com a redefinição do papel do intelectual, foi explicitado o desejo em contribuir com o propósito de reconstrução de uma cultura política democrática. Tarefa levada a diante por meio da reflexão sobre a questão democrática e da revisão crítica dos ideais da esquerda, que incluiu

²⁸⁰OLMOS, Ana Cecilia. “Intelectuales, instituciones, tradiciones: Punto de Vista y Novos Estudios”. In: **Territorios intelectuales**. Pensamiento y cultura en América Latina. Javier Lasarte, coord. Caracas: La Nave Va, 2001. p 78.

²⁸¹ Em vários números, *Punto de Vista* se mostrou preocupada com a situação e os problemas da América Latina. Em seus primeiros exemplares defendeu a constituição de um corpus teórico-metodológico para a crítica literária latino-americana e sempre estabeleceu um diálogo com o que acontecia com os rumos da prática intelectual fora do país. A título de exemplo, quando começaram os anos 2000, publicou o números dedicados a situação da guerra do Golfo e as eleições do Lula no Brasil.

o esforço em pensar aproximações do socialismo com a democracia. Paralelo a estes núcleos temáticos, se construiu uma memória do passado recente vinculada à problemática das políticas contra o esquecimento dos traumas vividos na sociedade argentina.

Com o retorno da democracia o tema político, antes apresentado em “*lenguaje esópico*”²⁸², ganhou um espaço específico junto aos discursos culturais – história, literatura, crítica cultural – que já caracterizavam a publicação. A mudança expressava uma reformulação do projeto intelectual e da própria sintaxe da revista²⁸³, definia também novos contornos na relação entre os campos da política e da cultura e apresentava outra maneira de intervenção na esfera pública argentina. Pode-se compreender essa transformação como um esforço desse grupo intelectual em pensar novas formas de fazer política a partir da esfera cultural. “*Reconstrucción*”²⁸⁴ foi a palavra que definiu a nova fase do projeto de *Punto de Vista*. Em torno deste projeto se agregaram intelectuais que acreditavam em uma participação ativa na reconstrução da democracia, por meio da reflexão dos aspectos fundamentais da cultura argentina, colaborando, por sua vez, para a transformação da cultura política existente até então na sociedade.

Cultura: conceito importante ou posicionamento intelectual?

A fala do escritor argentino Júlio Cortázar na conferência intitulada “*A literatura latino-americana à luz da história contemporânea*”, ministrada no Barnard College, pode ajudar a compreender a polêmica em torno das questões que problematizavam a responsabilidade do intelectual para com sua sociedade e os rearranjos na relação entre a cultura e política. Ao discorrer sobre a figura do “escritor comprometido”, Cortázar defendia que o comprometimento não residiria na dedicação exclusiva à causa da militância. Os escritores poderiam expressar “*o que sua invenção, sua fantasia e sua liberdade criativa os faz escrever com a mais completa independência*

²⁸²MERCADER, Sofia; GARCÍA Diego. Entrevista a Beatriz Sarlo: Tozuda modernidad Disponível online: <http://artepolitica.com/articulos/entrevista-a-beatriz-sarlo/> Acessado em: 15/10/2013

²⁸³SARLO, Beatriz .Intelectuales y revistas: razones de una práctica, In: **America, Cahiers du CRICCAL**, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992, p. 12.

²⁸⁴ Podemos encontrar a referência a “*reconstrução*” da sociedade, nos editoriais já citados, publicados no número 17 e 19.

temática”. Em outras palavras, a literatura não precisava estar submetida ao compromisso, à sua “*plena responsabilidade histórica, a solidariedade com as lutas legítimas dos seus povos*” poderiam ser defendidas paralelamente. O apoio aos “*valores positivos*” ou à denúncia do que considera “*negativo*” em sua sociedade poderia ser realizado em sua atitude pessoal.²⁸⁵ E a ação revolucionária estaria ligada à produção de obras literárias criadas com novos elementos intelectuais e estéticos, que enriquecesse por todos os meios a noção de realidade do leitor.²⁸⁶

A lógica exposta se inseria no panorama das avaliações da esquerda latino-americana em relação ao horizonte revolucionário que guiou a reflexão intelectual e a prática política na década de 1970. Contudo, o mais interessante é o fato de que expunha outra forma de pensar sobre a cultura a partir da política, vinculada à produção dos bens culturais e ao seus produtores: os escritores, artistas e intelectuais. A questão da autonomia dos discursos também perpassa esta noção que passou a ser a chave do vínculo entre a crítica cultural e a prática política em *Punto de Vista*. Desde o período da ditadura militar o “fazer” cultura se tornou importante nos debates intelectuais promovidos por este núcleo de intelectuais. A partir da transição à democracia, produzir ensaios e estudos sobre aspectos da cultura argentina foi a forma encontrada para pensar a sociedade argentina e realizar uma intervenção política a partir da cultura. Em dimensões alargadas, a criação da revista era a manifestação de um projeto que também se desdobrava em política cultural²⁸⁷, cuja finalidade era promover o desenvolvimento cultural na Argentina e ajudar a conformar um espaço público de debates.

Muitas reflexões sobre os primeiros anos do retorno da democracia tentam representar o sentido que os laços entre o político e o cultural assumiram a partir do período. Maristella Svampa, uma pensadora com senso aguçado na análise da realidade argentina atual, destacou que a política argentina precisava da cultura para estabelecer sentidos e horizontes. A cultura, por sua vez, também se apoiava na política para delimitar

²⁸⁵CORTÁZAR, Júlio. “A literatura latino-americana à luz da história contemporânea”. In: **Obra Crítica**, volume 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp.179-192.

²⁸⁶Ibidem.

²⁸⁷ A perspectiva de que a revista *Punto de Vista* era um espaço de formulação de políticas culturais e não uma revista política, é dos intelectuais que constituíam o Conselho de Direção durante a transição democrática.

seus contornos, suas ações e atores.²⁸⁸ Hector Schmucler, referência intelectual na Argentina no campo das investigações de comunicações e dos estudos sociais da memória, ao discutir sobre os vínculos entre cultura e política, nos anos 1980, afirmou que “*la cultura argentina es, sobre todo, un proyecto. Por eso se entrelaza permanentemente con la política, que siempre incluye la voluntad de modelar algo.*”²⁸⁹ A socióloga argentina Ana Wortman, autora de numerosos artigos cujo enfoque incide em compreender a questão das políticas culturais, destacou que a estreita relação entre cultura/política e entre cultura/poder, foram eixos a partir dos quais se realizaram análises sobre o lugar do intelectual e, da própria cultura.²⁹⁰

O esforço de reestabelecer os vínculos entre o “*pensar*” e o “*acontecimiento*”²⁹¹, apareceu em *Punto de Vista* em diversas ocasiões desde 1978. Frente à perseguição dos militares que atingiu fortemente o campo cultural – a censura, o exílio, as mortes, as prisões – urgia para o grupo fundador do periódico a necessidade de dar lugar à cultura, neste contexto entendida como produção cultural. Em 1983, “*las reconstrucciones de la cultura argentina*” deveriam ser realizadas em dois níveis: no material e no ideológico. O desafio encarado por estes intelectuais consistia em participar com suas ideias da democratização da cultura.²⁹² O discurso buscava desenhar a revista como um espaço de crítica e, sobretudo, de debate; dando a ver os intelectuais como protagonistas de um processo de criação de políticas culturais.²⁹³ A problemática era esboçada deixando em

²⁸⁸ Maristella Svampa é socióloga e tem se dedicado a estudos dos movimentos sociais, como o movimiento piqueteiro. Em seus livros, artigos e entrevistas publicados em jornais e revistas, sua produção aparece enlaçada com seu compromisso político. É uma das principais entusiasta do grupo intelectual *Plataforma 2012*, fortemente crítico ao governo kichinerista. É investigadora do Conicet da Argentina, professora da Universidad Nacional de La Plata (Unlp) e diretora do Programa de Estudios Críticos del Desarrollo (pecs). Svampa desenvolve o argumento acima destacado em: SVAMPA, Maristella. El dilema argentino: Civilización o barbarie. De Sarmiento al revisionismo peronista. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto.

²⁸⁹ SCHMUCLER, Héctor. Innovación de la política cultural en la Argentina. In: CALDERON, F; SANTOS, M. *¿Hacia un nuevo orden estatal en América Latina?*: Innovación cultural y actores socioculturales. Buenos Aires: CLACSO Biblioteca de Ciencias Sociales, 1989. pp 125-213.

²⁹⁰ WORTMAN, Ana. Vaivéns del campo intelectual político cultural en la Argentina. In: MATO, D. (coord.). *Estudios y otras prácticas intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder*. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002, pp.337-338.

²⁹¹ OLMOS, op. cit., 2001, p. 80.

²⁹² Editorial. *Punto de Vista*. Buenos Aires, ano VI, nº 17, abril-julho de 1983.

²⁹³ Existem várias definições para política cultural, neste trabalho compartilha-se da definição de Ana Wortman. Quando a autora alude a políticas culturais, faz referência a sua vinculação compolíticas públicas e

evidência a peculiaridade da situação, em destaque estava a tensão entre discurso das disciplinas específicas, a intervenção política e a participação na esfera pública. Sobre isso, Sarlo foi enfática:

En mi opinión, sería conveniente repensar las relaciones entre cultura, ideología y política, como relaciones gobernadas por una tensión ineliminable que es la clave de la dinámica cultural, en la medida en que cultura y política son instancias disimétricas y, por regla general, no homológicas.²⁹⁴

No caldeirão efervescente de debates que foi o período de transição à democracia parece que *Punto de Vista* se inseriu tentando dar conta de todas as questões e demandas relativas à cultura. Seus membros aceitaram a convocação do Estado democrático, que também se colocou como um ator de políticas culturais, e trabalharam para reconstruir o campo cultural-intelectual, estabelecendo princípios e referências, mapeando as áreas onde as políticas culturais deveriam atuar.²⁹⁵ Ao mesmo tempo, afirmaram a cultura como um espaço autônomo em relação à política e a tomaram como objeto de análise e discussão. No final da década de 1980 quando ocorre a primeira sucessão presidencial, o conselho de direção ressaltava o lugar da cultura como determinante:

La cuestión de la cultura no será una cuestión menor si se considera que por sus debates y sus temas han pasado muchos nudos ideológicos e históricos significativos de la Argentina de este siglo. Y a los intelectuales de izquierda cabe la responsabilidad no sólo de la defensa de un espacio sino de los principios y valores que pueden fundar una sociedad democrática y más justa de lo que hoy dejan prever los proyectos políticos en curso.²⁹⁶

em consequência na relação da cultura com o espaço público, em particular com o governo do Estado. *Punto de Vista* apesar de se manter como uma revista independente sem vinculações com instituições ou com o Estado, compartilhava ideias do programa do presidente Alfonsín: modernizar e democratizar todas as esferas da sociedade.

²⁹⁴ SARLO, Beatriz. Intelectuales: ¿escisión o mimesis? **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano VII, n° 25, dez. 1985, pp.1-6.

²⁹⁵ Para *Punto de Vista* as políticas culturais contribuiriam para gerar novos sentidos na sociedade e reestabelecer seus laços com o sistema político. Dialogando com as ideias de Bourdieu, a revista publicou uma série de artigos cuja temática era a arte, uma área da cultura onde a desigualdade social era evidente. Tendo isto em vista, abordar esta área específica e discutir sobre seu público era uma forma de fazer política cultural.

²⁹⁶ Editorial. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XII, n° 34, julho-setembro de 1989, p. 1.

A cultura aqui aparece em uma dimensão simbólica, representada como ação política que adquire um sentido determinado segundo o contexto histórico. Como se nota a questão da cultura e da política sempre foi um nó relevante a ser desvendado em *Punto de Vista*. Sua abordagem era ampla, permitindo constantes redefinições e estilos de “fazer” política. Nesta ocasião, o discurso ainda afirmava um traço marcante e distintivo da revista, que foi presente em toda a década de 1980 e definiu a intervenção de seus intelectuais: supunha que historicamente a sociedade argentina tinha uma relação quase que inata com a cultura, como algo intrínseco, parte de sua identidade.

La formación cultural de la Argentina estuvo signada invariablemente por la presencia de fuertes voluntades políticas. Así, la cuestión cultural no parece haber sido sólo el tema de un debate académico, aunque se realizara en el marco de instituciones universitarias, sino más bien oportunidad para el despliegue de posiciones que, junto con la cultura, estaban reflexionando sobre la Argentina como nación, sobre los nexos entre estado y sociedad, sobre las relaciones de poder de las que la cultura no era sino una de sus manifestaciones.²⁹⁷

As perguntas que atravessaram estas reflexões e impunham a necessidade de balanços e revisões deste objeto, afloravam da urgência em entender os fatos associados à etapa da ditadura militar. Elas tentavam racionalizar um acerto de contas com o passado para que de fato a democracia fosse implantada no país. Logo, problematizar os elementos constitutivos da cultura argentina - e de suas áreas constitutivas, como a cultura de esquerda-, servia de base para entender como uma ditadura tão sangrenta tinha se instaurado no país, conseguido apoio de vários setores da população. Ademais, as reflexões sobre a violência e o autoritarismo traziam novas dimensões ao conceito que inspiravam construir para a nova democracia.

Carlos Altamirano escreveu no ensaio “*Algunas notas sobre nuestra cultura*” que o termo cultura expunha mais as divisões e conflitos do mundo contemporâneo do que um emprego único. Procurando compreender a respeito da formação da cultura argentina e, ao tomá-la como objeto de análise, pensou no porque ela se definia como um problema. A pergunta “o que é o ser argentino?”, era então apresentada com sua historicidade, com o intuito de mostrar o porquê dessa reflexão, em seus diferentes momentos e, também, como

²⁹⁷ Materiales de discusión: cultura nacional y cultura popular. **Punto de Vista**, ano IV, nº18, ago.1983, p.1.

foi um modo de pensar a sociedade argentina. A conclusão do intelectual era a de que a cultura era a história das sobreposições, dos elementos heterogêneos que a compunham:

Si la cultura argentina no es una esencia, sino una historia, esa historia es también la de la formación de sus constelaciones ideológicas y de sus tradiciones intelectuales, entendiendo por tales no la prolongación o la repetición de lo mismo, sino operaciones activas de construcción y reconstrucción ante los desafíos de la sociedad y ante los desafíos de las otras tradiciones, hegemónicas, residuales o emergentes. En fin, es la historia de sus transformaciones, pero asimismo la de sus obsesiones (arraigo/desarraigo de sus elites, autenticidad/inautenticidad de sus productos cultivados, provincianismo/cosmopolitismo, etc.) y de la reflexión sobre sus “males”.²⁹⁸

Dessa forma, *PuntodeVista* explicitava seus propósitos e explicava a chave de leitura que a guiou nos anos da transição à democracia. Decidiu incidir diretamente no campo da cultura, por meio da fotografia, da arte, do cinema, da literatura, da poesia e da música. Para tanto, se manteve como um espaço de novidade e desenvolvimento de perspectivas disciplinares diferenciadas cujo diálogo era realizado pela preocupação com a cultura. A sociologia da cultura e da história cultural foram então utilizadas para expandir a crítica literária até uma crítica cultural mais ampla. Em suas interpretações a preocupação principal se fazia em relação às questões da literatura argentina também em sua dimensão histórica, com a história das instituições, dos discursos e das práticas.²⁹⁹

A história aparecia como um relato que poderia se reescrever dos diferentes lugares. Neste sentido, no momento do retorno à democracia, a literatura argentina foi um local privilegiado de onde poderia se ler o passado. A partir de 1983 houve uma eclosão de livros que se preocupavam, sobretudo com a violência política dos anos anteriores, e desta forma apresentaram uma representação dessa violência. O problema de fundo que norteava os escritores era a busca por maneiras de seguir contando, diante do trauma causado pela ditadura. Dessa maneira, um dos debates realizados nas páginas de *Punto de Vista* dizia respeito à capacidade que a literatura tinha como uma forma de contar a história e pensar a nação. A cultura argentina era o ponto chave onde os elementos estéticos manipulados

²⁹⁸ Altamirano, Carlos. Algunas notas sobre nuestra cultura, **Punto de Vista**, ano VI, nº18, ago. 1983, p.10.

²⁹⁹ Editorial. **Punto de Vista**. ano X, nº30, julio-outubro de 1987, p.1.

pelos escritores se cruzavam com a história argentina e combinados produziam representações.³⁰⁰

No ensaio intitulado “*Literatura e política*” Beatriz Sarlo afirmava que o campo intelectual argentino se definia por sua modernidade, ou seja, pelas teorias importadas, os livros lidos, que atuavam como autoridades e forjavam hegemonias. A intelectual destacava assim que os narradores argentinos eram conscientes da literatura que escreviam, e buscavam constantemente formas narrativas que promettessem alcançar a reflexão que objetivavam. E se essa era uma verdade, então a sociedade poderia falar através de seus discursos, sobretudo o da literatura, e encontrar alguns sentidos na massa “*dolorosa y desordenada*” das experiências das últimas décadas.³⁰¹ Contudo, Sarlo questionava alguns pontos:

Asaltados por la historia, los escritores no eligieron hablar en nombre de ella, porque en la violencia de esta década se disolvieron algunas de las certidumbres más sólidas del pasado político reciente. En rigor, casi no podría llamarse historia a ese conjunto de fragmentos, marcados por la interrogación, que constituye la Argentina de estos años. ¿Hay en realidad una historia? Esta pregunta se repite en varios textos y pone de manifiesto la duda sobre si es posible ordenar discursivamente una realidad cuya lógica parece secreta.³⁰²

Seguindo seu raciocínio, a literatura não emergia com a restauração de uma totalidade perdida dos acontecimentos, nem mesmo, estava em condições de fornecer uma explicação. As obras literárias se fundamentavam em fragmentos de experiências, de tal maneira que levava Sarlo a afirmar que eram janelas para a história. Neste sentido, a literatura era parte de um movimento coletivo de processamento da experiência e na busca de seus sentidos.³⁰³ Seu relacionamento com a história se dava pela força com a qual esta se impunha aos discursos, que então se utilizavam dela em suas operações de construções de sentido. De acordo com Sarlo a história imantava o espaço dos discursos, pois era única reflexão possível no momento da transição. Se impunha à sociedade como uma necessidade

³⁰⁰AGUILERA, Néstor; P.KLIMOVSKY. La historia, un relato ininterrumpido: Entrevista con Beatriz Sarlo. **TRAMAS, para leer la literatura argentina**. Córdoba, ano 1997, nº6, pp.145-164.

³⁰¹ SARLO, Beatriz. Literatura y política. **Punto de Vista**, Buenos Aires, nº 19, dez. 1983, p.9.

³⁰² Ibidem, p.9.

³⁰³ Ibidem, p.10.

de aprendizado para a construção do futuro, porque tinha acabado com as certezas que iluminaram os anos anteriores.³⁰⁴

Em outros momentos os discursos construídos para *Punto de Vista*, ressaltavam essa força da história. Em “*Clio revisitada*” a intelectual reclamou das redefinições permanentes do discurso e do objeto da história da cultura, da literatura e da arte. Na pergunta limite colocada por Hayden White – “*por qué el arte tiene una historia?*”³⁰⁵ – Sarlo saiu em defesa da relação entre os universos heterogêneos, advogando pelo renascimento da perspectiva histórica na crítica cultural. Para a autora a crítica literária ou cultural, assim como a história, teceria tramas. Contudo, na própria ideia de trama residiria o problema: “*en las tramas los hilos se juntan y se separan, hay puntos de condensación donde todo parece estar presente, donde la historia que la trama intenta contar da la impresión de ser el lugar de confluencia de una cantidad de historias que, tiempo después, quizás vuelvan a separarse*”.³⁰⁶ Por este motivo, nenhuma disciplina que tivesse como objeto a cultura poderia buscar um caminho único para sua reflexão.

Punto de Vista analisou episódios considerados portas de entrada na cultura argentina, buscou processos históricos que iluminam zonas deste universo heterogêneo, que ajudam a refletir não apenas sobre o passado, mas também sobre o presente político. Ao longo da história, estes fragmentos contaram com uma grande produtividade política e intelectual, por possibilitarem reativações e serem usados na legitimação de uma nova ordem. São construções que se encontram na intersecção do campo político e da esfera intelectual e por isso são consideradas difíceis de serem desvendadas. As releituras buscavam no passado as respostas para as posições atuais.³⁰⁷ Logo, nesta fase de revalorização da democracia, visando implantar um modo de vida democrático, mesmo que não de forma explícita o discurso histórico era a principal escolha deste grupo. O debate de tópicos da história das ideias e da história intelectual foram maneiras de visitar a história da cultura argentina. Uma tentativa de entender o sentimento e o mal estar histórico da

³⁰⁴ Ibidem, p.10.

³⁰⁵ SARLO, Beatriz. “Clio revisitada”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, n° 28, nov. 1986, p.23.

³⁰⁶ Ibidem, p.25.

³⁰⁷ PATIÑO, Roxana. **Intelectuales en transición**: las revistas culturales argentinas (1981-1987). São Paulo: Depto. De Letras Modernas/FFLCH/USP, 1997, p.16.

sociedade; um meio para a compreensão das ideias e ideologias, nas quais gerações passadas projetaram e pensaram o curso do país.³⁰⁸

A força da história ou como a história marca a crítica cultural³⁰⁹

Mesmo sem um conhecimento aprofundado das questões e temas difundidos em *Punto de Vista*, com uma leitura dos títulos dos ensaios e das resenhas, presentes nos índices, foi possível identificar que a história parece ter emergido como problema no panorama das ciências humanas, neste meio intelectual argentino. A análise das reflexões publicadas reiterou a desconfiança por um renovado interesse ou mesmo obsessão pelo passado. A evidência da paixão pela história abriu possibilidades para problematizar as iniciativas da reconstrução do passado no periódico, assim como permitiu a discussão relativa às formas e sentidos que elas mesmas podem adquirir.

Antes de discutir a respeito da maneira como o relato histórico foi pensado em *Punto de Vista*, é oportuno trazer para a discussão as considerações de Hugo Vezzetti sobre os problemas e perspectivas da história como disciplina que possibilita o conhecimento de uma cultura em sua especificidade, nas diferentes formas que esta possa assumir, reconhecendo suas noções, representações e práticas. A relevância para o debate se deve ao fato de ser o único ensaio preocupado em caracterizar e problematizar o porquê do uso da história para trabalhar com áreas da cultura e sobre a importância de historicizar campos disciplinares das ciências humanas. A argumentação de Vezzetti se desenrola na tentativa de responder a pergunta: “¿Por qué, hoy, la historia?” E a resposta dada, foi encontrada na própria especificidade do discurso histórico e da situação vivida no país na década de 1980. No que se refere à conjuntura, foi destacado que os períodos de crises, sejam eles relativos à paradigmas, à pertencimento ou à identidade, eram os motivos mais frequentes que impulsionam as revisões do passado. Tendo isto em vista, pode-se pensar que a crise do marxismo e o questionamento da identidade política da esquerda argentina – que assumia responsabilidades perante a sociedade com o golpe militar –, foram elementos que

³⁰⁸ Editorial. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano X, n° 30, julho-outubro de 1987, p.2.

³⁰⁹ O título alude a umas das reflexões apresentadas na própria revista em relação a força da história em todos os campos discursivos da sociedade, veiculada no número 19.

colaboraram para que o discurso histórico fosse abraçado pelo campo intelectual com tanto vigor. Outro fator diz respeito à ruptura causada pela ditadura militar, considerada pelos argentinos um processo traumático, que apontou para a necessidade de restaurar laços sociais. A própria reconstrução da democracia e suas incertezas fizeram com que o retorno ao passado se tornasse essencial.

Logo, se diante da situação argentina as revisões do passado eram necessárias, era a história a disciplina responsável pelo passado. A afirmação parece óbvia e simplista, porém Vezzetti a discutiu destacando as regras próprias da disciplina e explicando como ela também poderia ser um terreno de imaginação e experimentação. Depois de percorrer os vários sentidos que a palavra história podia aludir, o intelectual a definiu como “*disciplina de conocimiento*”, caracterizada por apresentar seus resultados em forma “*escrita*”, mediante a seleção e interpretação de “*documentos*”; relativos aos “*hechos*”, analisados pelo investigador; que, para explicá-los se utiliza de um marco conceitual.³¹⁰ Se o termo enunciava o resultado de uma “*investigación y a la serie de acontecimientos del pasado que se investiga*”, era imprescindível destacar que a “*realidade historica*” era uma construção possível por causa das operações dessa sua ciência. O passado, nesta perspectiva, se tornava um campo de conflitos e sua produção estava sujeita à interesses, crenças e identidades de um grupo ou setores da sociedade. Como existiriam diversos atores sociais, havia “*también más de un pasado*”.³¹¹

Deste modo, era afirmada a existência de mais de uma forma de recuperação do passado e conseqüentemente, a pluralidade de construções que se poderia alcançar. Usando como referências Lucien Febvre, Michel de Certeau, Michel Foucault e Paul Veyne, a história era explicada através da relação entre a sua prática e seu discurso.³¹² Sendo que este, sinônimo de relato próprio da disciplina, era marcado pelos sentidos que o investigador lhe conferia. Assim, a partir do ensaio foi se desenhando uma forma de fazer história e se revelaram alguns elementos considerados importantes para esta atividade.

³¹⁰VEZZETTI, Hugo. Problemas y perspectivas de una historia de la psicología en la Argentina. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano X, n. 30, jul-out. 1987, pp.9-13, p.10.

³¹¹ Ibidem.

³¹² CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 5.

A evocação de uma história-problema expunha a pretensão de um discurso que não se limitava a narrar os fatos ou expor informações de maneira descritiva. Ressaltava-se a importância de uma atividade de produção de sentidos através de análises parciais, que não seriam meras reconstituições do passado. “*Construirlo*” não seria possível sem problemas e motivações da época própria do investigador. O fato de que toda a investigação do passado se fazia a partir de um presente, na formulação de perguntas possíveis servia não apenas “*para ver en ello la condición de esa pluralidad del pasado, sino porque en ese encuentro se abre la alternativa de un futuro diferente*”.³¹³ Portanto, para o investigador preocupado em produzir uma “história crítica” estes eram os princípios organizadores de sua escrita. Como o conjunto de premissas contido em cada ensaio, pensado a partir da específica formação dos indivíduos que os produziam, torna uma revista cultural um “*texto coletivo*”³¹⁴, pode-se afirmar que *Punto de Vista* procurava se diferenciar do tipo de escrita da história caracterizada pelo “*conformismo sacralizador de las hegemonias presentes*”.³¹⁵

Ainda sobre considerações de Vezzetti sobre a prática e o discurso da história, cabe ressaltar a afirmação, inspirada nas palavras de Paul Veyne, de que umas das particularidades do saber histórico era “*situarse en el terreno de ese conocimiento desinteresado*”.³¹⁶ Com isso, se partilhava da ideia de uma escrita da história orientada, acima de tudo, pela curiosidade e pela vontade de saber. O prazer como critério era o gesto ousado resgatado de Veyne; servia para mostrar como a história não precisava estar a serviço de doutrinas ou instituições, sendo elas acadêmicas ou estatais.³¹⁷ Nota-se que em nenhum momento do texto a palavra historiador foi usada para se referir ao pesquisador preocupado com a reconstrução do passado. Fato este, que pode indicar uma crítica direcionada à ideia de uma história cientificista.

³¹³VEZZETTI, Op. Cit., 1987, p.10.

³¹⁴ A perspectiva de que as publicações periódicas se constituem como textos coletivos, capazes de conectar o presente com as principais discussões do campo intelectual de uma época, e também com os modos de legitimação de novas práticas políticas e culturais é desenvolvida em: BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, ano 8, nº 20, março de 2003, p.112.

³¹⁵VEZZETTI, Op. Cit., 1987, p.10.

³¹⁶ Ibidem.

³¹⁷ Ibidem.

No entanto, estas últimas reflexões parecem ser contrapostas ao resto da argumentação, que apelava para métodos e princípios historiográficos. A dupla tomada de posição não parecia ser fruto de incoerências, pelo contrário, apontava para a construção do discurso histórico também como atividade intelectual. Perspectiva que reafirmava a revista como cultural, sem pretensões de interferir teórica e metodologicamente no debate historiográfico argentino.³¹⁸ E consolidava a prática da crítica cultural realizada por seu coletivo intelectual, já que apenas uma das integrantes do conselho de direção era historiadora. A intenção não foi mapear a partir do que foi publicado em *Punto de Vista* o enfoque que adotaram os historiadores profissionais³¹⁹ e diferenciar do enfoque assumido pelos estudiosos literários ou culturais. O propósito foi discutir como a partir de uma ideia de escrita, a história se tornou o discurso principal na revista, onde o passado se enlaçava com o presente, e com o futuro.

A interpretação deste ensaio, não buscou apresentar a visão de Vezzetti como voz oficial de *Punto de Vista* sobre a forma de se fazer história. Tanto porque o texto pode ser lido como uma base teórica do “pra que serve a História”, pois na prática a revista não estaria refletindo sobre o ofício do historiador, ou sobre a disciplina. Na revista outros foram os ensaios que levaram questões relativas ao domínio da história, que era mostrado como um domínio amplo, não dominado apenas pelos especialistas, mas também pelos cidadãos. Pode-se inferir que a escrita da história entra na série de práticas que o intelectual de esquerda deveria realizar para atuar em sua sociedade.

A incorporação de Hilda Sabato em 1982 estava entre os fatores que levaram o projeto cultural de *Punto de Vista* a se identificar com os problemas históricos da cultura e da política. Sua entrada no Conselho de direção, além de ter relação com o encontro de Sarlo, Altamirano, Gramuglio e Vezzetti com o grupo em torno do *Programa de Estudios*

³¹⁸ Neste ponto, a ideia de Sarlo que definiu uma revista cultural e literária como banco de provas se adequava bem a questão. Durante os anos 80 este coletivo de intelectuais usou a revista como um espaço de prática reflexiva e ensaística nas áreas da história, o que fez com que eles se tornassem referências no campo da história intelectual e nos estudos sobre história e memória.

³¹⁹ A revista contou com a colaboração de Tulio Donghi Halperin e Luis Alberto Romero.

de Historia Económica y Social Americana(PEHESA)³²⁰e as afinidades referentes à Guerra das Malvinas, já mencionados anteriormente, refletia a necessidade de ter dentro do periódico um historiador de profissão. Apesar de todos já trabalharem desenvolvendo perspectivas na história da literatura, do pensamento, da psicologia, Sabato agregou sua bagagem específica da disciplina as reflexões do coletivo intelectual. Mesmo utilizando uma escrita ensaística e não acadêmica, livre a respeito das possibilidades do que queria dizer e da forma como se dizia, colaborou para a discussão e difusão dos debates acerca da história intelectual ou das ideias. Discutindo sobre qual história reconstruir e de que modo fazê-la, suas considerações podem ser lidas nas resenhas de livros, cujos temas se relacionavam com esses campos historiográficos.

O espaço crítico permitiu a participação nas discussões mais gerais sobre o próprio objeto da história intelectual e das ideias, apresentando diversos enfoques, temáticas e metodologias das vertentes que tentavam definir o campo.³²¹ Mapeou um universo denso de controvérsias, mas também procurou inserir sua perspectiva. Acreditava que para a historiografia argentina, a história do pensamento político poderia ocupar um lugar central na renovação das problemáticas de uma história tradicional das ideias. Deste modo, os pontos de vista de Robert Darton, Quentin Skinner, Dominick LaCapra, eram as referências, pois refletiam não apenas no que pensavam indivíduos em um determinado período, mas em como pensavam. Ajudaram a pensar em novas formas de se olhar para os textos, de inscrevê-los em discursos e vinculá-los aos seus contextos.³²² As análises dos compatriotas Oscar Terán e Tulio Halperín Donghi foram exemplos de trabalhos inovadores que Sabato reconhecia como o tratamento das fontes, referentes ao pensamento

³²⁰ PEHESA era um grupo de estudos que tinha financiamento privado, criado durante a ditadura militar. Seu integrantes era: Ricardo González, Leandro H. Gutiérrez, Hilda Sabato, Juan Carlos Korol, Luis Alberto Romero y Miriam Trumpes.

³²¹ A tentativa de definir um campo era expressada pela defesa do termos: intellectual history, historia de las ideas, historia de la cultura, historia social de la cultura, historie das mentalités. A polémica foi trabalha nos ensaios de Hilda Sabato: “Historia intelectual y sus limites” publicado no nº28; “Dos perspectivas sobre la tradición republicana” publicado no nº24; em uma resenha sobre o livro de Oscar Terán sobre Anibal Ponce, presente no nº20; “De la biografia como forma de historia” publicado no nº26.

³²² Outros também são identificados como aportes essenciais que modificaram a prática da história intelectual: O texto de Hayden White é citado como exemplo de como os historiadores tentaram resolver as problemáticas do campo. Nele é celebrada a aparição de autores como Benjamin, Gadamer, Ricoeur, Habermas, Foucault e Derrida, Barthes e possivelmente Austin. Em, SABATO, Hilda. “La historia intelectual y sus limites”, **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IX, nº 28, abril de 1986 pp27-31.

argentino do século XIX, traziam versões do passado que contribuía para as expectativas do futuro.³²³ Sua produção em *Punto de Vista* também pode ser localizada na trilha das reflexões que buscavam um modo de entender a história do país.

Me pregunto sin embargo, si el mundo de las ideas no puede leerse también desde la acción, pues estos hombres no solamente construyeron sus propuestas a partir de las fuentes letradas o de los accidentados golpes de la práctica, sino sobre todo desde su voluntad de poder, participando en las apasionadas luchas políticas de un país en construcción.³²⁴

Nota-se a preocupação em compreender melhor a cultura argentina, especificamente a intelectual em suas articulações entre prática e teoria. As análises da historiadora visavam a produção de uma história das ideias renovada, que pudesse se apresentar ao pesquisador como alternativa para entender a tradição republicana argentina. Diante do período traumático causado pelo autoritarismo, Sabato se propôs a questionar a noção de nação, refletindo sobre as possibilidades de construção de uma sociedade pluralista.³²⁵ Neste sentido, seus trabalhos estavam em consonância com a produção historiográfica na Argentina dos anos 80 e 90, que trabalhou de diferentes maneiras para atender a um campo específico da disciplina: a história intelectual, dentro do qual se destacava a problemática da cidadania.

A irrupção da questão nacional se vinculava aos problemas políticos da transição, à afirmação de seus valores e instituições. Na reflexão sobre a história nacional o ano de 1930 se definia para estes investigadores como um divisor de águas. Logo, esta também foi a periodização privilegiada nas interpretações publicadas em *Punto de Vista*. Os anos posteriores a 1880, principalmente o período que compreende os anos de 1918 a 1922, seriam decisivos no sentido de abrigarem a origem de muitas transformações e novidades com as quais a sociedade argentina se deparou nas décadas de 20 e 30.³²⁶ No momento da transição os ensaios de Sabato estavam vinculados a este debate, porém, a partir da perspectiva que ela chamou de “*complementária*”: a dos setores populares e sua

³²³ FLISFISCH, Angel. Hacia um realismo político distinto. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano VII, n° 24, ago.-out. 1985.

³²⁴ SABATO, Hilda. La historia en fragmentos: fragmentos para una historia. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XXIV, n° 70, ago. 2001, pp. 45-47.

³²⁵ SABATO, Hilda. Pluralismo y Nación. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XII, n° 34, jul.-set. 1989, p. 45.

³²⁶ SABATO, Hilda. La historia en fragmentos: fragmentos para una historia, pp. 45.

capacidade em gerar processos democráticos. A abordagem da cultura popular realizada levava em consideração a representação intelectual desses processos. No número 22, por exemplo, em parceria com Beatriz Sarlo, esses ensaios exploraram os limites da representação do real, analisando como uma série televisiva – *Los gringos* – veiculava uma representação do processo imigratório na sociedade argentina.³²⁷ O programa corroboraria para a consolidação de uma história oficial que não levava em consideração os marginalizados, que excluía as perspectivas dos setores populares e pintava um universo sem conflitos sociais. Em diversos outros momentos esta perspectiva apareceu em *Punto de Vista* e apontava para uma desconfiança em relação a estas representações. Tal característica que parece empurrá-los para uma revisão do passado, submeter a cultura à análise e à crítica.

O pensamento de Sabato em *Punto de Vista* se inseriu nestas muitas maneiras de pensar a relação do presente com os passados possíveis. Tanto ela, como os membros de PEHESA e Tulio Halperin Donghi (1926) tentavam, sobretudo, estabelecer um debate intelectual em um quadro de ausências de uma historiografia substancial, de preocupações, perguntas e pressupostos compartilhados.³²⁸ O discurso histórico destes intelectuais pretendia deixar para trás velhos paradigmas, explorava caminhos novos, procurava estabelecer limites e avançar em direções diversas. Em uma combinação heterodoxa de métodos, temáticas e enfoques vindos da tradição marxista e do grupo dos *Annales*, buscavam também traçar uma continuidade com a ruptura causada pelo passado imediato.³²⁹ O periódico contribuiu para a ampliação, modernização e democratização de um campo cultural hegemônico, pois instituía e divulgava agendas de debates e problemáticas, colocava em circulação textos e discursos alternativos.³³⁰

Em relação ao campo intelectual argentino, a revista estava em seu processo de consolidação, cujo resultado seria a consagração do tipo de problemáticas que veiculava. A escrita da história em *Punto de Vista* se encontrava no cruzamento de um discurso

³²⁷ SABATO, Hilda; SARLO, Beatriz. Historia y ficción. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano VII, nº22, dez. 1984, pp.6-12.

³²⁸ SABATO, Hilda. Historia e Nostalgia. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano VIII, nº 25, dez. 1985, p. 30.

³²⁹ Ibidem.

³³⁰ PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: MARQUES, R.; SOUZA, E. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, pp.459-460.

intelectual “autorizado” pela presença dos acadêmicos e na tradição ensaística, um gênero que inspirado no discurso periodista.³³¹ Tendo como prioridade a qualidade intelectual, desenvolveram uma escrita criativa que percorria estas diversas zonas. Entendendo-se por zonas, também, o cruzamento de disciplinas e a perspectiva influenciada, sobretudo, pelo campo dos “*Cultural Studies*”.³³² Lembrando que foi por meio das leituras de Sarlo e Altamirano que o grupo compartilhou – e o campo intelectual argentino teve contato pela primeira vez com as teorias difundidas por esta corrente -, principalmente os paradigmas postulados por Raymond Williams e Richard Hoggart.

Primeiro, a assimilação das tendências dos “*Cultural studies*” ampliava os horizontes da crítica cultural e literária e dessa forma, abria espaço para uma nova atividade crítica, cuja definição prática era complicada. Sobre Williams e Hoggart foi afirmado:

No son sociólogos de la cultura solamente, ni tampoco historiadores y críticos sin más. Ambos, a lo largo de obras ya constituidas (Williams nació en 1921 y Hoggart en 1918, hijos de familias obreras), se ocupan de historia de las ideas, historia cultural, sociología de la cultura popular y de los medios de comunicación, literatura.³³³

Sob tal visão o grupo de *Punto de Vista* se amparava e fugia do perfil do acadêmico especialista em apenas um campo do saber. Ou em outras palavras, a perspectiva permitia um trabalho de articulação entre a história das ideias, a sociologia da cultura, a crítica literária e a psicanálise. A suspensão das barreiras rígidas disciplinares era o que também permitia a escrita crítica e conseqüentemente a diferenciação do coletivo dentro do campo intelectual.

Em segundo lugar, pode-se afirmar que ambos desempenharam um papel importante na opção pela valorização da dimensão histórica adotada na análise da cultura.

³³¹Ibidem, p. 461; sobre o ensaio ver: RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX*. México: FCE, 2003.

³³² Frederic Jameson afirmou que os “Estudos Culturais” eram mais uma aspiração de um projeto de política cultural inserido em âmbito acadêmico. Segundo ele, sua definição não é tão importante como sua finalidade intelectual de elaborar uma análise para a cultura. Seu surgimento se relaciona a insatisfação em respeito a outras disciplinas, em relação aos conteúdos e também as limitações destas. Sendo assim, se definiria pelo estabelecimento de diálogos com estas disciplinas.

³³³SARLO, Beatriz. Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano II, n° 6, jul. 1979, p.9.

Atuaram como alternativas nas quais se fundou as bases do programa intelectual e das políticas culturais de *Punto de Vista*.

No pienso que pueda trabajarse con la cultura sin la dimensión y la evidencia históricas. El historicismo ha sido abundantemente criticado, pero no creo que estas críticas aborden a la historia tal como yo la entiendo. Desde mi punto de vista, es casi imposible la comprensión de áreas claves como cultura o literatura careciendo de una conciencia histórica de sus significados.³³⁴

Nesta fala de Williams, *Punto de Vista* definiria o lugar de onde iria intervir na cultura e na política. Nesta perspectiva, a cultura era concebida como uma atividade humana permanente através dos séculos, definida então pela sua história, o que justificaria a posição “historicista” do investigador preocupado com este objeto. A partir também das ideias de Hoggart foi defendida uma amplificação do termo cultura. Estabelecendo-se possibilidades de reflexão em relação à cultura dos grupos sociais e, em sua dimensão política, entendendo de que maneira os setores populares questionavam a ordem social ou partilhavam das relações de poder.³³⁵

Diante destas apropriações, abriu-se a possibilidade de inserir a discussão sobre as escolhas epistemológicas e metodológicas apresentadas em *Punto de Vista*, no contexto de desenvolvimento dos “*Estudios Culturales Latinoamericanos*”. O campo foi formado a partir da combinação dos “*Cultural Studies*” em suas duas vertentes – inglesa e americana - do estruturalismo francês, das filosofias pós-estruturalistas e pós-modernas, da Escola de Frankfurt, da sociologia da cultura, da semiótica e de perspectivas feministas e marxista.³³⁶ Apesar de manterem diálogo com várias escolas de pensamento, os estudos da cultura na América Latina também sofreram críticas por causa da dificuldade de definição, causada por essa grande mescla. Segundo Alicia Ríos, especialista na interpretação de ensaios e romances publicados durante o século XIX na América Latina, o campo também produziu seu próprio objeto de análise e se ocupou fundamentalmente “*de la procucción simbólica*

³³⁴Foi destacado que a história literária e cultural abordada por Williams se dava a partir de algumas chaves: cultura e democracia, massas e indústria, contraposição entre campo e cidade, organicidade, tradição, continuidade e contradição. Conceitos que podem ser identificados facilmente nos artigos de *Punto de Vista*. SARLO, Beatriz. Op. Cit., 1979, p.10

³³⁵Ibidem., p.16

³³⁶RÍOS, Alicia. Los Estudios Culturales y el estudio de la cultura em América Latina. In: MATO, Daniel (coord.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder**. Caracas: Consejo latinoamericano de ciencias sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002.

de la realidad social latinoamericana, tanto en su materialidad, como en sus producciones y procesos".³³⁷ Portanto, tudo que era possível ser lido como um texto cultural – a arte, a literatura, a música, a televisão, as atuações sociais, as estruturas de sentimento – podia se converter em legítimos objetos de estudo.

Da mesma forma que nos “*Cultural Studies*”, não havia muita precisão em sua caracterização, apenas certos temas e aproximações metodológicas no tratamento destes. A aposta também foi feita na dissolução dos limites e das fronteiras das disciplinas, que consequentemente gerou um novo acervo de fontes, perpassado pelos campos cultural e político. De acordo com a perspectiva de Ríos, metodologicamente isto significava reflexão e autocríticas constantes por parte de seus pesquisadores, diante dos processos de investigação e também em relação à sua própria escrita.³³⁸ Contudo, mais que destacar a similaridade com a vertente inglesa, interessou ressaltar uma característica específica na qual Ríos se dedicou a compreender: diferentemente dos “*Cultural Studies*”, os “*Estudios Culturales Latinoamericanos*” não representariam uma ruptura epistemológica com respeito ao que se fazia antes, seriam uma continuidade do desenvolvimento da crítica latino-americana.

Me interesa mostrar cómo la larga e importante tradición del ensayo de ideas en América Latina está atravesada, a todo lo largo de su historia, por ciertos ejes temáticos y posiciones enunciativas que marcan todavía hoy muchas de las preocupaciones de su pensamiento crítico: la cuestión nacional y continental, lo rural y la ciudad, la tradición versus la modernidad (o esta última versus la posmodernidad), la memoria y la identidad, los sujetos y sus ciudadanías y, principalmente, el papel de los intelectuales y las instituciones en sus formaciones discursivas y en las prácticas sociales, culturales y políticas.³³⁹

Seguindo a argumentação, Ríos ainda destacou que outro elemento pertencente aos estudos culturais na América Latina é a preocupação com temas do século XIX e da primeira metade do século XX. Os motivos pertenceriam, precisamente, à tradição ensaística. Seria a herança deste tipo de escrita que obrigava os intelectuais a olhar para o passado, revisar as maneiras que seus antecessores pensaram os problemas e a identidade nacional, pra então buscar as respostas - ou problematizar além de suas reflexões – para sua

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ Ibidem.

³³⁹ Ibidem.

contemporaneidade.³⁴⁰ Se os “*Estudios Culturales Latinoamericanos*” constituem uma continuidade por causa da tradição ensaística, ao utilizarmos tal pressuposto para analisar a escrita da história – a valorização da dimensão histórica – em *Punto de Vista*, foi importante recair a reflexão sobre o conceito de tradição seletiva de Raymond Williams.³⁴¹

Durante a primeira fase da publicação seu grupo se adequou a uma genealogia, para em seguida abandoná-la e focar em um processo de diferenciação no campo cultural argentino, através da criação e difusão de políticas culturais. Neste percurso, ao mesmo tempo em que era negado um discurso dominante, se afirmavam elementos compartilhados pela cultura letrada do país, com o intuito de ligar este passado ao presente para legitimar assim sua posição no campo intelectual. A continuidade não era estabelecida, pois, segundo a perspectiva de Williams as noções de emergente e residual permitiam aos intelectuais irem contra o discurso hegemônico e concomitantemente apresentarem novos elementos condizentes com sua atualidade.³⁴²

Em suma, interessou destacar também neste trabalho como as noções incorporadas dos arcabouços teórico-metodológicos importados foram utilizadas pelo grupo não apenas em suas análises, mas também como estratégias intelectuais. Como perspectiva teórica permitiu problematizar a cultura em sua historicidade. Como estratégia intelectual possibilitou a junção de elementos aparentemente contraditórios em seu projeto cultural.

Beatriz Sarlo fez considerações que dialogam com este debate. Explicou quando escreveu o livro “*Modernidade Periférica*”, sobre a existência na Argentina de uma tradição em pensar e realizar a crítica aos problemas da sociedade através do discurso histórico. Afirmou que em muitos textos, escritos por intelectuais argentinos no início do século XX, era recorrente o uso das formas de explicação histórica. Não eram textos de história, mas nas preocupações destes escritores a história era central. Em um momento, considerado como crítico, a explicação histórica era “*um principio de ordem intelectual e uma hierarquia causal*”. Em outras palavras, o discurso histórico permitia organizar um

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ CRESPO, Regina Aída. Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da cidade do México, nos anos 1920 e 1920. Revista Iberoamericana, vol. LXX, nums. 208-209, Julio-diciembre, 2004, pp. 677-695, p. 681.

³⁴² SARLO, op.cit, 1979, p.12.

conjunto de indivíduos em uma narrativa, inclusive articulando suas relações; e permitia a organização dessa narrativa por meio de ideologias, retóricas e experiências. Segundo a autora, a presença marcante da dimensão histórica nos discursos literários e ensaísticos sobre a Argentina, residiria no fato de que a escrita da história “*coloca problemas, indaga causas, define hipóteses sobre o passado e costuma se lançar a probabilidades futuras; articula perspectivas que podem ser trágicas, irônicas ou moralizadoras; certas vezes esboça fragmentos de programas políticos*”.³⁴³ Seria neste sentido que o peso da tradição escolhida contribuiria para que se desenvolvesse na revista uma escrita da história argentina.

O último componente da conjuntura política e cultural a ser destacado diz respeito à tentativa de responder, em uma perspectiva mais geral: qual era o lugar da história na sociedade argentina? As reflexões do historiador argentino Roberto Pitalluga em relação ao campo acadêmico pós ditatorial e o desenvolvimento das perspectivas sobre uma história recente, do passado imediato, ajudaram a pensar nesta questão. Alguns fatores seriam responsáveis pela exclusão deste campo na historiografia argentina da década de 80, entre eles estavam dois principais: 1) a história dos últimos anos estaria emparelhada a uma história militante, construída a partir de um compromisso político; e 2) a concepção de que o passado deveria ser entendido a partir das implicações como presente, como se fosse uma lição a ser aprendida. Portanto, o contexto da transição à democracia não era propício para o desenvolvimento de uma historiografia – realizada ou não por historiadores – sobre o passado recente imediato.

Segundo Pitalluga no texto “*Notas sobre la historia del pasado reciente*” pode-se agregar a esta trama o fato dos estudos históricos estarem fortemente ligados ao campo político-intelectual, cujos debates giravam em torno da agenda política. Isto quer dizer que as questões que estavam sendo colocadas no espaço público influenciavam a escrita da história. Como mencionado nas análises anteriores, vindo do Estado e dos atores políticos do momento, discursos foram elaborados no pós-ditadura visando a construção de uma tradição democrática que pudesse se desligar do passado marcado pela violência política. Em paralelo foram construídas figuras centrais – militares, guerrilheiros e sociedade –

³⁴³ SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica**: Buenos Aires 1920 e 1930. CosacNaif, pp.373-375.

responsáveis ou alheias à história da violência e com papéis a desempenhar na democracia. O esforço então se deu em prol do desligamento da imbricação entre democracia e política, mediante a elaboração de uma nova cultura política democrática. Em *Punto de Vista* não foi diferente, foram buscar a tradição republicana em um período muito preciso, no qual o passado recente não tinha espaço, inclusive o peronismo não emergiu como objeto de revisão – já que os governos de Perón estavam sendo identificados com a violência política. No entanto, como o projeto político-cultural do periódico estava em constante reformulação, nota-se como seus intelectuais também foram precursores nos debates sobre a memória da ditadura.

A interpretação dos ensaios publicados na revista foi dividida em mais dois eixos. No primeiro, o intuito foi pensar em como a história estava relacionada com a atividade política do coletivo. Discutiui-se de que forma, no contexto da ditadura e no contexto da democracia, o discurso histórico apareceu no periódico como fundamental para se debater as questões colocadas pela conjuntura. No segundo tópico foram mapeados os ensaios que desenvolveram perspectivas relacionadas à história e memória. Buscou-se compreender como a partir de 1983, o passado recente começou a aparecer como uma problemática; e, a sua maneira, estes intelectuais que antes se preocupavam com o desenvolvimento das perspectivas relacionadas à história das ideias ou intelectual, começaram a trabalhar com reflexões relativas aos anos ditatoriais.

Punto de Vista e um programa de estudos históricos no marco da democracia

Sem entrar novamente na polêmica que envolve *Punto de Vista* e sua definição como um periódico de resistência cultural, esta análise enfocou nas opções dos intelectuais para a construção de seu discurso histórico. Leonardo Vulcano preocupado principalmente com as relações entre crítica, resistência e memória, destacou que em *Punto de Vista* as operações da crítica eram realizadas mediante uma atividade analítica e questionadora que possibilitava a criação de uma instância própria de denúncia para falar da realidade social

de maneira indireta.³⁴⁴ María Matilde Ollier destacou que participar de um grupo de estudos de história, durante a ditadura significava manter um vínculo com a política:

La historia, como desvío metafórico y en función exploratoria, ocupa un lugar de reflexión, curiosamente, sobre el presente: “La historia fue una forma de pensar el presente y hablar sobre él. Nos habituamos a dar rodeos, a alargar el camino recorriendo el siglo XIX. La historia fue una de las maneras en que pensamos la política: una historia donde los intelectuales del pasado era figuras anteriores de un destino que nos seguía involucrando, metáforas para pensar nuestros errores y repasar nuestros proyectos.”³⁴⁵

Logo, o período de 1880 a 1930 foi privilegiado pelos intelectuais que dirigiam o periódico. A cada número publicado foi se desenhando um panorama deste momento específico, como se cada artigo e resenha bibliográfica compusesse um capítulo – uma análise parcial – fragmento de uma interpretação mais global do período que se convencionou a chamar de “*Argentinamoderna*” e também ficou conhecido como “*organização nacional*”.³⁴⁶ O ano de 1880 era concebido como o início da sociedade argentina contemporânea: foi o ano que se concretizou a federalização de Buenos Aires e Julio Argentino Roca assumia pela primeira vez a presidência do país. A partir de então a Argentina passaria por profundas transformações. Nas releituras apresentadas em *Punto de Vista*, 1880 se configurava como o ponto de partida do surgimento de uma nova era transfigurada por uma nova ordem, caracterizada por uma particular amálgama de instituições econômicas e políticas liberais, cujo funcionamento dependia de uma oligarquia.³⁴⁷ Na reconstrução do contexto da época, a economia centrada na produção agropecuária e o vertiginoso processo de urbanização, responsável por tornar a sociedade mais complexa e articulada também eram destacados.³⁴⁸ Na cena política e cultural reconstruída irrompiam novos atores sociais e os setores urbanos médios e populares se sobressaíram nas análises. O âmbito intelectual também ganhava espaço nas interpretações

³⁴⁴ VULCANO, Leonardo Gustavo (2000). Crítica, resistencia y memoria en Punto de Vista. Revista de Cultura [En línea]. *Orbis Tertius*, 4(7). Disponible en:

http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2838/pr.2838.pdf

³⁴⁵ OLLIER, Op. Cit., p 112.

³⁴⁶ Essa nomenclatura foi usada neste trabalho, pois era a forma como os intelectuais argentinos se referiam ao contexto estudado na revista.

³⁴⁷ ALTAMIRANO, Carlos. Del 90al30:um capítulo de historia social. **Punto de Vista**. Buenos Aires, Ano I, nº 01, mar. 1978, p. 16.

³⁴⁸ SARLO, Beatriz. La política del ochenta. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano I, nº 1, mar. 1978, p. 25.

das ideias de alguns indivíduos; foi o caso de José Ramos Mejía, de Octavio Bunge e dos escritores ligados aos processos de 1880.

As distintas entradas mencionadas apenas mostram como existia uma preocupação – durante a ditadura, mas que continuou a ser preponderante nas reflexões na todo governo de Raul Alfonsín– quanto ao tipo de sociedade, de cultura política, de ideologias que se definiram no momento de formação e consolidação dos traços da sociedade argentina. O projeto cultural de *Punto de Vista*, cuja meta era a crítica e a compreensão do momento vivido, estava definido por zonas temáticas que foram exploradas a partir da história. A primeira era relativa à interpretação da “*geração de 80*”. Cabia refletir naquele momento sobre a configuração do projeto ideológico para a nação. Nesta esteira, criticando trabalhos desenvolvidos no campo da história das ideias, se encontrava uma segunda abordagem cujo objeto era debater sobre o positivismo e uma cultura científica. Em uma terceira zona se encontraram a grande maioria dos ensaios que se dedicaram a pensar a questão nacional e o nacionalismo e por último foram abordadas, nas intervenções escritas por Hugo Vezzetti, as relações entre Estado e controle social.³⁴⁹

O interessante era que a justificativa para tantas abordagens sobre o mesmo tema era baseada em como os distintos discursos estavam atravessados pelas mesmas preocupações, valores, desejos e temores, presentes nas premissas ideológicas que sustentavam o projeto do país. O país era um deserto a ser povoado e a busca pelo conhecimento que pudesse controlar os indivíduos era imprescindível.³⁵⁰ A ação do Estado sobre a sociedade vedava a participação política, ao passo que visava um ordenamento, a disciplina e o consenso. Uma das ferramentas utilizadas foi a educação pública que além de difundir os princípios básicos da ordem, integrava e nacionalizava os imigrantes.³⁵¹ Estas

³⁴⁹ Estas análises são parte do estudo de Bruno, Paula. (2009) Figuras y voces intelectuales de la Argentina de entre-siglos: Eduardo Wilde, José Manuel Estrada, Paul Groussac y Eduardo Holmberg, Tesis Doctoral, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 2009. Una versión de la misma se publicó recientemente: Bruno, P. (2011) Pioneros culturales de la Argentina. Biografías de una época, 1860-1910. Buenos Aires: Siglo XXI Editores. Contudo, o contato com tal pesquisa se deu através do artigo: “Vida intelectual de la Argentina de fines del siglo XIX y comienzos del XX. Um balance historiográfico. Em: PolHis – año 5, número 9, primer semestre 2012, pp.69-90. Em línea: http://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9_BRUNO.pdf

³⁵⁰ VEZZETTI, Hugo. “La locura em la Argentina 1860-1890. Psiquiatría, hospícios y enfermos de Buenos Aires. **Punto de Vista**. Buenos Aires, año I, n° 3, jul. 1978, p.3.

³⁵¹ PEHESA. ¿Dónde anida la democracia? **Punto de Vista**. Buenos Aires, n° 15, ago.-out. 1982, p.7.

eram as condições para que uma identidade nacional começasse a ser forjada atrelada à ideia de déficit moral que acompanhava o crescimento econômico e a modernização do país.³⁵²

Para evitar uma análise exaustiva e descritiva de cinco anos de publicação, o foco foi pensar no modo em que estas releituras foram realizadas pelos intelectuais, relacionando-o ao presente vivido por eles. Tal perspectiva se baseou nas considerações de Vulcano e Ollier – na afirmação da história como terreno de experimentação para a crítica do presente – e no consenso não apenas na historiografia argentina, mas que também parecia existir na sociedade, de que foi neste período que se deu a consolidação do Estado, a construção da nação e a modernização do país. Partindo desta ideia chave pode-se inferir que a opção por trabalhar especificamente com essa conjuntura, por um lado estava ligada ao reconhecimento entre os pares, ou seja, discutir temas consagrados pela cultura letrada argentina. Por outro, a escolha refletiu o posicionamento dos intelectuais de esquerda argentina, pois acreditavam que mesmo indiretamente estariam combatendo o discurso hegemônico do Estado. Assim, como o momento foi resgatado pelos militares nas comemorações amplas do centenário da Conquista do deserto e da ascensão de Julio Argentino Roca, levadas a cabo em 1979, no ano seguinte em 1980 Tulio Halperin Donghi em uma entrevista dada a *Punto de Vista* afirmava:

Roca veía el 80 como el momento de clausura de una etapa de desorganización institucional que había durado más de medio siglo, y hacia entonces del estado como institución (y no como agente de un grupo social o un proyecto político) el protagonista de la experiencia histórica argentina.³⁵³

A resposta de Donghi aludia aos motivos do resgate do período pelos militares e acabava afirmando a posição política-cultural do periódico que defendia principalmente o pluralismo de interpretações para ajudar a compreensão da cultura do país. Hilda Sabato, afirmou que versões do passado carregavam consigo visões míticas, traziam para o presente a filiação em genealogias, congelavam heranças e se enfrentavam para que suas verdades

³⁵² ALTAMIRANO, Carlos. El primer nacionalismo argentino. **Punto de Vista**. Buenos aires, n° 6, jul. 1979, p.28.

³⁵³Entrevista a Tulio Halperin Donghi. Cinco respuestas sobre historia argentina. **Punto de Vista**, Buenos Aires, n° 10, nov. 1980, p.4.

fossem vencedoras. Isto configurava uma disputa pelo passado, pela construção da memória e da identidade, por dar sentido à história argentina. Apesar desta disputa não ter se dado de forma explícita, *Punto de Vista* abrigava as reflexões da crítica daquele momento que retomava o passado “...para ir adelante, para construir nuevas hegemonias, para ganar el futuro...”³⁵⁴

No periódico, a história argentina também começava em 1880, já que o período anterior é mencionado apenas quando o assunto é a “*Geração de 1937*”. A ordem liberal marcava a política, a economia, mas também o mundo da cultura, os letrados.³⁵⁵ Neste sentido, a “*geração de 80*” era caracterizada como “nova oligarquia” ou “aristocracia”.³⁵⁶ Inclusive, o termo “geração” foi questionado na leitura de Eduardo Romano, que se propunha a demonstrar a ineficácia do método geracional utilizado para analisar os “*escritores de 80*”. O termo em questão não abarcava as produções que se encontravam nas margens de dissidência - autores e escritores desconhecidos. Porém, apesar de argumentar que não havia uma unanimidade estética, sobretudo no que dizia respeito a relação entre a escrita e a prática literária no conjunto destes autores, era possível afirmar a existência de uma mensagem convergente. Os relatos analisados por Romano ofereciam uma mensagem excludente “... contra sectores sociales que, en alguna forma, consiguieron ascender y acercarse al grupo dirigente.”³⁵⁷

De acordo com o autor, o grupo dirigente era composto por uma elite sem posições religiosas, econômicas e políticas coincidentes, mas que com medo da

³⁵⁴ SABATO, Hilda. “Olvidar la memoria”. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano XII, n° 36, dez. 1989.

³⁵⁵ Estas ideias presentes em *Punto de Vista* dialogam com uma de suas principais influências no campo historiográfico que foi ROMERO, José Luis. **El desarrollo de las ideas em la Argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Fondo de cultura Económica, 1965.

³⁵⁶ Me refiro sempre aos ensaios e resenhas que foram publicados entre os anos de 1978 e 1982, entre eles merece destaque: no número 1 “Del 90 al 30: um capítulo de historia social”, “La política del ochenta.”; no número 2 “Sociología e historia de Buenos Aires”, no número 3 “Lalocura em la argentina 1860-1890” e “Sociología, política y psicopatología de las multitudes”, no número 6 “Positivismo política e ideología. El caso de Octavio Bunge” e “el primer nacionalismo argentino”, no número 7 “Penalidad y moralización. Para una historia de la locura y la psicología en la Argentina”, no número 9 “Antimperialismo y nación”, número 10 “cinco respuestas sobre historia argentina” e “Colisión y convergencia entre los escritores del 80”, no número 11 “Política, nación y Estado en la Argentina del siglo XIX” e “Las razones del historiador”, no número 12 “el primer antimperialismo latinoamericano”, no número 14 “Nación y democracia en la Argentina del novecientos” e no número 15 “¿Donde anida la democracia?” e “Nacionalidad, raza, disciplina social, ideología y psiquiatría”.

³⁵⁷ ROMANO, Eduardo. Colisión y convergencia entre los escritores del 80. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano III, n° 10, p.13.

participação política dos setores populares, apresentavam uma homogeneização discursiva por causa de suas atitudes classistas. O grupo então poderia ser definido pelo desejo comum em se tornarem aristocratas. Por sua vez, a literatura desempenhava o papel de disseminar as mensagens à sociedade, visando a concretização dos ideais classistas.³⁵⁸ Esta reflexão, assim como as que versam sobre os pensadores identificados com a cultura positivista na Argentina, refletia o compromisso intelectual do coletivo de *Punto de Vista* com a denúncia das condições sociais. Em ambos os casos, o coletivo procurou em episódios da história das ideias e da cultura uma espécie de clima cultural, no qual ideias xenófobas, preconceituosas, excludentes, facciosas floresciam na sociedade argentina.

O clima positivista era uma discussão importante a ser realizada porque apontava para a legitimação de um saber sustentado nas posições acadêmicas. Seu pensamento teria influenciado na formação dos discursos nacionais na Argentina. Em relação à interpretação do positivismo presente na revista, o intuito era pensar em como havia sido sua utilização por seus seguidores argentinos neste momento de “*organización nacional*”.³⁵⁹ Assim, José Ingenieros, José María Ramos Mejía, Carlos Octavio Bunge eram trajetórias que serviam para trabalhar como foram pensadas respostas aos problemas que surgiam em 1880 com os processos de modernização no país.³⁶⁰ A situação configurada impunha a necessidade de pensar nas formas pelas quais se geravam identidades homogeneizantes, onde a imigração e a nacionalidade passaram a fazer parte de um horizonte de preocupações das elites intelectuais e políticas.³⁶¹

Tendo isto em vista, outros problemas também viraram objetos de reflexão obrigatórios, pois em 1880 estavam inseridos no projeto da nação e não teriam sido resolvidos: era o caso da criação das identidades coletivas, da questão nacional,

³⁵⁸ Idem, p.13.

³⁵⁹ VAZEILLES, José G. Op. Cit., p.19.

³⁶⁰ Na revista estas figuras que seguiam as ideias positivistas, foram pensadas em suas representações sobre a sociedade, na configuração de ideias sobre a nação, mas também como produtores de discursos de reforma social. José Ingenieros (1877-1925) escreveu o livro “*Evolução das ideias argentinas*”, foi um representante do positivismo e um dos fundadores do socialismo na Argentina. José María Ramos Mejía (1842-1914), era médico, escritor e político argentino. Entre suas obras está “*Las multitudes argentinas*”. Carlos Octavio Bunge (1875-1918), desenvolveu uma ação intelectual destaca na Argentina como sociólogo e jurista. Em suas obras a destaca em *Punto de Vista* foi “*Nuestra America*”, onde expunha a análise da composição da sociedade argentina a partir do darwinismo.

³⁶¹ BRUNO, Paula. Op. Cit., p.85.

constitucional, democrática, dos desafios da abertura política e a preocupação com uma sociedade plural.³⁶² Problemáticas que foram mais bem exploradas em *Punto de Vista* com a abertura democrática. Porém, para uma melhor compreensão das análises históricas veiculadas no pós-ditadura, foi necessário pontuar o surgimento da preocupação com a escrita e seus desdobramentos para a democracia. Em outras palavras, cuja inspiração é o pensamento de Michel de Certeau, discutir o lugar ambivalente da história: “*o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro*”.³⁶³

Na primeira edição de *Punto de Vista* publicada em condições democráticas, uma crítica escrita por Carlos Altamirano expunha já em seu título, “*Una version de la historia*”, o caráter indeterminado da história como gênero³⁶⁴ O texto criticava o livro de José Pablo Feinmann³⁶⁵, cujo tema principal era a reflexão do pensamento argentino do século XIX, onde o autor considerava a problemática da cultura e da política do país em relação a Europa para discutir sobre a autonomia do intelectual latino-americano. A crítica de Altamirano não estava direcionada à temática da obra, mas sim a forma de sua abordagem e interpretação. O problema não se tratava da escolha de um objeto que não era “*ni nuevo ni exclusivamente argentino*”, porque as suas muitas leituras apenas complexificavam as questões e os motivos para se trabalhar o assunto. Feinmann estaria interessado em superar as interpretações passadas; para Altamirano ele “*negará todo lo afirmado por su adversario y afirmará todo lo negado, sin la posibilidad de “enriquecerse” con los “aciertos” de aquél.*”

A preocupação de Altamirano se expressava também como uma reivindicação ao campo intelectual: “*Sólo quiero añadir una reflexión: los argentinos no necesitamos una version simple de nuestro pasado. No importa cuál se pretenda la clave de esa simplicidad.*” A seguir, manifestava a forma como achava que deveriam proceder para não se produzirem apenas versões negativas da história. Era necessário estar atento para uma maior diversidade de fontes e expô-las a questionamentos e interrogações novas, para não servirem apenas como prova e ilustração das hipóteses. Uma inter-relação entre a cultura, a

³⁶² VAZEILLES, José G. Op.Cit., p.19.

³⁶³ CERTEAU, Michel. Op. Cit. p. 10.

³⁶⁴ VEYNE. Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UNB, 1998, p. 25.

³⁶⁵ FEINMANN, José Pablo. **Filosofia y nación**. Buenos Aires: Legasa, 1982.

economia e a política também seria essencial, para assim lançar luz as lacunas mal preenchidas dos diversos aspectos que um passado pode ter.

Cabe destacar alguns pontos nesta perspectiva. Em *Punto de Vista* era defendido que uma versão da história não era mais importante do que outra, isto é, que a relevância dada a uma determinada versão dependia mais de seu uso, tendo em vista as preocupações com o presente. Ideia que chama atenção para uma perspectiva particular da crítica literária, onde um texto se dissolve em sua intertextualidade, onde os textos individuais são produtos e consequências de outros textos escritos antes deles.³⁶⁶ Nota-se também a preocupação com a historicização dos objetos e das situações, sendo importante o esforço em compreender o porquê determinado fato histórico foi analisado em determinado momento, apresentando uma concepção de uso político da história. A história enquanto gênero era concebida como campo de experimentação, no sentido de que seu funcionamento se dá por meio de hipóteses de explicações para determinados fatos do passado, apresentada por meio de fontes que sustentem a argumentação.

Em outra resenha crítica publicada ainda em 1989, as mesmas características podem ser discutidas. Leandro H. Gutierrez, importante historiador argentino cujos trabalhos se referem às condições da vida material dos setores populares³⁶⁷, escrevia desta vez “*Una version del peronismo*”³⁶⁸. Em sua leitura, o problema era novamente a interpretação de um objeto da história argentina tão problematizado, o peronismo. Além da interpretação de Juan José Sebrelí não trazer nenhuma contribuição nova ao debate, na perspectiva de Gutierrez seu conjunto de hipóteses não era confrontado. Contudo, o erro mais grave consistia em “*un marcado reduccionismo en el análisis.*”

Segundo Gutiérrez a tendência reducionista se devia a dois pontos: primeiramente, “*se pierde por la manifiesta parcialidad con que está construído*” o livro. Sebrelí ao afirmar sua posição de militante sem partido, usaria suas posições pessoais para

³⁶⁶ RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e ciências Humanas, 2000, pp.15-62.

³⁶⁷ A participação de Leandro Gutierrez (1935-1992) na revista foi muito significativa. Através do grupo de PEHESA – Programa de Estudios de Historia Economica y social Americana, onde ele ajuda a fundar, que a aproximação da revista com as temáticas históricas começa a acontecer.

³⁶⁸ A resenha era sobre o livro de SEBRELI, Juan. **Los deseos imaginários del peronismo.** Buenos Aires: Legasa, 1983.

justificar as suas mudanças entrelaçadas com as modificações da sociedade. Em segundo lugar, não havia na obra a explicação das afirmações do autor a respeito do tema, “*por su tendencia a pontificar, por la falta de interés en comprender los procesos que condujeron a la instauración del peronismo como un fenómeno ya ineludible en la historia argentina*”. O único elogio realizado ficou por conta da pretensão do autor em transformar seu estudo em uma reflexão cujo intuito era colaborar para a constituição de uma comunidade mais tolerante; “*el texto pretende ser un instrumento de defensa de un regime democrático, un intento de contribuir a la restauración del mismo y es, en ese sentido, singularmente valioso.*”

Em ambos os casos, tanto para Gutiérrez como para Altamirano, era evidente que o campo intelectual argentino durante o período da transição democrática estava se debruçando sobre outras temáticas, mas que também eram bastante estudadas na história argentina. Além disso, percebe-se a reclamação por análises que se preocupem com explicações que considerem a constituição dos processos, interesse que lembra o produzir de uma história-problema e não só a descrição do cenário histórico. A busca era por fazer diversas conexões de maneira que possam construir novos pontos de vista ou desconstruir os antigos, no sentido de enxergar de uma nova maneira sobre o que se está estudando. Essa nova maneira de se pensar sobre os fatos foi principal reivindicação de *Punto de Vista*. Em 1984 Beatriz Sarlo explicitava isso:

Me resisto a pensar la cultura argentina como una empresa de homogeneización realizada en nombre de la identidad nacional, de la clase obrera o del pueblo (según sean las perspectivas políticas que la izquierda adopte sobre el asunto). Tampoco me parece fiel a los hechos pensar la historia de esta cultura como una batallas interminable en la que se enfrentaron contingentes nacionales y antinacionales, como fue inexacto pensar este proceso en tanto contraposición simple de una línea “progresiva” y otra reaccionaria.³⁶⁹

O objetivo era discutir como as leituras da esquerda argentina sobre os objetos de sua cultura, estavam orientadas por elementos arcaicos e antigos presentes ainda no horizonte conceitual desta tradição intelectual. A crítica de Sarlo incidia sobre dois elementos: o dogmatismo e o “*populismo nacional*”. Até a década de sessenta as análises

³⁶⁹SARLO, Beatriz. La izquierda ante la cultura: del dogmatismo al populismo. **Punto de Vista**. Buenos Aires, nº 20, p.25.

estavam orientadas por alguns pressupostos ideológicos que funcionavam como dogmas para os intelectuais da esquerda. Acreditavam em uma concepção ordenada da história que organizava também a evolução da cultura, por isso buscavam entender o curso do processo histórico argentino. Nesta tentativa de compreensão forjavam chaves de leitura como as classes sociais que, ainda que não estivessem lá, desempenhavam um papel norteador nas interpretações dos momentos históricos. Com base nesta linha de pensamento, se cristalizaram as interpretações – dentro do campo intelectual argentino até a década de 70 – que perceberam esse caminho do progresso histórico e foram marginalizados setores acusados de elitismo, esteticismo e cosmopolitismo exagerado, como foi o caso dos intelectuais nucleados ao redor de *Sur* e o próprio Borges.

Após sessenta, Sarlo identificava uma guinada da esquerda, esta passava a ter em seus horizontes o “populismo cultural”, responsável pela imagem da Argentina como nação “*in potencia*”, perseguida por inimigos externos que conspiravam contra sua realização cultural, econômica e política.³⁷⁰ A esquerda teria sido afetada com muita intensidade pelo tema da identidade nacional: “*se volvió una idea matriz, una especie de modulo desde donde pensar la Argentina*”.³⁷¹ Os temas e os mitos nacional-populistas se constituíram um eficaz discurso, que monopolizou as análises da esquerda que queria acertar contas com seu passado antiperonista. A ênfase na história de como a esquerda pensou o processo cultural argentino, permitia a Sarlo destacar a necessidade contemporânea de outras leituras.³⁷² Leituras que prestassem atenção nos cruzamentos, nas contradições e nos deslizamentos, negando-se a contar a história argentina por um fio condutor ou através de hipóteses simplistas e dicotômicas. Outras leituras, outros modos de ler a história da Argentina, porque *Punto de Vista* afirmava: “*intuímos que la Argentina no se agota en estas versiones*”.³⁷³

Nota-se como nos primeiros anos da democracia *Punto de Vista* construía um discurso coeso sobre a história que o país necessitava e sobre a história na qual estaria empenhada a escrever. Hilda Sabato quando resenhou o livro de Oscar Terán sobre o

³⁷⁰ Ibidem, p.24.

³⁷¹ Ibidem, p.24.

³⁷² Ibidem, p.23.

³⁷³ Ibidem., p.24.

marxismo de Aníbal Ponce, destacou o afastamento deste de esquemas reducionistas e revisões carregadas de culpas. A obra aparecia como exemplo de análise crítica do pensamento da esquerda na Argentina. A historiadora de formação do grupo manifestava um entusiasmo com a ênfase de Terán em trabalhar com os processos de ruptura na tradição intelectual da esquerda. Para ela, os trabalhos analíticos deveriam conter mais “*imaginación y rigor*”.³⁷⁴ Luis Alberto Romero também historiador, mas que participava no periódico apenas como colaborador, destacou que as reconstruções interessantes eram aquelas que visavam ser mais que retrospectivas preocupadas em adequar a imagem do passado as necessidades do presente, deveriam buscar no passado seus próprios termos.³⁷⁵

Estes posicionamentos foram decisivos para o giro reflexivo que pode ser notado nas reflexões sobre a história argentina. Os ensaios e resenhas passaram a dar preferência para objetos e fontes que anteriormente não eram o foco dos intelectuais da esquerda argentina, como é o caso dos setores populares. Outro fator que mereceu destaque foi a adequação da historiografia às necessidades da agenda política. Segundo Pitalluga, a transição à democracia se estabeleceu nos seguintes termos: era o momento de se recuperar a “república perdida” e de acertar as contas com as tradições políticas que fizeram com que a Argentina se desviasse dela; que impediram que a república democrática concebida pelos pais fundadores se estabelecesse como pensaram desde as origens.³⁷⁶ Tendo isto em vista, a crítica de Carlos Altamirano era emblemática, conseguiu associar as duas demandas de sua contemporaneidade. Voltando à análise do período de 1880 o intelectual afirmou que a formação nacional da sociedade argentina era um processo complexo e ambíguo, contudo era um processo instrutivo para o presente.³⁷⁷

Outros dois ensaios foram lidos desta mesma maneira, pois articularam também as preocupações do momento democrático. O primeiro foi publicado em 1982 com o título de “*Nación y democracia en la Argentina del Novecientos*”, escrito por Juan Carlos

³⁷⁴ Resenha do libro de Oscar Terán, *Aníbal Ponce ¿el marxismo sin nación?*, México, Cuadernos de Pasado y Presente 98, 1983, publicado em *Punto de Vista* no nº20, maio de 1984, p.42.

³⁷⁵ ROMERO, Luis Alberto. La cultura peronista: poner las cosas en su lugar. **Punto de Vista**. Buenos Aires, nº20, p.38.

³⁷⁶ PITALLUGA, Roberto. Op. Cit., 1965, p. 125.

³⁷⁷ ALTEMIRANO, Carlos. Libros: una versión de la historia. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano VI, nº 17, Abr.-jul. p.43.

Portantiero. O segundo saiu no número seguinte e chamava-se “¿Dónde anida la democracia?”, eram reflexões produzidas conjuntamente pelo grupo PEHESA. Em ambos a preocupação principal era em resgatar momentos nos quais a democracia tinha sido uma realidade possível na Argentina.

A problemática de fundo da escrita de Portantiero era o suposto desencontro dos temas “democrático” e “nacional” na tradição político-intelectual argentina. A contraposição era uma marca da história argentina cuja origem se encontrava no “...momento de conformación de lo popular dentro de la Argentina moderna, isto é, posterior a 1880 ”.³⁷⁸ Por popular o intelectual entendia toda uma configuração política, econômica, cultural e ética que de alguma forma se opunha ao projeto de construção nacional de 1880. Os imigrantes seriam os atores que provocaram uma transformação e produziram uma cultura e uma ação social alternativa; faziam parte da ascensão do movimento sindical e anarquista, dos êxitos eleitorais socialistas e do triunfo do radicalismo em 1916. Para o sociólogo, trazer à cena política e cultural o debate a respeito das relações entre imigrantes e política era contribuir para uma sociedade pluralista e igualitária. Além disso, os imigrantes são representados como atores fundamentais da abertura de um processo de “nacionalización de masas”, moderno e democrático. E os militares e conservadores, como forças repressivas com capacidade de minar os projetos democráticos da Argentina.³⁷⁹

¿Dónde anida la democracia? era como a anterior, outro ensaio que se propunha a tratar da história argentina, porém do ponto de vista do popular. O objetivo da reflexão incidia sobre a participação popular entre 1880-1943, especificamente, foi discutido como em 1880, surgiram organizações que funcionavam no interior da sociedade civil, onde os interesses dos diferentes setores eram debatidos e passados para os projetos políticos.³⁸⁰ Ao mostrar o funcionamento interno destas instituições, o ensaio apresentava as condições para o funcionamento de um sistema democrático e discutia como a participação política e o processo de politização dos setores populares se deu

³⁷⁸ PORTANTIERO, Juan Carlos. Nación y democracia en la Argentina del novecientos. **Punto de Vista**. Buenos Aires, n° 14, mar. 1982, p.3.

³⁷⁹ Ibidem, p.4.

³⁸⁰ PEHESA. ¿Dónde anida la democracia? **Punto de Vista**. Buenos Aires, n° 15, agost-out. 1982, p.6.

paulatinamente e contribuiu para o surgimento dos partidos argentinos modernos. A problemática então se encontra no fato dos princípios democráticos e os partidos políticos terem perdido a importância depois de 1943. Neste sentido, “*la cuestión acerca ¿de dónde anidó la democracia? en estos años es, sin duda, compleja y mal conocida, pero también llena de sugerencias para nuestro presente, también complicado y oscuro*”.³⁸¹

Em suma, a escrita da história em *Punto de Vista* durante os primeiros anos democráticos esteve voltada para a configuração da democracia. Fato que não negava sua preocupação com a construção discursiva e o tratamento das fontes. Também durante estes anos atuou como uma arma de combate em relação aos discursos hegemônicos, oferecendo discussões que abriam possibilidades para se pensar a sociedade argentina por outros pontos de vista. Na luta pela memória, tentava localizar onde se encontravam os componentes que podiam ser retirados da cultura política, e trabalhava visando suturar uma ruptura na história do país interrompida em 1945.³⁸²

Aportes para uma história militante ou da militância?

Desde o início do governo democrático, os intelectuais expressaram a importância de interrogar o passado histórico argentino e a necessidade de tentar interpretá-lo de outras formas, para que uma crítica cultural pudesse servir de intervenção no presente. Esta seria a maneira encontrada pelo grupo ligado à *Punto de Vista* para restaurar a função crítica do intelectual no marco da transição.³⁸³ A democracia se instalava como problemática principal no horizonte desta intelectualidade, proveniente da esquerda, preocupada em encontrar novas formas de fazer política e de participar do campo cultural. Era por causa do relacionamento do intelectual com as demandas de sua sociedade e sua agenda política que as questões ligadas a democratização ganharam, na Argentina e em

³⁸¹ Ibidem, p.10.

³⁸² Em *Punto de Vista* os objetos analisados - a questão democrática, os setores populares, o desenvolvimento do pensamento intelectual – levam em consideração o debate colocado pela visões que marcam o peronismo como marco. O esforço de pensar a sociedade no período anterior foi uma forma também de apresentar uma memória coletiva que foi amputada pelas interpretações anteriores do fenômeno peronista.

³⁸³ OLMOS, Ana Cecilia Arias. Revistas culturales de la transición: practicas políticas y estrategias de intervención cultural. Una lectura comparada de Punto de Vista y novos estudios cebrap. Tesis de doctorado, p.102.

Punto de Vista, um espaço grande de reflexão. No pensamento discutido no periódico, o presente foi identificado muitas vezes com a perspectiva democrática – a qual era uma espécie de síntese das aspirações proscritas pela ditadura. Toda produção política e cultural realizada neste momento pela revista era uma promessa de futuro e, concomitantemente, uma remodelação do passado.³⁸⁴

Pensar na democracia e em sua consolidação gerava desdobramentos e abria possibilidades para a abordagem de outras questões como, por exemplo, a reflexão sobre o presente e a subjetividade. Na pauta de debates imposta pela perspectiva democrática, os sentimentos de justiça e reparação se destacavam respaldados pelo discurso jurídico.³⁸⁵ Diante das perseguições, mortes, torturas, do autoritarismo a questão dos direitos humanos e suas intervenções também suscitavam questões em relação as vítimas, aos desaparecidos e a sociedade. Com o constante e imediato trabalho de reconstrução do passado, através dos testemunhos, sobre as atrocidades e a repressão do momento ditatorial, o país vivia na urgência de se entender os fatos deste passado. A dificuldade não se encontrava apenas em saber o que, o porquê e como a sociedade tinha chegado naqueles acontecimentos ou no julgamento e na condenação dos culpados.³⁸⁶ A complexidade da questão também aparecia na reconciliação com esse passado. E, se a alternativa era dada pela memória e as lembranças, pelas experiências pessoais, era complicado saber lidar com elas.

Punto de Vista então acabou não veiculando nenhuma versão deste passado imediato. A explicação pode ser pensada a partir do que já foi discutido: apesar de compartilhar de uma visão cujo passado era a “... *clarificación histórica del presente y punto de partida para la acción, la acción inevitable y perentoria*”³⁸⁷, este passado especificamente era presente.³⁸⁸ A proximidade com a temporalidade tornava os acontecimentos atuais e não problemas históricos a serem analisados. Dessa forma, o discurso sobre ele se constituiu pela subjetividade de cada intelectual, levando em

³⁸⁴ VEZZETTI, Hugo. “El juicio, un ritual de la memoria colectiva”. *Punto de Vista*, numero 24, pp.3-5, agosto-outubro, 1985, p. 3.

³⁸⁵ PITTALUGA, Roberto. Op. Cit., p.128.

³⁸⁶ Idem. Ibidem, p.105.

³⁸⁷ FIGUEIRA, Ricardo. *Las razones del historiador*. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano IV, nº11, março 1981.

³⁸⁸ PITTALUGA, Roberto. Op. Cit., p.128.

consideração as experiências da militância e das organizações políticas, pensado a partir dos compromissos e das responsabilidades. Não se pode ignorar que a publicação não teve a pretensão de analisar esta parte da história imediata. Contudo, seria um erro não considerar que foram debatidos problemas do presente relacionados à ditadura. Neste trabalho, tais intervenções serviram de fontes para se pensar na constituição de um discurso sobre o objeto “ditadura” e na construção de “políticas da memória”. Ensaio configurados a partir de biografias, memórias e posicionamentos que influenciaram as análises historiográficas posteriores, na década de 1990.

O primeiro ensaio que tratou da questão foi publicado em 1984 e sua autora, Beatriz Sarlo, mergulhava com sua escrita nesse universo de debates. Suas reflexões possuíam como finalidade pensar em modos de “*recomponer los pedazos dispersos de una subjetividad*”.³⁸⁹ A retomada de suas ideias³⁹⁰, primeiramente, ajuda a compreender que a ditadura era concebida logo após o retorno da democracia em sua dimensão traumática, como uma fratura que, segundo Sarlo, “...*atraviesa también la dimensión subjetiva, afectando la trama de las relaciones entre los hombres y de los hombres con su pasado*”.³⁹¹ Ao analisar este conjunto de ensaios que se dedicaram a explorar as questões então traumáticas, Ana Cecília Arias Olmos, afirmou que para estes intelectuais, entender o que aconteceu com os argentinos, era a condição não apenas para a intervenção pública da atualidade, mas também a condição para a restauração de suas subjetividades destroçadas. O obstáculo para se superar as ilusões, as perdas, os enganos e as promessas do “*Proceso*”, residia na dificuldade de saber como avaliar este passado e, em consequência, como se reconectar a ele.³⁹²

Sarlo afirmou que a sociedade argentina passava por um momento peculiar “*la hora del recuerdo*” e este se apresentava não apenas como um direito, que havia sido abolido na ditadura militar, mas também uma condição para se entender e atuar o presente.

³⁸⁹SARLO, Beatriz. Una alucinación dispersa en agonía. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VII, nº 21, pp.1-4, maio 1984, p.1.

³⁹⁰ Este ensaio foi trabalhado na análise do capítulo 2, quando o objetivo era discutir os motivos pelos quais a esquerda argentina se viu impulsionada a revisar o passado de militância. Uma das reflexões de Beatriz Sarlo neste momento foi a respeito da responsabilidade da esquerda com o golpe militar e a revisão da teoria marxista e da prática socialista enquanto cultura com componentes autoritários.

³⁹¹SARLO, Beatriz. Una alucinación dispersa en agonía. p.2.

³⁹² Ibidem, p.2.

A recuperação da memória surgia então como saída, já que a total negação do passado seria uma proposta de esquecimento. Contudo, para a intelectual era necessário indagar sobre as condições nas quais o passado estava sendo resgatado e se perguntar em relação à construção desta memória coletiva: qual memória estava sendo escolhida para atuar como história do passado imediato? As respostas foram buscadas na análise do informe “*Nunca Más*” e no livro de Pablo Guissani “*Montoneros. La soberbia armada*”. Ao trabalhar com estes lugares pelos quais a sociedade estava recuperando a memória, Sarlo problematizava a relação entre relato e verdade e discutia a subjetividade presente nos testemunhos.

A defesa se fazia pela remodelação de um passado que respondesse a recuperação de uma memória crítica que estivesse à serviço da sociedade, e não de uma reconstrução da história que reduzisse o passado nacional a memória militante. Em outros momentos, também nos ensaios de Hugo Vezzetti, a reconstrução da memória se apresentava a partir da ideia de subjetividade. Na construção de uma ordem política democrática o rememorar se fazia importante, pois colocava em cena diversos sujeitos sociais e abria espaço para a manifestação de uma pluralidade de interpretações.³⁹³ Era função deste intelectual, preocupado com os processos, pensar em políticas para a recuperação da memória.

Como Beatriz Sarlo, Oscar Terán também escreveu suas reflexões a respeito dos acontecimentos. Assumia a responsabilidade de recuperar uma memória crítica, visando construir um futuro. A recuperação da figura do desaparecido – “*estos muertos sin sepultura*”³⁹⁴ – apareceu em suas reflexões como imprescindível para que se pudesse ter qualquer tipo de sutura na relação presente/passado. Para Terán, o desaparecido era o símbolo de que todos os limites podiam ser violados. A ditadura era representada como o “*infierno argentino*”, equiparada a Auschwitz, lembrada pelo seu poder desmedido. E tal “*exceso de poder*” foi responsável por trazer de volta à sociedade a “*barbárie argentina*”. Era preciso evocar seus excessos e recordar sua máxima: os desaparecidos como parte da cotidianidade argentina.³⁹⁵

³⁹³ OLMOS, Ana Cecilia Arias. Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural. Una lectura comparada de Punto de Vista y Novos Estudios Cebrap.

³⁹⁴ TERAN, Oscar. Tocar lo intocable. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano IX, n° 28, abril de 1986, pp. 44-45.

³⁹⁵ Ibidem, p.44.

Na visão do intelectual uma aproximação mais específica a tragédia argentina poderia ser formulada tendo como base as seguintes perguntas: “*¿Qué pasa en una sociedad cuando los muertos no se matan, cuando los muertos no se entierran, cuando los muertos no se mueren? ¿Qué (nos) pasa cuando consiguientemente se viola el culto milenario de los muertos?*”³⁹⁶A ditadura era responsável por ter retirado da sociedade um de seus aspectos que mantém os indivíduos no âmbito humano. O ritual funerário era um rito de passagem na maioria das comunidades, no qual estariam baseadas as relações entre os homens. Terán questiona o que estaria acontecendo com os argentinos sem este direito. “*¿Qué ocurre cuando ese tránsito está bloqueado, ya sea porque hubo represores que optaron por la práctica de la desaparición para instaurar métodos más eficaces de terror, o también porque hubo verdugos que no se animaron a matar a sus muertos?*”³⁹⁷A resposta encontrada pelo intelectual estava no direito, negado pela ditadura de morrer. Encontrava-se na relação entre memória e esquecimento:

Condenados a no olvidar para que el pasado sobreviva en el presente, y a no recordar al infinito para que ese mismo pasado no ofusque al ahora, nos hallamos en la encrucijada de plantearnos cómo es posible que en este país los vivos entierren sin olvido a sus muertos, no para saldar lo insalvable, pero sí para recolocar a la muerte en la ciudad de los hombres, que es una manera de reconocerlos sin dejar de seguir apostando por la vida.³⁹⁸

A conclusão era de que não havia respostas, mas sim caminhos possíveis. Entre o esquecimento e o eterno lembrar, a sociedade deveria trabalhar em alternativas mais equilibradas que permitissem outras perspectivas e pontos de vista, menos politizados. Sem a pretensão de achar uma resposta, era advertido ao leitor seu pertencimento a esta geração destrozada. Por isso, seu pensamento estaria atravessado pelos ecos do passado. Compartilhar as reflexões sobre o cotidiano argentino, nestas circunstâncias, era também exprimir sobre sua identidade pessoal, pois explicava Terán como um desabafo que aos quarenta anos “*... la mayoría de mis amigos estaban muertos, presos, desaparecidos o en algún tipo de exilio*”.³⁹⁹

³⁹⁶ Ibidem, p.45.

³⁹⁷ Ibidem, p.45.

³⁹⁸ Ibidem, p.45.

³⁹⁹ Ibidem, p.44.

Então, *Punto de Vista* se valeu da operação denunciada por Sarlo e Terán, o relato autobiográfico como um recurso para ressignificar a realidade coletiva e esclarecer as atitudes destas *testemunhas e protagonistas*. Para Laura Schenquer que estuda as memórias e a recuperação realizada nos anos 80 dos “intelectuais comprometidos” dos anos 60, a relação entre testemunho individual e memória coletiva se manifesta na necessidade de se abandonar a busca pela verdade histórica e de começar a reconhecer sentidos com os quais as testemunhas pensaram e “se” pensaram frente a tais experiências.⁴⁰⁰

Outro ponto que mereceu destaque foram as reflexões veiculadas na revista na ocasião do julgamento das Juntas Militares. Carlos Altamirano e Hugo Vezzetti escreveram a respeito da importância dos julgamentos para a fundação da democracia argentina. Além disso, estavam discutindo, respectivamente, sobre como o julgamento era capaz de expor uma história do passado recente e como sua cerimônia se constituía como um ritual da memória coletiva. Os escritos afirmavam o posicionamento político do coletivo frente a necessidade de justiça pelas condenações.

O ensaio de Altamirano refletiu sobre a situação considerando a eficácia dos processos judiciais para a sociedade argentina. Segundo ele, os depoimentos das vítimas não traziam muitas novidades em relação as atrocidades cometidas pelos militares, pois muitas das informações já haviam sido expostas pelos movimentos dos direitos humanos e pela sistematização da repressão feita pelo informe da Conadep. Entretanto, no julgamento residia uma eficácia simbólica na denúncia do “*sistema pervertido que había sido puesto em funcionamiento por los señores de la guerra*”.⁴⁰¹ Neste sentido, o julgamento público contribuía para provocar reflexão na sociedade que vivia sob o temor da repetição destes fatos. Para Altamirano, a exposição da violência abria questionamentos em relação à sociedade, principalmente no que dizia respeito às responsabilidades e culpas. Em sua leitura, o julgamento colocou em destaque o funcionamento do regime, no qual os princípios da segurança nacional tinham se convertido “*en doctrina y en criterio supremo*

⁴⁰⁰ SCHENQUER, Laura. Los “intelectuales comprometidos”: Una mirada crítica desde los años ochenta. **Afuera Estudios de crítica cultural**, año III, nº5, nov. 2008.

⁴⁰¹ ALTAMIRANO, Carlos. Sobre el juicio a las juntas militares. **Punto de Vista**, Buenos Aires, ano VIII, nº 24, agosto 1985, pp.1-2, p.2.

para decidir acerca de lo lícito y lo ilícito”.⁴⁰² O mais interessante era que na visão explanada a doutrina apareceu como componente inativo da cultura militar, reativado como plano de operações e fundamento do regime por causa dos partidos armados que haviam se lançado também na “*aventura del terrorismo político*”. O intelectual corroborava para a versão do Estado que tentava colocar a culpa nos dois lados – militares e militantes – e representava a sociedade através da ideia da atomização e da passividade. Apesar de assumir a culpa da esquerda nos acontecimentos, Altamirano destacava que a memória em respeito à sociedade deveria ser mais crítica e menos simplista.

Primeiramente ressaltava que o regime congregava “*a los hombre fuertes, los de armas y los de negocios*”.⁴⁰³ O regime era respaldado por indivíduos que defendiam diferentes ideologias, que o apoiavam porque tinham interesses em comum, porque se identificavam com a hierarquia na sociedade e na ordem que o regime anunciava, porque de alguma forma acreditaram que a ditadura poderia ser feliz em seu projeto político e econômico, ou porque simplesmente a ditadura criava “*la posibilidad de hacer carrera política, sindical o periodística*”.⁴⁰⁴ Para Altamirano, foi este mesmo conjunto de homens que depois se dividiu a propósito do plano econômico, dos rumos da nova republica, sobre a formação de um partido próprio e contribuíram para que a ditadura fosse ruindo pela parte interna.

Muitas questões surgiram com a reflexão a respeito dos processos judiciais. Quando o assunto era a sociedade, como explicação era proposto a consideração da disseminação do medo, e do processo intimidador sofrido por grande parte da população. Altamirano explanava que “*...todos los dispositivos oficialmente destinados a dar caza a un enemigo que estaba en todas las partes, buscaban también sembrar el miedo y desalentar cualquier impulso de resistencia o de solidaridad colectivas*”.⁴⁰⁵ Contudo, ao problematizar esta justificativa, o próprio autor interrogava se não teria sido o mesmo medo – causado pela violência do ajuste de contas cotidiano, pela ação e as ameaças dos partidos armados rivais, pela “*barbarización de la vida política*” –, já presente na Argentina desde o período

⁴⁰² Ibidem.

⁴⁰³ Ibidem.

⁴⁰⁴ Ibidem.

⁴⁰⁵ Ibidem.

anterior ao golpe queteria levado a sociedade a tal situação. A pergunta do intelectual era reformulada: não teria sido o temor de um governo sem autoridade que não conseguia conter a situação de confrontação, no qual os militares se apoiaram para assumirem o poder do país e depois continuar o ajuste de contas?⁴⁰⁶

Punto de Vista construía uma trama discursiva sobre os acontecimentos da ditadura. Mesmo afirmando as responsabilidades da esquerda, reconhecendo a violência suscitada nos anos prévios ao golpe, declarava que os critérios dos militares não justificavam os atos repressivos. Dessa forma, negava o discurso dos militares da “*guerra sucia*”⁴⁰⁷, abordando o período não como uma guerra entre militares e militantes, mas sim como um período no qual as Forças Armadas Argentinas promoveram uma matança e perseguição e disseminaram o terror por toda a sociedade. Na perspectiva de Vezzetti, o julgamento era um processo oposto ao ditatorial, firmado em um ideal de transparência, que trazia aos indivíduos significado para a “*historia de la represión terrorista*”.⁴⁰⁸ Afirmando a pluralidade “verdades”, o julgamento se tornava fundamental para os intelectuais da revista, pois ajudava na construção de uma cultura política diferente baseada na defesa dos valores de liberdade, justiça, solidariedade e participação.⁴⁰⁹ Além de se apresentar como um ato coletivo capaz de reescrever a história da ditadura militar, possibilitando fundar uma “*nueva sistesis presente del pasado*”.⁴¹⁰

Punto de vista foi o veículo no qual o grupo discutiu sobre a construção da memória coletiva erguida no momento imediato do pós-ditadura e em relação a este episódio. Nesta empreitada, pode-se pensar que estes intelectuais também participaram das lutas pela memória. Na análise e na crítica ao passado, resgatado por outros discursos vindos de outros atores sociais, imprimiam um ponto de vista sobre os acontecimentos do período. Na reconstrução despreziosa do período concebido como o mais grave da história Argentina, não conseguiram dissociar das reflexões de suas experiências pessoais como protagonistas. Acreditando na impossibilidade de imparcialidade e objetividade

⁴⁰⁶ Ibidem.

⁴⁰⁷ Ibidem .

⁴⁰⁸ VEZZETTI, Hugo. El Juicio: um ritual de la memoria colectiva. **Punto de Vista**. Buenos Aires, ano VIII, nº24, pp.3-5, agosto 1985.p.5.

⁴⁰⁹ Ibidem.

⁴¹⁰ Ibidem.

diante dos fatos, excluíram da revista a história do passado recente, e privilegiaram trabalhar com temas nos quais poderiam discutir a cultura argentina em sua totalidade. Na tentativa de localizar os traços autoritários e perniciosos que pudessem ter conduzido a sociedade ao governo militar. Objetivavam colaborar através do conhecimento com a transformação e democratização de todas as esferas da sociedade, com a construção de uma nova cultura política.

Por meio da escritura ensaística e exploratória, discutiram as questões suscitadas pela democracia, contribuíram para a reflexão a respeito do status da memória, apresentando maneiras de pensar a relação entre memória e justiça e entre memória e história. Mais uma vez, a revista funcionava como um banco de provas das ideias e interpretações que paulatinamente amadureceriam no interior do campo intelectual argentino.⁴¹¹

⁴¹¹SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica, In: *America, Cahiers du CRICCAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992.

Conclusão

Este trabalho visou contribuir para as investigações a respeito das revistas literárias e culturais da América Latina, oferecendo algumas perspectivas para a interpretação da revista como objeto de estudo importante para a indagação do século XX latino-americano. O estudo realizado se caracterizou por apresentar uma interdisciplinaridade de perspectivas. Analisou o periódico como documento da história, já que o usou como fonte para se discutir a respeito das particularidades do pensamento cultural, intelectual e político de um país. Concebendo a publicação a partir do conceito de *formação cultural*, foi possível refletir sobre a conformação de seu projeto coletivo e indagar a respeito da posição cultural e política que ele postulava. Neste caminho, a investigação da revista levou a indagações a respeito do grupo de intelectuais a ela vinculado. Os intelectuais concebidos como atores sociais, ensaístas, analistas da cultura e da política, críticos permanentes de sua cotidianidade, que utilizavam os periódicos como espaços privilegiados de debate e difusão de ideias.

Ao longo dos trinta anos de trajetória, a revista *Punto de Vista* foi organizada tendo em vista a luta para ocupar um lugar dentro do campo cultural e intelectual. Em seu começo, pode-se afirmar que não pensavam em se construir como influências importantes no debate intelectual argentino, pois era difícil manejar a própria ideia de construção de algo, devido as condições impostas pela ditadura militar. Contudo, apesar das incertezas, o grupo que ainda era pequeno priorizou a tarefa de estabelecer contatos e aprofundar laços, na tentativa de reconfigurar o campo intelectual argentino. Este era o sentido da existência do periódico, se manter como um espaço independente e aberto de debate de assuntos relacionados aos interesses dos intelectuais.

O conteúdo da revista foi constantemente escolhido tendo em vista duas características: a polêmica que as temáticas culturais e políticas podiam gerar entre a intelectualidade, provocando a discussão e a multiplicidade de interpretações; a qualidade intelectual das produções. Por isso, trazer atualizações teóricas e metodológicas que ajudassem a compreensão daquilo que se pretendia criticar era uma meta do coletivo da revista. Esta operação que visava modernizar a crítica cultural marcou *Punto de Vista* como

difusora de pensadores e ideias estrangeiras. A divulgação dos “Cultural Studies” nas páginas da revista, ficou conhecida como exemplo de sua empreitada em atualizar, modernizar e democratizar a cultura. A incorporação de novas pautas ao debate intelectual foi responsável por projetar a revista no campo intelectual após a ditadura. De outro prisma, tem-se no segundo momento, de uma forma programática, a apropriação de forma produtiva por parte do coletivo destes conceitos para apresentarem *Punto de Vista*, visando o combate pela hegemonia no campo intelectual.

Punto de Vista como plataforma de projeto de constituição de uma elite cultural e intelectual, não contava apenas com as questões referentes à análise da cultura. A escrita era definida pelo ensaio como um gênero privilegiado de expressão política e cultural, que permitia refletir, denunciar, criticar através da junção dos diferentes discursos do saber. Nos ensaios, sem o intuito de buscar a função dos autores ou os objetivos verdadeiros dos textos, pode-se afirmar que foi desenhado um perfil do intelectual de esquerda com o qual o grupo se identificava. A vida intelectual era a forma de resistência aos poderes hegemônicos e autoritários; foi no desenvolvimento de políticas culturais que o letrado poderia colaborar com sua sociedade, como cidadão. Tais convicções fizeram com que na revista fosse conservada a pauta sobre as imbricações entre a dimensão cultural e política. O posicionamento intelectual defendido era um desvio, uma nova forma de pensar as relações entre estas duas esferas. Foi uma reformulação das referências intelectuais presentes no imaginário deste campo desde o século XIX, onde o intelectual – a figura do escritor – também desempenhava a na vida pública uma prática política. Por sua vez, foi mantida a tradição mais ampla da cultura argentina – de interpretar as questões de seu tempo a partir das perguntas sobre o que era esta sociedade – através das múltiplas possibilidades oferecidas pelo discurso histórico.

Se os ensaios eram pensados como intervenções no presente, *Punto de Vista* atuou como uma construtora de um projeto político-cultural, no qual suas atualizações transformaram as tradições intelectuais, históricas e da memória. No cenário democrático, seus intelectuais identificados com a cultura política da esquerda argentina, se depararam com a urgência em reformular o pensamento no qual esta esquerda teria se baseado, para assim conseguirem se posicionar na democracia através de outras premissas. As questões

que estavam por trás eram relativas à culpa dos militantes pelo terrorismo de Estado implantado e a derrota da esquerda perante o golpe militar. O relato autobiográfico foi um instrumento usado com perspicácia na argumentação da explicação do por que a esquerda argentina teria adotado a violência como prática política. Os ensaios eram construídos considerando as memórias e subjetividades destes intelectuais que protagonizaram os sucessos. Desta forma, o coletivo de *Punto de Vista* se isentava daquela forma de fazer política, não mais aceita nos tempos democráticos, ao mesmo tempo em que suas análises apresentavam elementos autoritários e dogmáticos de uma cultura política enraizada nos partidos políticos da esquerda argentina. A culpa não era da teoria marxista, mas sim da forma como os partidos a tinham interpretado. Logo, era um dever do periódico não esquecer a responsabilidade da esquerda – sempre pensada como coletivo – para que as perspectivas democráticas fossem reafirmadas.

Pode-se inferir que a problemática tinha de pano de fundo o impacto dos processos judiciais e o imperativo de justiça e memória. A pergunta pode ser formulada desta forma: Se a esquerda era um dos demônios, porque continuar sendo de esquerda? Neste sentido, *Punto de Vista* se reinventou, se debruçou a pensar a esquerda diante dos desafios democráticos. Publicou revisões do passado que possuíam de fundo as autocríticas e as incertezas que a democracia colocava. No início do processo de democratização o debate intelectual parece ficar em segundo plano, diante da necessidade de se pensar sobre os limites da ação da esquerda e das possibilidades do marxismo enquanto teoria que se analisa a sociedade. Destas reflexões era gerada a urgência em pensar em alternativas que não estivessem acompanhadas da carga negativa que o socialismo e o peronismo traziam para o debate político. A perspectiva socialdemocrata sustentada a partir de 1983, estava relacionada à busca por uma maneira de se apresentar a sociedade.

O discurso histórico foi a base para que os intelectuais envolvidos com a publicação interpretassem os problemas de sua realidade. A História, como já foi lembrado, era compartilhada no imaginário letrado como um discurso que possuía potencialidades para resolver os problemas que de geração a geração pareciam persistir sem resolução para o povo argentino. Suas potencialidades derivavam de sua característica que consistia em projetar no passado questões relevantes para o presente. Assim, o balanço proposto em

Punto de Vista a respeito do século XIX, poderia ser revelador para a reflexão da redemocratização. O discurso também não apresentava nenhum tipo de empecilho para os fins visados, pelo contrário, criticar o passado permitia estabelecer analogias com o presente, implicava em desenvolver um ponto de vista intelectual baseado na objetividade e na imparcialidade. A crítica à sociedade era realizada brandamente, já que o discurso pregava a pluralidade e não interrogava nenhum dos participantes do processo de redemocratização abertamente. Era uma forma de se aclimatar ao ambiente democrático, manter uma cordialidade em oposição à facciosidade colocada em prática nos tempos anteriores.

Dessa forma, era o discurso histórico – pensado agora em uma perspectiva mais ampla: em diálogo com a cultura e com as tradições literárias, na reflexão da disciplina, de seus problemas, objetos e metodologias, e em como resultado de uma pesquisa histórica – foi o instrumento utilizado pelos intelectuais de *Punto de Vista* para construir como intelectuais democráticos e assim garantirem um lugar na sociedade em seu novo momento. A história argentina, dos discursos da conformação da nação e da identidade nacional, antes atrelada apenas aos discursos oficiais, passou a ser, por meio do periódico, algo dinâmico, problemático e inserido dentro do debate intelectual e cultural da Argentina. *Punto de Vista* ao priorizar em seus debates o diálogo com sua temporalidade e os constructos históricos, reivindicou um passado em suas páginas que estabelecia conexão com o presente e se projetava ao futuro.

REFERÊNCIAS

Fontes

Punto de Vista (1978-2008). *CD colección completa*. Siglo Veintiuno, 2009.

Memoria Abierta, *Testimonio de Carlos Altamirano*, Buenos Aires, 2006.

Memoria Abierta, *Testimonio de Hugo Vezzetti*, Buenos Aires, 2006.

Memoria Abierta, *Testimonio de Beatriz Sarlo*, Buenos Aires, 2006.

Memoria Abierta, *Testimonio de Hilda Sabato*, Buenos Aires, 2006.

Bibliografia

ABREU, Martha (org.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ALTAMIRANO, Carlos. **Bajo el signo de las masas (1943-1973)**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

_____. **Intelectuales: notas de investigación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

_____. **Para un programa de historia intelectual y otros ensayos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

_____; SARLO, Beatriz. **Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia**. Buenos Aires: Ariel / Espasa Calpe, 1997.

AGUILERA, Néstor; P.KLIMOVSKY. La historia, un relato ininterrumpido: Entrevista con Beatriz Sarlo. **TRAMAS, para leer la literatura argentina**. Córdoba, ano 1997, nº6, pp.145-164

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BALDERSTON, Daniel (comp.). **Ficción y política**: la narrativa argentina durante el proceso militar. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1987.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 6ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012
- BARROS, José D'Assunção. Rupturas entre o presente e o passado. Leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. In: **Revista Páginas de Filosofia**, v.2, n.2, pp.65-88, jul/dez. 2010.
- BAUER, Caroline Silveira. *Terrorismo de Estado e repressão política na ditadura cívico-militar de segurança nacional brasileira (1964-1988)*. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1151.pdf>.
- BEAUMONT, Matthew. **A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton**. São Paulo: Editora Unesp, 2010
- BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia Latinoamericana. In: **Utopia y Praxis Latinoamericana**. Maracaybo, V. 8, n. 20, pp 105-115, marzo, 2003.
- BEIRED, José Luis Bendicho. **Breve história da Argentina**. São Paulo: Ática, 1996.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.
- BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean (org.) **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- _____. Campo del poder, campo intelectual y habitus de clase. In: _____. **Intelectuales, Política y Poder**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

BRACHETTA, María Teresa. **Refundar el peronismo**: La revista Unidos y el debate ideológico en la transición democrática. 2005. Tesis de Maestría – FLACSO, Mendoza, 2005.

BURGOS, Raúl. **Os gramscianos argentinos: cultura política na experiêcia de Pasado y Presente**. 1999. Tese doutorado, UNICAMP– IFCH, Campinas, 1999.

CALDERON, F; SANTOS, M. **¿Hacia un nuevo orden estatal en América Latina?: Innovación cultural y atores socioculturales**. Buenos Aires: CLACSO Biblioteca de Ciencias Sociales, 1989.

CANELO, Paula. **El proceso en su laberinto**. La interna militar de Videla a Bignone. Buenos Aires: Prometeu, 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos: Ideias políticas numa revista de cultura. In: **Varia História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200006

_____ ; PRADO, Maria Ligia Coelho. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. História intelectual e história das mentalidades. In: _____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 23-60.

CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHIOCCHETTI, Magali. Exilio, memoria e identidades políticas, la revista Controversia: Para el examen de la realidad argentina y la revalorización democrática. In: **Revista Especializada en Periodismo y comunicación**, La Plata, v.1, nº27, pp., jul.-set. 2010.

_____. Historia y Memoria: las representaciones sobre la dictadura en Punto de Vista. In: **Revista de Cultura**. CD de las XIV Jornadas de Intercambio de Experiencias en Investigación La memoria desde perspectivas sociales, Universidad Nacional de Córdoba, 19 y 20 de Agosto de 2010 - ISBN 978-987-1727-24-7.

_____. Buenos Aires en contextos de autoritarismo y democracia: el modelo de ciudad propuesto en Punto de Vista. Revista de cultura. In: **Memorias de las XIV Jornadas de investigadores en Comunicación**, Universidad Nacional de Quilmes, 16, 17 y 18 de septiembre de 2010; <http://www.redcomunicacion.org/memorias> - ISSN 1852-0308.

_____. Bourdieu y la especificidad del campo cultural: sobre la incorporación de la sociología de la cultura en Punto de Vista. Revista de Cultura. In: CD de las VI Jornadas en Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UNLP 9 y 10 de diciembre de 2010. ISBN 978-950-34-0693-9

_____. ¿Cómo estudiar a las revistas culturales? el caso de 'Punto de Vista. Revista de cultura'. In: Actas de las IX Jornadas de Sociología "Capitalismo del siglo XXI, crisis y reconfiguraciones", Facultad de Ciencias Sociales, UBA, 8 al 12 de agosto de 2011.

CAMOU, A; TORTTI, M. C; VIGUERA, A. (comps.). **La argentina democrática: los años y los libros**. Buenos Aires: Prometeu, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHADWICH, Whitney; COURTIVRON, Isabelle. **Amor &Arte: duplas amorosas e criatividade artística**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

CRESPO, Regina Aída (org.). **Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales**. México: UNAM, 2010.

_____. “Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural”, 2010a, Disponível em:<http://www.fflch.usp.br/dh/leha>; Acessado em: 16/03/2012.

_____. “Las revistas y suplementos culturales como objeto de investigación”. *Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales*. Colima, Universidad de Colima, 2010b, Publicação em CD-Rom.

CORTÁZAR, Júlio. “A literatura latino-americana à luz da história contemporânea”. In: **Obra Crítica**, volume 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp.179-192.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS, **La cultura argentina**. De la dictadura a la democracia, Madrid, n. 517-519, julio-septiembre 1993.

DALMARONI, Miguel. Dictaduras, Memoria y Modos de Narrar: confines, Punto de Vista, Revista de Crítica Cultural, H.I.J.O.S. In: **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, p. 957-982, jul./dez. 2004.

_____. La moda y la trampa del sentido común. Sobre la operación Raymond Williams en Punto de Vista. In: **Orbis Tertius**, La Plata, v. 5, pp. 13-20, 1997.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DE DIEGO, José Luis. Campo intelectual y campo literário en la Argentina (1970-1986). Tesis de doctorado. Universidad Litoral de La Plata. Facultad de Humanidades y ciencias de la educación. Disponível em: <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.ed.ar/tesis/te.150/te.150.pdf>

_____. *¿Quién de nosotros escribirá el Facundo? Intelectuales y escritores en Argentina (1970-1986)*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2001.

ELIZALDE, Josefina. Intelectuales y política en la transición democrática. El Grupo Esmeralda. 2009. Tesis de maestría en Ciencias Sociales, FLACSO, Buenos Aires, 2009.

Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/participacion-politica-intelectuales-durante-transicion.pdf>

_____. La participación política de los intelectuales durante la transición democrática: el Grupo Esmeralda y el presidente Alfonsín. *Temas de historia argentina y americana*, 15. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/participacion-politica-intelectuales-durante-transicion.pdf>

GARGARELLA, R; MURILLO, M. V; PECHENY, M.(comps.). **Discutir Alfonsín**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

GILLIER, Baptiste. Punto de Vista (1978-1983): nacimiento de una nueva crítica. In: **Ensemble**: revista electrónica de la Casa Argentina en París, v. 5, n. 6. Disponible en <http://ensemble.educ.ar/?p=2061>

GIORDANO, Alberto; VÁSQUEZ, Maria Célia (orgs.). **Las operaciones de la crítica**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1998.

GONZÁLEZ, Alejandra Pita. “Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales”. In: MONTIEL, Celia del Palacio Montiel; MENDOZA, Sarely Martínez (coord.). **Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970**. México, Universidad Autónoma de Chiapas. 2008, pp. 77-85, p.80

GRILLO, Maria Del Carmen. “El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales”. Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010, Publicación en CD-Rom.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFMEISTER, Wilhelm; MANSILLA, H. C. F. **Intelectuales y política en América latina**: el desencantamiento del espíritu crítico. Rosario: Homo sapiens, 2003.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2002.

KOHUT, Karl; PAGNI, Andrea. **Literatura argentina hoy: de la dictadura a la democracia**. Frankfurt am Main: Vervuert, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Contraponto, 2011.

LAVAL, Hilda López. **Autoritarismo y cultura (Argentina 1976-1983)**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1997.

LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. **Localismo y Globalización: aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica**. Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas: Instituto de Historia, 2000.

LESGART, Cecília. **Usos de la transición a la democracia: ensayo, ciencia y política en la década del '80**. Rosário: Homo Sapiens Ediciones, 2003.

LEVÍN, Florencia; FRANCO, Marina (comps). **Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

LINK, Daniel. Punto de vista. In: **Radar Libros**, n. 78, p. 12, 16 de mayo de 2004. Disponible en <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-1062-2004-05-22.html>

LOPES, Marcos Antonio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MARGIOLAKIS, Evangelina. Revistas subterráneas en la última dictadura militar argentina: la cultura en los márgenes. In: **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, nº 10, p. 64-82, jan./jun. 2011..

Democracia y cambio social. In: **Revista Unidos**, Buenos Aires, N°6, agosto de 1985. Disponible en <http://www.croquetadigital.com.ar>

MATO, D. (coord.). **Estudios y otras prácticas intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder**. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002.

MERCADER, Sofia; GARCÍA Diego. Entrevista a Beatriz Sarlo: Tozuda modernidad
Disponível online: <http://artepolitica.com/articulos/entrevista-a-beatriz-sarlo/> Acessado em:
15/10/2013

MONTAÑA, María Jimena. La recepción de Raymond Williams en la revista Punto de Vista: un retorno al sujeto, la historia y la experiencia. In: **Prácticas de Oficio: Investigación y reflexión en Ciencias Sociales**, Buenos Aires, nº 5, dez., 2009.

NOVARRO, Marcos & PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática**. São Paulo: EDUSP, 2007.

OLLIER, María Matilde. **De la revolución a la democracia: cambios privados, públicos y políticos de la izquierda argentina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

OLMOS, Ana Cecilia Arias. **Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural: Una lectura comparada de Punto de Vista y Novos Estudos Cebrap**. 2000. Tesis de doctorado. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2000.

_____. Práctica intelectual y discurso crítico em la transición. Punto de Vista y Novos Estudos de Cebrap. In: **Revista Iberoamericana**, Pittsburg, v.1, n. 208-209, pp 939-955, jul./dez. 2004.

_____. Apropiações críticas: Williams y Hoggart en Punto de Vista. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS**, São Paulo, v. 2, 2002. **Anais eletrônicos... Associação Brasileira de Hispanistas**. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300005&lng=pt&nrm=abn . Acesso em: 30 jun. 2006.

_____. Revistas culturais dos 80: práticas críticas como estratégias de intervenção. In: **Estudios**: Revista del Centro de Estudios Avanzados, Córdoba, v. 1, n. 14, p. 59-67, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org). **Discurso Fundador**. Campinas: Pontes, 2001.

OUBIÑA, David. Una lectura sobre Punto de Vista. **BazarAmericano.com**, Buenos Aires, 2004. Disponível em: <http://www.bazaramericano.com/revista/oubina.htm> Acesso em: 16 ago. 2007.

PALTI, Elías José. **Historia, para qué?: revisitas a una vieja pregunta**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

PANESI, Jorge. **Críticas**. Buenos Aires, Norma, 2000.

PATIÑO, Roxana. Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas (1981-1987). São Paulo: Depto. De Letras Modernas/FFLCH/USP, 1997.

_____. Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la Argentina de los ochenta. In: **Revista Interamericana de Bibliografía/Inter-American Review of Bibliography**, v. 48, 1998.

_____. Intelectuales en transición. Las revistas culturales argentinas (1981-1987). In: **Cuadernos de Recienvenido**, São Paulo, n. 4, 1997.

_____. “América Latina. Literatura e crítica em revista (s)”. in: Souza, Eneida M. de & Reinaldo Marques (orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, pp 456-470.

PAVÓN, Héctor. **Los Intelectuales y la política em la Argentina**. 1ª ed. Buenos Aires: Debate, 2012.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003.

PUCCIARELLI, Alfredo Raúl (coord.). **Los años de Alfonsín. ¿El poder de la democracia o la democracia del poder?** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006.

RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e ciências Humanas, 2000, pp.15-62

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROCCA, Pablo. “Por qué, para qué una revista: sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano”. In: **Hispanamérica**. V. 33, n. 99, pp 1-128, dez., 2004.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

ROMERO, José Luis. **El desarrollo de las ideas em la Argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Fondo de cultura Económica, 1965.

ROMERO, Luis Alberto. “La violencia en la historia argentina reciente: un estado de la cuestión”. In: PÉROTIN DUMAN, Anne. **Historizar el pasado vivo en América Latina**. Publicação eletrônica disponível on line em: <http://www.historizarelpasadovivo.cl/downloads/introargentina.pdf>

_____. A memoria, o historiador e o cidadão. A memória do *Proceso* argentino e os problemas da democracia. **Topoi**, v.8, nº15, pp.9-23, jul.-dez. 2007

_____. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. **La pasión y la excepción**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

_____. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

_____. **Tempo Passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. **Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

_____. **Paisagens Imaginárias:** intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. Una revista en presente. **BazarAmericano.com**, Buenos Aires, 2004. Disponível em: <http://www.bazaramericano.com/revista/sarlo.htm> Acesso em: 16 ago. 2007.

_____. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia.** Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **La batalla de las ideas.** Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

_____. Intelectuales y revistas: razones de una práctica, In: **America, Cahiers du CRICCAL**, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992.

_____. Conflitos e representações culturais. In: **Novos Estudos**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 81-91, jul. 2006.

_____. “*No siento ninguna nostalgia*”. Clarín, 22/05/2004. Disponível em: <http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2004/05/22/u-762859.htm>.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo ou civilização e barbárie.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHENQUER, Laura. Los “intelectuales comprometidos”: Una mirada crítica desde los años ochenta. In: **Afuera Estudios de crítica cultural**, año III, nº5, nov. 2008.

SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introducción. In: **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, p. 647-650, jul./dez. 2004.

SEBRIAN, Raphael N. N. (org). **Do político e suas interpretações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

_____. Punto de Vista: cultura, política, história (1978-1983). In: SALES, Jean Rodrigues; FREITAG, Lilian; STANCYK, Milton (orgs.). **Região: espaço, linguagem, poder**. São Paulo: alameda, 2010.

_____. (org.). **Do político e suas interpretações**. Campinas, Pontes Editores, 2009.

SIGAL, Silvia. **Intelectuales y poder en Argentina**. La década del sesenta. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2002.

SOSNOWSKI, S. (ed.). **La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas**. Madrid-Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999.

_____; PATIÑO, Roxana (comp.). **Una cultura para la democracia en América Latina**. Mexico, DF: F.C.E. / Ediciones UNESCO, 1999.

TARCUS, Horacio. **El marxismo olvidado en la argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña**. Buenos aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1996.

_____. (director). **Diccionario biográfico de la izquierda argentina**. 1ªed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

TERÁN, Oscar. **Historia de las ideas en la argentina: diez lecciones iniciales, 1810-1980**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

_____. (coord.). **Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

_____. **Nuestros años sesentas. La formación de la nueva izquierda intelectual argentina 1956-1966.** 3. ed. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1993.

TRÍMBOLI, Javier. **La izquierda en la Argentina.** Buenos Aires: Manantial, 1988.

VEYNE. Paul. **Como se escreve a história.** Brasília: UNB, 1998.

VEZZETTI, Hugo. **Pasado y presente. Guerra, dictadura y sociedad en Argentina.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2002.

VULCANO, Gustavo. Crítica, resistencia y memoria en Punto de vista. Revista de cultura, In: *Orbis Tertius*, La Plata, n. 7, pp. 105-115. 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura.** Barcelona: Península, 1997.

WOLFF, Jorge. "Beatriz Sarlo y la nueva crítica". In: **Telquelismos latinoamericanos.** Buenos Aires, Grumo, 2009.

Anexos

1 – Biografias

Adolfo Pérez Esquivel

Esquivel nasceu em Buenos Aires em 1931. Artista e pacifista argentino, se dedicou à escultura, atividade que complementou com a docência na Universidad de La Plata, onde exerceu o cargo de professor de artes. Tendo recebido um amplo reconhecimento graças à sua atividade artística, a partir de 1971, depois de uma crise espiritual, se alinhou junto aos seguidores de Gandhi e da não violência. Fundou em 1973 o periódico *Paz y Justicia*, que logo se converteu em campeão do movimento pacifista e de defesa dos direitos humanos na área de influência latinoamericana. Foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz. Anos depois foi designado membro do comitê executivo da assembléia permanente das Nações Unidas sobre direitos humanos.

Adrian Gorelik

Nascido em Mercedes na Argentina em 1957, arquiteto e doutor em história pela Universidade de Buenos Aires, Gorelik atualmente é professor da Universidade de Quilmes. Em sua carreira foi subdiretor da Revista Punto de Vista e faz parte do corpo editorial da Revista Pismas. Dentre suas publicações estão *La grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires* (UNQ, 1998); *Miradas sobre Buenos Aires. Historia cultural y crítica urbana* (2004) e *Das vanguardas a Brasília. Cultura urbana e arquitetura na América Latina* (2005).

Ana Wortman

Doutora em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires e professora da Faculdade de Ciências Sociais da Faculdade de Economia da mesma universidade. Membro ativo do grupo de trabalho Cultura y Poder y Consumos Culturales da CLACSO. Suas últimas obras são *Construcción imaginaria de la desigualdad social* (2007), *Entre la política y la gestión de la cultura y el arte. Nuevos actores en la Argentina contemporánea* (2009) *Mi Buenos*

Aires querido. Entre la democratización cultural y la desigualdad educativa, Prometeo, 2012.

Outras revista: Revista Encuentros,

Fez parte do grupo de estudos 'Cultura y poder', Revista La marea, Revista intersecciones, revista Nueva Sociedad.

Angel Rama

Rama nasceu em Montevideo, Uruguai em 1926. Narrador, crítico e dramaturgo. Graduado na Universidad de Montevideo, dirigiu o Departamento de Literatura Hispanoamericana entre 1966 e 1969. Iniciou seu trabalho como docente, que realizou durante mais de trinta anos em seu país e em outros centros de educação superior de Hispanoamérica e Estados Unidos. No final dos anos sessenta os sucessos políticos do Uruguay o obrigam a exilar-se nos Estados Unidos. Foi professor das Universidades de Maryland e Princeton e do Middlebury College. Cultiva a narrativa em *Oh, sombra puritana* (1951) e *Tierra sin mapa* (1961) e o teatro em *La inundación* (1958) e *Lucrecia* (1959). Crítico literário, entre seus ensaios deste gênero se destacam *La aventura intelectual de Figari* (1951), *Un estudio del Lazarillo de Tormes* (1952), *Rubén Darío y el modernismo* (1970), *Diez problemas para el narrador latinoamericano* (1972) e *La generación crítica 1939-1969* (1975). Faleceu em 1983.

Beatriz Sarlo

Nascida em Buenos Aires em 1942. Sarlo atuou como professora na Facultad de Filosofía y Letras da Universidade de Buenos Aires e ministrou cursos nas universidades de Columbia, Berkeley, Maryland e Minnesota. Foi também associada do Wilson Center em Washington e do Simon Bolívar Professor of Latin American Studies em Cambridge. Beatriz Sarlo é uma das mais prestigiadas ensaístas argentinas e fez parte do corpo editorial da revista Los Libros e foi diretora da Revista Punto de Vista por 30 anos (1978 - 2008) sendo também uma de suas idealizadoras. Atualmente escreve nos jornais La Nación e Perfil, além da revista Noticias.

Carlos Altamirano

Nacido em 1939 na Argentina em Corrientes é investigador do Conicet e é atualmente professor emérito da Universidade de Quilmes onde dirigiu o Centro de Estudos e Investigações e, durante vários anos, o programa de história intelectual. Membro da revista de crítica cultural *Punto de Vista* e integra o conselho de direção da *Prismas*, revista de história intelectual. Dentre muitas obras sobre política e sociedade escreveu com Beatriz Sarlo *Literatura y Sociedad* (1983) e *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la Vanguardia* (1997).

Emilio de Ipola

Ipola nasceu em Buenos Aires em 1939. Licenciado em Filosofia pela Universidad de Buenos Aires, Doutor em Ciências Sociais pela Universidad de París, de Ipola é professor na carreira de Sociologia da UBA e realizou suas maiores contribuições na reflexão sobre o populismo e a esquerda. Publicou *Investigaciones Políticas* (1988), *Ideología y discurso populista* (1982), *Las cosas del creer* (1997) e *Metáforas de la política* (2001). Também é reconhecido pelo olhar bem-humorado (e afiado) que lança sobre a sua própria obra e a de outros.

Hector Schmucler

Nascido em Entre Ríos, Argentina em 1931, é sociólogo e semiólogo formado em Letras pela Universidad Nacional de Córdoba. Foi fundador da Revista *Pasado y Presente* junto a José Aricó entre outros. Entre 1969 e 1972 dirigiu a revista *Los libros*, juntos a muitos que depois estariam presentes na *Punto de Vista*. Em 1970 fundou no Chile a Revista *Comunicación y Cultura*. Atualmente é professor da Universidade Nacional de Córdoba.

Participações na PDV: *La engañosa transparencia* / 24; *Los rostros familiares del totalitarismo. Nación, nacionalidade y pluralidade*/ 33; *Impedir la utopia*/42; *Las exigências de la memoria*/ 68

Outras revistas: *Los libros* (co-diretor), *Comunicación y Cultura* (fundador), *Artefacto* (corpo editorial)

Hilda Sabato

Sabato nasceu em Buenos Aires em 1947. É professora titular na Facultad de Filosofía y Letras na Universidade de Buenos Aires (UBA) e investigadora principal do CONICET no Programa de Estudios de Historia Económica y Social Americana (PEHESA) do Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani". Foi membro do Institute for Advanced Study de Princeton, membro do Center for Advanced Study in the Behavioural Sciences de Stanford e, em 2003, membro do Wissenschaftskolleg Berlin. Trabalha em temas da história social, econômica e política argentina e latinoamericana do século XIX e participa de debates contemporâneos sobre o passado, a memória e a história.

Hugo Quiroga

Nascido na província de San Luis, se graduou Advogado pela Universidade Nacional de Córdoba e se tornou doutor em filosofia pela Universidade das Ilhas Baleares além do diploma d'Études Approfondies en "Études de l'Amérique Latine", Option Sciences Politiques em Paris. Atualmente é professor da Universidade de Rosário e da Universidade Nacional do Litoral. É autor de várias publicações como revistas e jornais nacionais e estrangeiros.

Hugo Vezzetti

Vezzetti nasceu em Buenos Aires em 1944. Licenciado em Psicologia pela Universidad del Salvador (1967), professor na Universidade de Buenos Aires e investigador do CONICET. Interventor y Decano normalizador da Faculdade de Psicologia da UBA durante a transição democrática, entre 1984 e 1986. Integrou o comitê de direção da revista cultural Punto de Vista. Também lecionou nas universidades de San Luis, Tucumán, Rosario e no Instituto de Altos Estudios Sociales da Universidad de General San Martín. Participou em atividades de ensino, investigação e intercambio nas Universidades de Boston, Maryland y Georgetown (EUA), no Centro de Derechos Humanos da Universidad de Postdam (Alemanha), da École de Hautes Études en Sciences Sociales de París (França), do Institute of Latin American Studies y el Institute of Germanic & Romance Studies, de la Universidad de Londres e do Instituto Iberoamericano de Berlín.

Jorge Tula

Foi um dos introdutores do pensamento de Gramsci na Argentina junto com Juan Carlos Portantiero e José Aricó com que editou a revista *Pasado y Presente*. Tula morreu em agosto de 2008 com 69 anos. Começou sua militância como dirigente estudantil na Universidade de Córdoba onde iniciou filosofia em 1960. Pertenceu ao Grupo Praxis de Silvio Frondizi. Em 1976 foi sequestrado pela ditadura quando já vivia em Buenos Aires e trabalhava na Editora Siglo Veintiuno. Ficou desaparecido e declarado preso político e em 1977 partiu para o México onde realizou trabalhos importantes para a mesma editora e foi cofundador da Revista *Controversia*. Ao retornar à Argentina pertenceu ao partido Socialista Democrático como acessor do deputado Alfredo Bravo. Em 1995 foi conselheiro da cidade de Buenos Aires e fez parte do Comitê Nacional do partido Socialista onde acompanhou a corrente liderada por Jorge Rivas, Oscar González e Ariel Basteiro. Participou também da fundação do Clube de Cultura Socialista que por coincidência foi dissolvido poucas horas antes de sua morte.

José Aricó

Nascido em Villa María, Córdoba, Argentina em 1931, foi um intelectual socialista. Fundou juntamente com Oscar Terán, Héctor Schmucler, Juan Carlos Portantiero e Samuel Kiczkowski a revista *Pasado y presente*. Foi expulso do Partido Comunista. Exilado no México, dirigiu a Biblioteca del Pensamiento Socialista. Foi professor em FLACSO e por convite de muitas universidades latinoamericanas e européias, transmitiu suas ideias por meio de cursos e conferências.

De volta à Argentina, juntamente com Juan Carlos Portantiero, fundou em Buenos Aires a revista *La Ciudad Futura* e também o Club de Cultura Socialista, que após a sua morte levaria o seu nome. Foi investigador principal do CONICET. Sua obra consta de numerosos ensaios, artigos e livros, entre eles: *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*; *Marx y América Latina*; *La cola del diablo. Itinerario de Gramsci en América Latina*. Em 1999 foram editados dois livros póstumos, *La hipótesis de Justo: escritos sobre el socialismo en América Latina*, de Editorial Sudamericana; e *Las*

Entrevistas, 1974-1991, a cargo do Centro de Estudios Avanzados da Universidade Nacional de Córdoba. Faleceu em 1991.

José Luis Romero

Nasceu em Buenos Aires em 1909. Ensaísta e historiador argentino. Considerado como um dos grandes humanistas argentinos de meados do século XX, lecionou como professor de história social e medieval na Universidade de Buenos Aires, instituição que chegou a ser reitor. Também foi decano da Faculdade entre 1963 e 1965. Especializado no estudo de história da filosofia argentina e na Baixa Idade Média, também deu aulas como professor convidado nas principais universidades hispanoamericanas e estadunidenses. Entre suas obras más sobresalentes, se destacam *El Estado y las facciones en la antigüedad* (1938), *Maquiavelo historiador* (1943), *La historia y la vida* (1945), *Las ideas políticas en la Argentina* (1946) e *Argentina: imágenes y perspectivas* (1956). Faleceu em Tokio em 1977.

José Nun

Nun nasceu em Buenos Aires em 1934. Advogado e Cientista político, foi recebido na Facultad de Derecho y Ciencias Sociales (UBA, 1961). Diploma Superior de Estudios e Investigaciones en Ciencia Política (Universidad de París, 1964). Investigador Superior do CONICET (PK). Reitor do Instituto de Altos Estudios Universitarios da Fundación Banco Patricios. Membro da Comissão de Análises de Componentes da Secretaría de Política Universitaria do Ministerio de Cultura y Educación de la Nación. Diretor Honorário e Fundador do IDAES/UNSAM e Diretor do Doutorado em Sociologia da mesma entidade. Especializou-se em problemas de desenvolvimento econômico. Secretário de Cultura da Presidencia de la Nación (2004-09). Entre suas publicações se destacam: *Crisis económica y despidos en masa* (1989), *El reinado de la crisis: el debate sobre la historia* (1992), *La marginación social y cultural* (1993), *Populismo, representación y menemismo* (1994), *Democracia: ¿gobierno del pueblo o gobierno de los políticos?*(2000) e *Marginalidad y exclusión social* (2001).

Jose Pablo Feinmann

Nascido em Buenos Aires em 1943, é filósofo, escritor e apresentador de TV. Como escritor trabalhou com áreas diversificadas como ensaios políticos-filosóficos, literatura de Ficção, dramaturgia e cinema.

Participação na PDV: Derecho de Réplica 18

Outras Revistas: Revista Envido, Revista unidos, Revista pagina12, Revista Radar.

Juan Carlos Korol

É professor titular de História Latinoamericana da Universidade de Buenos Aires. Graduado em História nessa universidade, realizou estudos de pós-graduação na Universidade da Califórnia em Berkeley (M. A. in History, 1981). Foi professor em cursos de graduação e pós-graduação em diversas universidades argentinas, européias, latinoamericanas e norteamericanas, entre elas a Universidade de Bucknell nos Estados Unidos, a Universidade Hebraica de Jerusalém e a Universidade da República em Montevideo. Escreveu numerosos artigos sobre história econômica argentina e é autor, com Enrique Tandeter, de *La historia económica de América Latina: problemas y procesos* (1999).

Juan Carlos Portantiero

Portantiero nasceu em Buenos Aires em 1934. Sociólogo pela Universidade de Buenos Aires. Foi, junto a José Aricó, um dos criadores do projeto intelectual articulado em torno da revista *Pasado y presente*. Ambos seriam impulsores nos anos 80 do Club de Cultura Socialista e da revista *La ciudad futura*. Durante a ditadura esteve exilado no México, onde participou da revista *Controversia*. De volta ao seu país, e com a volta da democracia, tornou-se professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, de onde seria decano entre 1990 e 1998. Faleceu em março de 2007.

Juan José Saer

Saer nasceu em Serodino, Santa Fe, Argentina em 1937. Escritor. Foi professor da Universidad Nacional del Litoral, onde ensinou Historia del Cine y Crítica y Estética

Cinematográfica. Em 1968 se estabeleceu em Paris e foi professor da Facultad de Letras da Universidade de Rennes. Sua vasta obra narrativa inclui livros de contos e novelas: *En la zona*, *Palo y hueso*, *Unidad de lugar*, *Responso*, *La vuelta completa*, *Cicatrices*, *El limonero real*, *Nadie nada nunca*, entre outros. Em 1983 publicou *Narraciones* (relatos), e em 1988, *Para una literatura sin atributos*. Em 1991 publicou o ensaio *El río sin orillas*, com grande repercussão da crítica, e em 1997, o livro de ensaios literários *El concepto de ficción*. Sua produção poética está coletada em *El arte de narrar*. Em 1999 publicou o ensayo *La narración-objeto*. Foi traduzido ao francês, inglês, alemão, italiano, holandês, português, sueco e grego. Faleceu em 2005.

Juan Jose Sebrelí

Nascido em Buenos Aires em 1930, foi colunista das revista Sur e Contorno, além de ser colaborador do La Nación e revista Ñ. Fez parte do primeiro grupo de existencialista da Argentina junto com Carlos Correas e Oscar Masotta e fundou a Frente de liberación Homosexual FLH junto a Manuel Pluig, Blas Matamoro entre outros.

Outras revistas: Revista Sur, Contorno

Juan Pablo Renzi

Nasceu em Casilda, província de Santa Fé, Argentina em 1940 estudou Pintura e desenho na escola de belas artes Pergamino. Estudo Bioquímica na Universidade Nacional de Rosário mas abandonou o curso para se dedicar as artes. Entre 1963 e 1966 realizou suas primeiras exposições expondo suas afinidades com o expressionismo europeu e dos estados unidos e com a nova figuração argentina. Sua Obra El general Mamburu, realizada entre 1965 e 1966 foi antecessora de uma grande mudança e representou seu engajamento na vanguarda estética e política. Na sequência de sua carreira o artista mostrou distanciamento daquilo que foi sua obra de início de carreira, as mudanças sociais e políticos do governo de Isabel Perón o fizeram se mudar para Buenos Aires em 1975 e suas obras tinha uma atmosfera intimista e manifestavam uma forma de resposta crítica às experiências da década de 70.

Leandro H. Gutierrez

Gutierrez nasceu em 1935, foi historiador, professor das faculdades de Filosofia e Letras e Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, e investigador do CONICET. Foi membro fundador do programa de Estudios de Historia Económica y Social Americana (PEHESA). Seus trabalhos mais importantes se referem às condições da vida material dos setores populares. Faleceu em 1992.

Luis Alberto Romero

Nasceu em Buenos Aires em 1944. Foi professor de história na Universidade de Buenos Aires e é investigador principal do CONICET. Leciona na Universidade Di Tella e integra o Conselho da Universidade de San Andrés. Recebeu o Premio Konex de História e a bolsa Guggenheim. Investiga a sociedade, a cultura e a política da Argentina do século XX. É autor da *Breve historia contemporánea de la Argentina 1916-2010*, que foi traduzida em inglês e português. Dirige a coleção *Historia y Cultura* da Siglo XXI Editores e colabora habitualmente nos principais jornais do país. É membro do Club Político Argentino.

Marcelo Cavarozzi

É considerado um dos cientistas políticos mais prestigiosos da Argentina. Sua larga trajetória o transformou no autor e compilador de numerosos ensaios, entre eles, *"El capitalismo político tardío y su crisis en América Latina"*, e *"El asedio a la política. Los partidos latinoamericanos en la era neoliberal"*. É investigador do CONICET e doutor em Ciencia Política da Universidad da California (Berkeley).

María Teresa Gramuglio

Gramuglio é graduada pela Universidad Nacional de Rosario. Foi professora de Literatura Argentina e de Literatura Européia do século XIX na Universidade de Buenos Aires, professora de Literatura Europea na carreira de Letras da Universidad Nacional de Rosario, foi redatora do Manifesto de *Tucumán Arde* junto a Nicolás Rosa, participou das vanguardas estéticas e políticas dos anos 60, integrou o conselho de direção da Revista *Punto de Vista* e do Club de Cultura Socialista. Tem um extenso trabalho de

investigação em literaturas comparadas, nacionalismo argentino, a revista *Sur*, as obras de Juan José Saer, Leopoldo Lugones, Carlos Mastronardi, entre outros.

Oscar Terán

Terán nasceu em Carlos Casares, província de Buenos Aires, em 1938 e faleceu em Buenos Aires em 2008. Estudou Filosofia na Universidade de Buenos Aires e no México, onde esteve exilado. Foi investigador principal do CONICET e professor na Universidade Nacional de Quilmes e na de Buenos Aires, onde dirigiu o Seminário de História Intelectual. Foi membro fundador do Club de Cultura Socialista e integrou o conselho editor da revista *Punto de Vista*. Através da sua obra e de seu trabalho como docente, Oscar Terán se converteu em um referente central no campo da história intelectual e da história das ideias na América Latina e na Argentina.

Rafael Filippelli

Rafael Filippelli nasceu em 1938 em Buenos Aires, Argentina. É diretor e escritor, conhecido por *Hay unos tipos abajo* (1985), *Música nocturna* (2007) e *Esas cuatro notas* (2004). Atualmente casado com Beatriz Sarlo.

Raul Beceyro

Beceyro nasceu em 1944. É diretor cinematográfico, crítico e fotógrafo argentino. É conhecido pelo filme *Nadie Nada Nunca* (No, No, Never – 1998) que produziu e dirigiu, baseado no romance com o mesmo nome de Juan Jose Saer. Beceyro conheceu e foi inspirado por Saer em 1962 quando Saer foi seu professor no Instituto de Cine de Santa Fe. Fez vários documentários sobre diferentes aspectos de Santa Fe, onde vive, que incluem um sobre a convenção constitucional que ocorreu na cidade e um sobre as eleições de 2007. Beceyro trabalhou em diversas funções na indústria cinematográfica argentina.

Ricardo Piglia

Piglia nasceu em Adrogué, província de Buenos Aires em 1941 e em 1955 sua família se mudou para Mar del Plata. Se formou em história pela Universidade de La Plata e trabalhou em vários editoriais sendo diretor da Revista Literatura y Sociedad e participando da

Revista Liberación. De 1969 a 1974 fez parte da redação da Revista Los Libros e colaborou com a revista Crisis. Já em 1978 iniciou sua participação na Revista Punto de Vista e em 1984 na Revista Fierro. Participou em algumas produções cinematográficas como diretor. Sua primeira publicação foi o livro *La Invasión* que lhe rendeu o prêmio Casa de las Américas em 1967. Posteriormente seu livro *Respiración Artificial* ganhou grande repercussão e foi considerado um dos romances mais representativos da literatura argentina. Piglia foi também professor da Universidade de Buenos Aires, além da Universidade da Califórnia e Princeton nos Estados Unidos.

Sergio Bufano

Periodista e escritor. Nasceu em Mendoza em 1943, mas residiu a maior parte do tempo em Buenos Aires. Trabalhou em La Prensa, Canal 13, Cuatrorrutas, Crónica. Escreveu contos infantis para Radio Municipal e colaborou com várias revistas de Buenos Aires.

Foi militante político em diferentes agrupações. Durante a ditadura, Sergio foi sequestrado e conseguiu escapar. Se exilou no México, onde fundou, entre outros, a revista "*Controversia, para el exámen de la realidad argentina*", foi secretário de redação da seção latinoamericana de Le Monde Diplomatique e acessor da Secretaría de Prensa da Presidência do México.

Escreveu o livro "Cuentos de guerra sucia", relatos baseados nas suas experiências como militante. Participou do Club de Cultura Socialista, e em 1985, cubriu como jornalista o Juicio a las Juntas. Dirigiu junto a Ariel Roth a revista Lucha Armada.

Sílvia Sigal

Sigal nasceu em Buenos Aires em 1939. Licenciada em Sociologia pela Universidad de Buenos Aires. Foi docente na Universidad de Buenos Aires até 1966 e tem ministrado cursos e seminários em universidades da Argentina, Brasil, Ecuador, Inglaterra, Itália e França. Vive em Paris desde 1973 onde é investigadora do CNRS e membro do Centre d'Études des Mouvements Sociaux de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales. Suas primeiras publicações estiveram consagradas ao estudo das classes populares: a marginalizada, a classe trabalhadora e o sindicalismo. Interessada pelo peronismo analisou,

em colaboração com Eliseo Verón, o discurso de Perón y la Juventud Peronista (Perón o muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista, Legasa 1986, EUDEBA 2003). Para identificar as raízes da adesão de intelectuais das esquerdas ao líder, estudou sua particular relação com a política na história argentina (Le rôle politique des intellectuels en Amérique latine, L'Harmattan, Paris, 1995, Intelectuales y poder en Argentina. La década del sesenta. Siglo XXI de Argentina, 2002).

Tulio Halperín Donghi

Donghi nasceu em La Plata em 1926. Advogado, professor e doutor em história (UBA. 1952, 1954 e 1955). Realizou estudos de pós-graduação na França. Professor convidado no Colegio de México e no Instituto Ortega y Gasset (Madrid). Professor na Universidade de Buenos Aires, Universidad Nacional de Mar del Plata, Universidad Nacional de Luján, Universidad de San Andrés, Universidad Tourcuato di Tella. Doutor Honoris Causa na Universidad Nacional de Luján e na Universidad Nacional de Córdoba. Atualmente é professor da Universidad de Berkeley e da Universidad de San Andrés. Colabora em numerosas revistas e publicações. Publicou uma grande quantidade de livros, entre eles: *El pensamiento de Echeverría* (1951), *La larga agonía de la Argentina Peronista* (1964), *Historia contemporánea de América Latina* (1969), *Historia de América Latina* (1970), *Revolución y guerra* (1971), *José Hernández y sus mundos* (1985), *El espejo de la historia* (1987), *Proyecto y construcción de una Nación* (1996), *Ensayos de historiografía* (1996), *Vida y muerte de la Republica Verdadera, 1910 - 1930* (1999), *La Argentina y la tormenta del mundo. Ideas e ideologías entre 1930 y 1945* (2003) e *La Republica Imposible 1930 - 1945* (2004).

